



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA
TRADUÇÃO**

Saulo Zulmar Vieira

**A PRODUÇÃO NARRATIVA EM LIBRAS: UMA ANÁLISE DOS
VÍDEOS EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E DA SUA
TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA A PARTIR DA LINGUAGEM
CINEMATOGRÁFICA**

Florianópolis
2016

Saulo Zulmar Vieira

**A PRODUÇÃO NARRATIVA EM LIBRAS: UMA ANÁLISE DOS
VÍDEOS EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E DA SUA
TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA A PARTIR DA LINGUAGEM
CINEMATOGRAFICA**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Estudos da Tradução/PGET/CCE
da Universidade Federal de Santa
Catarina como requisito para a
obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Rosso Marques

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Vieira, Saulo Zulmar

A produção narrativa em Libras: Uma análise dos vídeos em
Língua Brasileira de Sinais e da sua Tradução Intersemiótica
a partir da Linguagem Cinematográfica / Saulo Zulmar

Vieira ; orientador, Rodrigo Rosso Marques -
Florianópolis, SC, 2016.

171 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós
Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Estudos da Tradução. 2. Estudos de Tradução. 3.
Literatura Surda. 4. Linguagem Cinematográfica. 5. Libras.
I. , Rodrigo Rosso Marques. II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da
Tradução. III. Título.

Saulo Zulmar Vieira

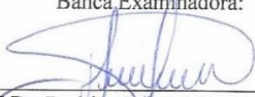
**A PRODUÇÃO NARRATIVA EM LIBRAS: UMA ANÁLISE DOS
VÍDEOS EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E DA SUA
TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA A PARTIR DA LINGUAGEM
CINEMATOGRAFICA**

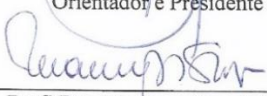
Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de "MESTRE", e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

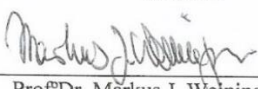
Florianópolis, 29 de setembro de 2016.

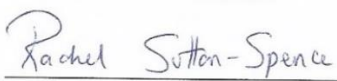
Prof.ªDra. Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução

Banca Examinadora:


Prof.º Dr. Rodrigo Rosso Marques - UFSC
Orientador e Presidente da banca


Prof.ª Dra. Marianne Rossi Stumpf - UFSC
Membro


Prof.º Dr. Markus J. Wejniger - UFSC
Membro


Prof.ª Dra. Rachel Sutton-Spence- UFSC
Membro

*Este trabalho é dedicado à minha
família, meus amigos e colegas, que,
com muito carinho, incentivo e
apoio, não mediram esforços para
que eu chegasse até esta etapa da
minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de colocar nesta dissertação os agradecimentos para as pessoas importantes que me apoiaram nesta pesquisa.

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais Zulmar Trajano Vieira e a Solange Cabral da Silva Vieira que me colocaram em uma escola especializada de surdos, incentivaram os meus estudos, me apoiaram, me deram força para continuar lutando e também por contribuírem e se dedicarem a mim.

Agradeço também ao meu orientador Dr. Rodrigo Rosso Marques, pela dedicação e por ter contribuído com conselhos em minha pesquisa de mestrado, sendo ele minha grande inspiração em fazer uma pesquisa em Língua Brasileira de Sinais – Libras.

À professora Dr. Rachel Sutton-Spence, agradeço por todo apoio das aulas, pelas interações e pelos ensinamentos na área da literatura em Libras. Agradeço também a minha banca, meus amigos e professores, por me acompanharem e me encorajarem na luta da pesquisa em estudos em LIBRAS.

À professora Mariana Hoffman Junckes, agradeço pelo apoio na revisão deste trabalho.

Agradeço também a CCE - UFSC por abrir um espaço para uma nova caminhada de estudos de pós-graduação e pesquisas para comunidade surda.

“In a signed language... the essence of sign language is to cut from a normal view to a close-up to a distant shot to a close-up again, and so on, even including flashback and flash-forward scenes, exactly as a movie editor works... Not only is signing itself arranged more like edited film than like written narration, but also each signer is placed very much as a camera: the field of vision and angle of view are directed but variable”.

Stokoe, apud Bauman, 2006.

“Na Língua de Sinais... a essência fundamental da Língua de Sinais é para trocar de uma perspectiva visual de forma normal para um *close-up*, depois um plano distante, um *close-up* de novo, e assim por diante, incluindo as cenas de *flashback* e *flash forwards*, exatamente como faz um editor de filme... Não só os sinais em si estão organizados de forma mais próxima a um filme editado do que a uma narração escrita como também cada sinalizante se situa muito mais como uma câmera: o plano e o ângulo de visão são dirigidos, mas variáveis”.

Stokoe, *apud* Bauman, 2006 (tradução nossa)

RESUMO

Esta dissertação trata sobre a presença de traços semelhantes à linguagem cinematográfica nas expressões narrativas em Língua Brasileira de Sinais (Libras) na forma de pesquisa do tipo estudo de caso. A linguagem cinematográfica é um conjunto de planos, movimentos de câmera, ângulos e montagens, que compõem o universo do filme. A expressão narrativa em Libras utiliza o entendimento da percepção visual dos autores surdos para construir significação. Tais narrativas sinalizadas fazem uso de diversas técnicas próprias da linguagem cinematográfica, como o uso de técnica visual vernacular, tradução intersemiótica, papel do personagem, classificadores, antropomorfismo, entre outros. Diante disto, objetivo da pesquisa é comparar elementos da linguagem cinematográfica e o visual vernacular da Libras. Para analisar tais aspectos, foram selecionadas três narrativas em Libras a partir de características em comum, utilizando o *software* ELAN, observando as categorias específicas da linguagem cinematográfica, quais sejam os planos e os ângulos. Os três vídeos narrativos em Libras que constituem a base de dados deste trabalho serão *O papagaio rei*, do autor Bruno Ramos, *Bolinha de ping-pong*, do autor Rimar Segala, e *Voo sobre o Rio*, da autora Fernanda Machado, os quais serão analisados segundo abordagens metodológicas qualitativa, quantitativa e descritiva. As expressões sinalizadas que os surdos veem através da tradução intersemiótica do filme estimulam os canais visuais, despertando atenção maior daquele que assiste o sinalizante. De acordo com os objetivos, o problema de pesquisa teve a seguinte formulação: Quais os tipos de planos são usados e em qual frequência aparecem nestas narrativas em Libras *O Papagaio Rei*, *Bolinha de ping-pong* e *Voo sobre o Rio*? Para isso, foram utilizados como base teórica, os autores Andrade (2015), Aumont (2009), Bahan (2006), Bauman (2006), Bernardet (1980), Diniz (1998), Karnopp (2006), Quadros e Sutton-Spence (2006), Nogueira (2010), Pimenta (2012), Rodrigues (2007), Vasconcelos (2008). Na análise dos aspectos da linguagem cinematográfica em Libras, percebeu-se que há expressões imagéticas nas narrativas em Libras nestas produções de vídeos brasileiros, que apontam diversas inovações e características imagéticas visuais próprias desta língua. Cumpridos os objetivos da pesquisa, constatou-se a existência e a frequência dos usos de planos da linguagem cinematográfica muito além do que as descobertas em outras pesquisas do gênero. Além dos tipos de planos já descritos nas pesquisas de Pimenta (2012), foram encontrados outros 22

usos recorrentes de planos nas narrativas em Libras analisadas, demonstrando mais uma vez o caráter visual das Línguas de Sinais.
Palavras-chave: Literatura Surda. Plano. Linguagem Cinematográfica. Libras.

ABSTRACT

This dissertation explores the existence of features similar to cinematic language in narratives in Brazilian sign Language (Libras) in the form of a case study. Cinematic language is made up of shots, camera angles and montage editing that make up the universe of film. Deaf authors signing Libras narratives use their understanding of visual perception to create meaning. Such signed stories make use of various techniques seen in cinematic language including the visual vernacular, intersemiotic translation, role-play, classifiers and anthropomorphism. In the light of this, the research here aims to compare elements of cinematic language with the use of visual vernacular in Libras. Three Libras narratives were selected, based on their shared characteristics and were analysed using the ELAN software, to observe the specific categories of cinematic language, such as shots and angles. The three narrative videos in Libras that provide the data for this work are *O papagaio rei (The King Parrot)*, by Bruno Ramos, *Bolinha de ping-pong (Little Ping-pong Ball)*, by Rimar Segala, and *Voo sobre o Rio (Flight over Rio)*, by Fernanda Machado. The signed utterances that deaf people see through the intersemiotic translation of film stimulate the visual channel, stimulating the interest of deaf audiences. To achieve these objectives, the research problem is proposed as: Which types of shots are used and with what frequency in the three Libras narratives *O Papagaio Rei (The King Parrot)*, *Bolinha de ping-pong (Little Ping-pong Ball)* and *Voo sobre o Rio (Flight over Rio)*. The theoretical basis for the research draws on the work of Andrade (2015), Aumont (2009), Bahan (2006), Bauman (2006), Bernardet (1980), Diniz (1998), Karnopp (2006), Quadros and Sutton-Spence (2006), Nogueira (2010), Pimenta (2012), Rodrigues (2007), Vasconcelos (2008). From analysis of the Libras narratives in these Brazilian videos, various innovations and visual images characteristic of the language were observed. The use of shots from cinematic language and their frequency were determined, adding to the existing descriptions of other research on this genre. As well as the types of shots already described by Pimenta (2012), 22 other shots were identified as occurring in the Libras narratives analysed, demonstrating further the visual nature of sign languages.

Key words: Deaf Literature. Camera shots. Cinematic language. Brazilian Sign Language.

LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1: Traduzir e Interpretar o significado da palavra	29
Figura 2.2: Tradução Intralingual.....	31
Figura 2.3: Tradução Interlingual.....	32
Figura 3.2. 1 <i>O patinho surdo</i> (Libras) – autor Alan Rodrigues	40
Figura 3.2.2: <i>O Motoqueiro Surdo</i> – autor Augusto Schallenberguer...	41
Figura 3.2.3: <i>Voo sobre o Rio</i> – Fernanda Machado	42
Figura 3.2.4: <i>A tartaruga e a lebre</i> – Nelson Pimenta	43
Figura 4.1.1: Fotógrafos cinematógrafos no ambiente	59
Figura 4.1.2: Plano Grande Geral.....	64
Figura 4.1.3: Plano Geral Externo.....	64
Figura 4.1.4: Plano Geral Interno	65
Figura 4.1.5: Plano Geral Aberto	65
Figura 4.1.6 : Plano Geral Fechado	65
Figura 4.1.7 : Plano de Situação.....	66
Figura 4.1.8: Plano Inteiro.....	66
Figura 4.1.9: Plano Americano	67
Figura 4.1.10: Plano Médio.....	67
Figura 4.1.11: Plano Próximo	68
Figura 4.1.12: Plano Primeiro (<i>Close</i>).....	68
Figura 4.1.13: Plano Primeiríssimo (<i>Super close</i>).....	68
Figura 4.1.14: Plano Detalhe.....	69
Figura 4.1.15: Plano Máster	69
Figura 4.1.16: Plano Sequência.....	70
Figura 4.1.17: Plano de Conjunto Aberto.....	70
Figura 4.1.18: Plano de Conjunto Fechado	71
Figura 4.1.19: Contra <i>Plongée</i>	71
Figura 4.1.20: <i>Plongée</i>	72
Figura 4.1.21: Plano Frontal.....	72
Figura 4.1.22: Plano Subjetivo	73
Figura 4.1.23: Plano oblíqua	73
Figura 4.1.24: Plano Zenital de cima para baixo.....	73
Figura 4.1.25: Plano Zenital de baixo para cima	74
Figura 4.1.26: Plano Reação	74
Figura 4.1.27: Plano Reflexivo	75
Figura 6.1.1: Plano Grande Geral: O filme Rio.....	99
Figura 6.1.2: Plano Grande Geral em Libras.....	99
Figura 6.1.3: Plano Geral: O filme Rio	100

Figura 6.1.4: Plano Geral em Libras	100
Figura 6.1.5: Plano Situação em Libras	101
Figura 6.1.6: Plano Inteiro – o caçador	101
Figura 6.1.7: Plano Inteiro em Libras	102
Figura 6.1.8: Plano Americano: O Filme Bolas em pânico.....	102
Figura 6.1.9: Plano Americano em Libras	103
Figura 6.1.10: Plano Médio em Libras.....	103
Figura 6.1.11: Plano Médio em Libras.....	104
Figura 6.1.12: Plano Próximo: o filme “Bolas em pânico”	104
Figura 6.1.13: Plano Próximo em Libras	104
Figura 6.1.14: Plano primeiro (<i>close</i>): O filme “Rio”	105
Figura 6.1.15: Plano Primeiro (<i>close</i>) em Libras	105
Figura 6.1.16: Plano Primeiro (<i>Super close</i>): O filme Rio.....	106
Figura 6.1.17: Plano Primeiro (<i>Super close</i>) em Libras	106
Figura 6.1.18: Plano Detalhe.....	106
Figura 6.1.19: Plano Detalhe em Libras.....	107
Figura 6.1.20: Plano de Sequência em Libras.....	107
Figura 6.1.21: Plano Conjunto aberto	108
Figura 6.1.22: Plano Conjunto aberto em Libras	108
Figura 6.1.23: Plano Conjunto Fechado.....	108
Figura 6.1.24: Plano Conjunto Fechado em Libras.....	109
Figura 6.1.25: Plano Contra <i>Plongée</i> em Libras	110
Figura 6.1.26: Plano <i>Plongée</i> em Libras	111
Figura 6.1.27: Plano Frontal	111
Figura 6.1.28: Plano Frontal em Libras	111
Figura 6.1.29: Plano Subjetivo em Libras.....	112
Figura 6.1.30: Plano Oblíquo em Libras	112
Figura 6.1.31: Plano Zenital e Plano Contra Zenital em Libras.....	113
Figura 6.1.32: Plano Reação em Libras	113
Figura 6.1.33: Plano Reflexivo em Libras	114
Figura 6.1.34: Fernanda Machado – <i>Voo sobre o Rio</i>	114
Figura 6.1.35: Rimar Segala – <i>Bolinha de ping-pong</i>	115
Figura 6.1.36: Bruno Ramos – <i>O Papagaio Rei</i>	115
Figura 6.1.37: Planos Grande Geral identificado na Libras.....	120
Figura 6.1.38: Planos Grande Geral identificado na Libras.....	120
Figura 6.1.39: Plano Grande Geral identificado na Libras	121
Figura 6.1.40: Plano Geral identificado na Libras	121
Figura 6.1.41: Plano Geral identificado na Libras	122
Figura 6.1.42: Plano Geral identificado na Libras	122
Figura 6.1.43: Plano Geral Fechado em Libras.....	123
Figura 6.1.44: Plano Situação identificado em Libras	124

Figura 6.1.45: Plano Situação identificado em Libras	124
Figura 6.1.46: Plano Situação identificado em Libras	125
Figura 6.1.47: Plano Inteiro identificado em Libras.....	125
Figura 6.1.48: Plano Inteiro identificado em Libras.....	126
Figura 6.1.49: Plano Inteiro identificado em Libras.....	126
Figura 6.1.50: Plano Americano identificado em Libras.....	127
Figura 6.1.51: Plano Americano identificado em Libras.....	127
Figura 6.1.52: Plano Americano identificado em Libras.....	128
Figura 6.1.53: Plano Médio identificado em Libras.....	129
Figura 6.1.54: Plano Médio identificado em Libras.....	129
Figura 6.1.55: Plano Médio identificado em Libras.....	130
Figura 6.1.56: Plano Próximo identificado em Libras	130
Figura 6.1.57: Plano Próximo identificado em Libras	131
Figura 6.1.58: Plano Próximo identificado em Libras	131
Figura 6.1.59: Plano Primeiro identificado em Libras	132
Figura 6.1.60: Plano Primeiro identificado em Libras	132
Figura 6.1.61: Plano Primeiro identificado em Libras	133
Figura 6.1.62: Plano <i>Super close</i> identificado em Libras.....	133
Figura 6.1.63: Plano <i>Super close</i> identificado em Libras.....	134
Figura 6.1.64: Plano <i>Super close</i> identificado em Libras.....	134
Figura 6.1.65: Plano Detalhe identificado em Libras.....	135
Figura 6.1.66: Plano Detalhe identificado em Libras.....	135
Figura 6.1.67: Plano Sequência identificado em Libras.....	136
Figura 6.1.68: Plano Sequência identificado em Libras.....	137
Figura 6.1.69: Plano Conjunto Fechado identificado em Libras.....	137
Figura 6.1.70: Plano Conjunto Fechado identificado em Libras.....	138
Figura 6.1.71: Plano Conjunto Fechado identificado em Libras.....	138
Figura 6.1.72: Plano Conjunto Aberto identificado em Libras	139
Figura 6.1.73: Plano Contra <i>Plongée</i> identificado em Libras	140
Figura 6.1.74: Plano Contra <i>Plongée</i> identificado em Libras	140
Figura 6.1.75: Plano Contra <i>Plongée</i> identificado em Libras	141
Figura 6.1.76: Plano <i>Plongée</i> identificado em Libras	142
Figura 6.1.77: Plano <i>Plongée</i> identificado em Libras	142
Figura 6.1.78: Plano <i>Plongée</i> identificado em Libras	143
Figura 6.1.79: Plano Frontal identificado em Libras.....	143
Figura 6.1.80: Plano Frontal identificado em Libras.....	144
Figura 6.1.81: Plano Subjetivo identificado em Libras	144
Figura 6.1.82: Plano Subjetivo identificado em Libras	145
Figura 6.1.83: Plano Subjetivo identificado em Libras	145
Figura 6.1.84: Plano Oblíquo identificado em Libras	146
Figura 6.1.85: Plano Oblíquo identificado em Libras	146

Figura 6.1.86: Plano Zenital identificado em Libras.....	147
Figura 6.1.87: Plano Zenital identificado em Libras.....	147
Figura 6.1.88: Plano Zenital identificado em Libras.....	148
Figura 6.1.89: Plano de Reação identificado em Libras	148
Figura 6.1.90: Plano de Reação identificado em Libras	149
Figura 6.1.91: Plano de Reação identificado em Libras	149
Figura 6.1.92: Plano Reflexivo identificado em Libras	150
Figura 6.1.93: Plano Reflexivo identificado em Libras	151
Figura 6.1.94: Gráfico sobre o vídeo em Libras <i>Voo sobre o Rio</i>	152
Figura 6.1.95: Gráfico sobre o vídeo em Libras <i>Bolinha de ping-pong</i>	153
Figura 6.1.96: Gráfico sobre o vídeo em Libras <i>O Papagaio Rei</i>	154
Figura 6.1.97: Os planos mais usados nos 3 vídeos narrativas em Libras	155

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:Tabela de Vídeos	94
Tabela 2: <i>Voo sobre o Rio</i>	116
Tabela 3: <i>Bolinha de ping-pong</i>	117
Tabela 4: <i>O Papagaio Rei</i>	118

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

IATEL - Instituto de Audição e Terapia da Linguagem

MTE - Ministério do Trabalho e Emprego

CTPS - Carteira de Trabalho e Previdência Social

AEE - Atendimento Educacional Especializado

IFSC - Instituto Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
2. A TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA	28
3. SITUANDO A LITERATURA SURDA.....	36
3.1 - AS PRODUÇÕES EM LIBRAS.....	36
3.2 - A LITERATURA SURDA	37
3.3 - FOLCLORE SURDO	44
4. UM ENCONTRO ENTRE A LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA E A LIBRAS	58
4.1 - O QUE É LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA?	58
4.2 - A LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA EM LIBRAS.	75
5. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	90
5.1 - METODOLOGIAS DE ANÁLISES EM LEITURA.....	90
5.2 - METODOLOGIAS EM USOS DE RECURSOS PARA ANÁLISES.....	93
6. RESULTADOS DA ANÁLISE DA LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA NAS NARRATIVAS EM LIBRAS	97
7. CONCLUSÃO.....	157
8. REFERÊNCIAS.....	161
8.1 - SITES, VÍDEOS E IMAGENS	164

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma pesquisa estudo de caso dentro da área dos Estudos da Tradução e uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Esta pesquisa traz muito da minha vivência, porque, sendo eu uma pessoa surda, utilizo a comunicação visual. Nós, os surdos, nos comunicamos através das Línguas de Sinais, que são de modalidade visual espacial, da mesma forma que a linguagem cinematográfica se utiliza também da modalidade (técnica) visual na sua comunicação com o público.

A história de vida da maioria dos surdos é muito parecida. Nasci surdo em uma família de ouvintes, na qual, obviamente praticava-se o oralismo¹, e eu era forçado a oralizar corretamente. Com sete anos, aluno da 1ª série do ensino fundamental, fui matriculado em uma escola regular com alunos ouvintes e também no Instituto de Audição e Terapia da Linguagem (IATEL) com alunos surdos. Passei então a caminhar em dois mundos diferentes: o da visão e o da audição. Na escola regular tinha preferência pelas disciplinas mais visuais, como Artes, Matemática e Educação Física, enquanto que nas demais disciplinas eu me sentia prejudicado por perder muito do conteúdo ensinado verbalmente, gerando um sentimento de exclusão.

Na outra escola, apenas para surdos e no contraturno, todavia, o sentimento de pertencimento e inclusão era predominante. Lá eu tentava tirar todas as dúvidas acumuladas nas aulas da escola regular e me sentia mais tranquilo por conseguir aprender o conteúdo programático. E, por todos os anos do ensino fundamental e do ensino médio, estudei em dois turnos, na escola regular e na escola “especial”, o que foi um período muito cansativo que me roubou parte da infância e da adolescência.

O IATEL sempre nos informava sobre os estágios oferecidos e fui selecionado para atuar no Ministério do Trabalho e Emprego – (MTE) quando auxiliei financeiramente a minha família, trabalhando no arquivo de processos e digitação no sistema MTE. A comunicação com os demais funcionários do MTE era oralizada, uma vez que ninguém conhecia a Língua de Sinais. Apesar da rotina de trabalho e estudos simultâneos, obtive muita aprendizagem nessa época, tanto que após terminar o ensino médio fui contratado como terceirizado na mesma empresa com um cargo registrado na Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS).

¹ Oralismo – Segundo Goldfeld (1997), é o método oral utilizado por fonoaudiólogo no aprendizado da língua oral para os surdos.

O IATEL era uma instituição muito importante para comunidade surda, pois, existindo anteriormente à Lei 10.436/2002 (Lei de Libras), já tinha percebido que a pessoa surda necessita da Língua de Sinais para ser incluído na vida acadêmica e social. O Instituto utilizava o método do ensino através da Libras mostrando tudo que o aluno surdo necessitava aprender, contemplando o ensino em Libras desde a pré-escola. Os surdos que estavam no Ensino Médio frequentavam o Instituto para fazer encontros de colegas surdos, além de pedir auxílio em conteúdos escolares.

Formei-me no Ensino Médio aos dezessete anos de idade na Escola do Ensino Médio Presidente Castelo Branco, que atualmente é Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos, na Armação do Pântano do Sul – Florianópolis. Por quatro anos consecutivos prestei vestibular na UFSC, sem sucesso. Porém, quando ofertaram o curso Letras – Libras na modalidade à distância em 2006, eu me inscrevi e fiquei feliz em pertencer à lista de espera. Não fui chamado. Até que, em 2008, prestei vestibular e fui aprovado para esse curso tão importante para a comunidade surda, em que se utilizava a minha primeira Língua para a comunicação. Estaria com colegas surdos e receberia orientações de tutoria com profissionais surdos. Foi a primeira vez que eu ingressei em uma turma de surdos, o que demonstrou ser muito interessante. Os professores da UFSC eram surdos ou ouvintes bilíngues com conhecimento em Libras. Isso me possibilitou desenvolver os estudos sem apoio extra, porque aprendi na minha primeira língua diretamente por meio do professor e com o tutor interagindo com os colegas em Libras. Foi muito agradável em estudar em um ambiente linguístico apropriado à minha identidade.

Interessei-me em aprender as metodologias para o ensino para surdos para apoiar e divulgar à sociedade, mostrando a importância da comunicação em Libras para surdos e também para educação deles, para que possam se desenvolver e se expressar em sua língua natural, aprendendo os conteúdos dos estudos de surdos através da Libras. Vejo a necessidade dessa iniciativa, pois não desejo ver as futuras gerações de surdos passarem pelas mesmas dificuldades que eu passei, frequentando escolas sem intérprete e sem apoio.

Percebo que o ensino dessa língua por professores surdos ou fluentes na Língua de Sinais tornou para mim a aprendizagem facilitada quanto aos conteúdos, já que os conceitos foram explanados e adquiri bastante clareza, podendo assim ter autonomia total. Também havia troca de informações entre meus colegas surdos e eu, pois minha turma era composta por surdos usuários de Libras. Havia um tutor surdo – que

posteriormente foi substituído por uma tutora bilíngue – o que possibilitava que a turma de surdos se comunicasse somente pela Língua de Sinais. Quando conclui a graduação, fui procurar um trabalho na área de professor de Libras.

Comecei a trabalhar na Prefeitura de São José, em Santa Catarina, como professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE) no Centro Educacional Municipal Interativo Floresta, em São José, ministrando cursos de Libras em sala de aula. O aluno surdo frequentava a sala de inclusão com os alunos ouvintes, aprendendo a língua de sinais para dialogar. Além do aprendizado em sala de aula, os meus alunos surdos frequentavam também o AEE como ensino especializado na área de Libras para desenvolver o estudo da expressão, complementando também com o ensino a história dos surdos e a cultura surda.

Com o passar do tempo me vintade de aprimorar mais os meus conhecimentos e me matriculei na pós-graduação *lato sensu* no Instituto Federal de Santa Catarina, IFSC – Bilíngue (Libras e Português), em Palhoça, onde as inúmeras pesquisas contribuem para aprendizado dos mais variados temas, como Educação de Surdos, Aspectos Políticos, Culturais e Pedagógicos, além de aprimorar a metodologia para educação de surdos. Ali encontrei poucos professores bilíngues, sendo que a maioria era ouvinte e necessitava de intérprete para traduzir os conteúdos para a Libras. A turma era para ser composta por apenas surdos, mas ocorreu um sorteio e foi maior o número de alunos ouvintes do que de surdos, além de que os ouvintes não sabiam a Libras e foram interagindo com necessidade de intérprete. Enfim, conquistei mais um título e conhecimento como pós-graduado.

Logo após esta conclusão, inspirei-me e, então, resolvi realizar mais um sonho em minha vida, entrando no mestrado na UFSC com uma pesquisa na área dos Estudos da Tradução em Libras e, assim, estou ampliando e aprofundando meus estudos na área dos Estudos de Surdos.

Na UFSC, interessei-me em pesquisar mais profundamente na área dos Estudos de Tradução porque sua contribuição é muito importante para a tradução em Libras, e, também, como eu sou uma pessoa surda, desejo pesquisar com especial enfoque no uso dos espaços visuais para a construção das expressões imagéticas. Tal enfoque torna-se necessário para mostrar a importância da tradução visual para expressão em Libras dentro da comunidade surda, pois sendo Libras uma língua visual espacial, toda a comunicação que acontece entre usuários de Libras utiliza-se e depende das expressões visuais. Geralmente, no cotidiano da comunidade surda, também podem acontecer algumas situações em que a comunicação utiliza da expressão visual em Libras para apresentar, dos

autores aos espectadores surdos, o despertar para as narrativas próprias de sua cultura. Por isso, os sinais nos espaços visuais são importantes, já que ajudam também na percepção imagética ao mostrar as ações que foram expressas em Libras.

Essa expressão visual imagética em Libras através das filmagens serve para divulgar as narrativas para comunidade surda, uma vez que elas também podem ser divulgadas nos vídeos na *internet*. A divulgação dos vídeos dá visibilidade à importância da visualização das narrativas pelos surdos, pois abre a possibilidade de adquirir a Libras, conhecerem sinais novos e assim perceber e divulgar o uso da comunicação em Libras nos mais diversos espaços.

Essas narrativas em Libras são encontradas nas tradições culturais da comunidade surda, tendo como foco a subjetividade da pessoa surda e, portanto, demonstrando o empoderamento de língua e de cultura, desenvolvendo a percepção e sinalização dos espaços abertos e visualizados.

No desenvolvimento da pesquisa, com a experiência de estudos realizados e convivendo com a comunidade surda, identificamos que o uso da Libras, em diferentes espaços e formas, apresenta técnicas visuais próprias da linguagem cinematográfica² por meio das informações de narrativas visuais, utilizando Libras com o uso dos espaços, locomovendo os braços e movimentando o corpo. Esses movimentos embasam a utilização de elementos das linguagens cinematográficas, pois tudo o que é produzido pelo autor sinalizando, conseguimos imaginar em cenas claras, mostrando formas e objetos, e assim temos a construção da imagem que o autor quis apresentar na história.

Neste trabalho, o interesse geral da pesquisa é comparar elementos da linguagem cinematográfica e da Libras como vernáculo visual em narrativas Literárias.

Também são objetivos desse trabalho: analisar três narrativas em Libras quanto à correspondência com os elementos da linguagem cinematográfica; verificar recorrência dos usos dos planos nas narrativas em Libras analisadas e classificar os tipos de planos da linguagem

² O autor Bernadet (1980) define linguagem cinematográfica como “uma sucessão de seleções, de escolhas: escolhe-se filmar o ator de perto ou de longe, em movimento ou não, deste ou daquele ângulo; na montagem descartam-se determinados planos, outros são escolhidos e colocados numa determinada ordem. Portanto, um processo de manipulação que vale não só para a ficção como também para o documentário, e que torna ingênua qualquer interpretação do cinema como reprodução do real” (BERNARDET, 1980, p. 139).

cinematográfica que foram utilizados nas narrativas, identificando semelhanças e diferenças.

Os objetivos propostos inicialmente na pesquisa foram verificar quais os tipos de planos da linguagem cinematográfica que compõem nas produções narrativas em Libras, logo outro objetivo foi investigar a existência de outros planos que existem em Libras e não estão nos tipos de linguagem cinematográfica. Para atender os objetivos propostos, realizamos um levantamento da frequência de uso dos planos e organizamos os tipos de planos que foram identificados, em conformidade das categorias da linguagem cinematográfica.

As narrativas pesquisadas nesta dissertação foram retiradas de registros postados em vídeos do *YouTube* e que foram divulgados pela comunidade surda, vídeos estes feitos por artistas envolvidos nas histórias dos surdos, e sendo formas de literatura surda. Por isso, é importante divulgar tais narrativas nas escolas para informar e incentivar a leitura de literaturas sinalizadas para pessoas surdas, motivando assim um empoderamento surdo e contribuindo para a disseminação da identidade surda.

O problema de pesquisa foi elaborado da seguinte maneira: Quais os tipos de planos são usados e em qual frequência aparecem nestas narrativas em Libras *O Papagaio Rei*, *Bolinha de ping-pong* e *Voo sobre o Rio*? Ao longo da pesquisa, outras perguntas foram sendo criadas, como: O que é plano da linguagem cinematográfica? O que é linguagem cinematográfica em Libras? Quais são os tipos dos planos da Linguagem cinematográfica? Como é que se identifica a expressão imagética na narrativa em Libras relacionando os tipos dos planos da linguagem cinematográfica? Assim, com os problemas formulados, percebi que é complexo o desenvolvimento dos problemas, mas também é interessante encontrar respostas para eles.

As narrativas em Libras são ocorrências envolvidas nas histórias da cultura surda e são contadas por usuários surdos situando nos momentos históricos dos surdos. Tais narrativas são produzidas em diversos contextos, a saber: usuários de Libras que, apropriando-se das características da Libras, traduzem ou interpretam alguns textos de outra língua, adaptados à Libras; surdos ou usuários de Libras que **adaptam**, transpondo elementos culturais, as narrativas de outra língua para Libras; usuários de Libras surdos ou ouvintes, que **traduzem** textos de outras línguas; surdos que **produzem**, autoralmente, seus próprios textos. A comunidade surda tem a subjetividade de percepção visual e tem o costume de expressar e demonstrar o uso dos espaços da Libras, contribuindo com a prática da percepção visual, do imaginário e também

a prática de expressar o uso de sinais nos usos dos espaços, como as técnicas visuais cinéticas da forma de sinalizar em planos, ângulos, movimentos e edições.

Esta pesquisa, além de colaborar com a divulgação da cultura surda, também pode contribuir para os profissionais tradutores intérpretes de Libras, pois é importante para que estes profissionais possam praticar e entender a percepção visual das produções visuais sinalizadas dos autores surdos, também para que estes possam conseguir traduzir e interpretar aquilo que o surdo expressa em sinais visuais utilizando estes tipos de planos da linguagem cinematográfica em Libras. Usuários nativos de Libras também poderão utilizar-se desta pesquisa para iniciarem o uso das técnicas visuais em cenários em suas narrativas, expressando a ficção, os movimentos, aprimorando a expressão facial/corporal e edições, tanto em dramatizações como em diálogos em Libras com as personagens diferentes. Juntando a isso, os usuários podem, a partir dos conhecimentos adquiridos neste trabalho, estudar ou pesquisar e ampliar os estudos sobre a linguagem cinematográfica, aumentando o que já se sabe a partir das pesquisas do autor Nelson Pimenta (2012) e dos resultados aqui obtidos.

Além das justificativas já apresentadas, esse trabalho também contribuirá para auxiliar no trabalho dos professores de Libras, pois, ao estudar sobre as complexidades das narrativas em Libras, os alunos poderão reconhecer e valorizar os aspectos linguísticos dessa língua e sua riqueza.

Acreditamos que esse tema auxiliará a ampliar o conhecimento do uso de tipos dos planos da linguagem cinematográfica que existem nas produções em Libras. Por isso, há a relevância de apontar e também apresentar na pesquisa os gráficos dos usos da linguagem cinematográfica dos três autores surdos, o que contribuirá no registro em Libras para promover o estudo da cultura e literatura surdas, assim como a produção de arte visual.

Esta pesquisa é importante para os Estudos Surdos sobre a Libras como uma nova orientação de trabalho, utilizando como base as narrativas em Libras. É possível também, dar suporte de aprendizagem para o uso dos diversos recursos da linguagem cinematográfica, especialmente para quem utiliza-se de vídeos em apresentações, de modo que proporcione a mobilização consciente das estratégias visuais a fim de proporcionar que o resultado seja expresso por meio de sinalizações imagéticas espaço visuais, contribuindo para a comunidade surda compreender, trocar e compartilhar ideias novas para que surjam novos espaços visuais dentro da cultura surda. Ressaltamos que as apresentações

dos tipos dos planos da linguagem cinematográfica são visíveis em Libras sem os instrumentos de câmeras, pois as produções visuais em Libras já apresentam uma linguagem cinematográfica, que vai transmitindo diversas sensações para os espectadores.

A Libras tem a sua própria maneira de narrar histórias, piadas, poesias e outros. Os aspectos imagéticos visuais da linguagem cinematográfica têm diversos tipos de usos nas sinalizações nos espaços e estilos narrativos, pois é uma forma de mostrar a percepção visual de forma mais atraente, como arte visual. A presente pesquisa tem como metodologia analisar três produções de vídeos registrados no site *YouTube*, cujos os autores são surdos e obras do tipo folclore surdo e folclore sinalizado que usa a Libras. Para isso, verificamos estes vídeos para saber quais os tipos de planos da linguagem cinematográfica foram utilizados nas narrativas em Libras.

As pessoas surdas apresentam as narrativas na forma de artes visuais, assim como o uso dos sinais nos espaços, movimentos e expressão corporal. Além disso, Sutton-Spence e Quadros (2006), Klamt (2014), Machado (2013), Andrade (2015), Pimenta (2012) abordam que a Libras possui outros elementos que compõem a sinalização, como o antropomorfismo, classificadores, simetria, ritmo, movimentos lento ou rápido, o uso do corpo como a troca do papel dos personagens e uso de expressões faciais e corporais. Sinalizar é uma arte visual em que se representa a expressão corporal e pela qual pode-se representar os tipos dos planos da linguagem cinematográfica para melhor fazer compreender as cenas e enfatizar determinada informação ou personagem.

Bauman (2006) defende que os autores surdos, em sua fluência na Libras, por si só, expressam manifestações linguísticas que permitem a observação de diferentes perspectivas, que podemos chamar de cenas³. Assim, essas cenas podem apresentar os usos de vários tipos de planos da linguagem cinematográfica, nos quais a imaginação do autor mobiliza para fazer com que os espectadores imaginem a ação clara que os autores surdos contam nas narrações em Libras.

Este trabalho foi organizado em capítulos e seções, sendo que, no segundo, a temática versa sobre a tradução intersemiótica. Nele, apresentamos os aspectos e significado de um signo linguístico bem como, exemplifica os contextos do uso da imaginação na tradução

³Aumont (2003) define cenas como “um segmento que mostra uma ação unitária e totalmente contínua, sem elipse nem salto de um plano ao outro” (AUMONT, 2003, p. 45-46).

semiótica. Dessa forma, os usuários, procuram reconhecer ou não o significado das palavras e traduzi-las de forma imagética. Assim, nesse estudo, apresentamos o autor que cita os três exemplos de tradução dos signos linguísticos primeiro a tradução intralingual, seguidos da tradução interlingual e a intersemiótica. Esses tipos de tradução servem como subsídio na compreensão do sinal pela semiótica e, assim, mostrar como acontece o processo linguístico que busca o entendimento visual imaginando o significado da Língua de Sinais. Percebemos que as narrativas em Libras mostram a sua expressão visual utilizando uma compreensão de tradução intersemiótica.

No terceiro capítulo, abordamos a Literatura surda. Nele, mostramos alguns exemplos de como identificar o texto, que tanto pode ser escrito, como na forma de pinturas, imagens, entre outros. O texto literário tem uma expressão de pensar, refletir e imaginar, que pode ser representada na poesia, no teatro, nas pinturas, na música, nas lendas, nas historinhas e outras, mas este texto pode ser escrito ou visual, como é o caso da Libras, pois a língua, no texto, funciona como uma forma de informar e interagir. Os vídeos em Libras, por exemplo, são produções de textos que são, ao mesmo tempo, leitura e apresentação artística para divulgar a sua cultura surda ao povo surdo em comunidades surdas e assim adquirir conhecimentos (KARNOPP, 2006). Através da literatura surda são passadas através das gerações, dos mais velhos para os mais jovens, também são narrativas constituintes da literatura de um povo. Por sinal, os surdos também têm a mesma forma de apresentar uma produção narrativa em Libras, gerando a informação para a comunidade surda (STROBEL, 2008; HESSEL, 2015).

Na seção 3.1, apresentamos um material produzido em Libras, ou seja, a utilização dos diálogos visuais para informar ao meio da comunicação das pessoas surdas. Esta produção em Libras é constituída a partir da comunicação da comunidade surda, nos meios em que o sujeito surdo encontra o outro sujeito que saiba a Libras e conversam através desta língua e produzindo uma troca em espaço visual em Libras.

A produção pode também ser individualizada, na forma de contação de histórias, mostrando as informações situadas na comunidade surda. Pode existir uma produção em Libras através do uso da experiência visual, vivenciada ao seu cotidiano, como, por exemplo, acontecimentos na cultura surda ou na cultura ouvinte, construindo os textos narrativos em Libras por meio de contação de histórias (MOURÃO, 2011; STROBEL, 2008). Assim, a literatura surda possui os vários tipos de gêneros literários, como as piadas, poemas, histórias, fábulas, metáforas, lendas entre outros.

As narrativas em Libras se multiplicaram dentro das comunidades surdas através dos recursos tecnológicos, como a *webcam*, câmera, filmadora, *apps* e redes sociais na internet (HESSEL, 2015, p. 15). A partir disso, foram sendo divulgadas muitas informações geradas em diversos contextos sociais, com situações ocorridas dentro e até mesmo fora da cultura surda. O site do *YouTube*, deu visibilidade a muitos autores surdos que produziam em Libras, muitas narrativas literárias desenvolvidas para a cultura surda. Nathan Lerner e Feigerl (2009) defendem que há também algumas outras histórias que foram traduzidas da escrita da Língua Portuguesa para vídeo em Libras, além de outras histórias que foram criadas por autores surdos por meio do convívio no momento da história da comunidade surda.

A seção 3.2 trata sobre como a literatura surda é uma linguagem visual, e, mesmo assim, uma arte literária, pois nela os valores da cultura surda são reconhecidos. Além disso, os grupos de escritores surdos que produzem materiais em Libras, são instrumentos de informação e comunicação da comunidade surda, que constroem a história produzida em Libras, seja por ouvintes ou surdos. Isso permite que a cultura surda cumpra sua função transportando o conhecimento das representações sociais para dentro da construção literária. Na educação dos surdos é importante mostrar as produções e narrativas em Libras publicadas, para que os alunos possam conhecer e, incentivados, venham a produzir novas literaturas surdas, principalmente as crianças, jovens e adolescentes que frequentam as escolas, pois isto é importante para uma construção da sua língua, sua identidade e sua cultura surda (KARNOPP, 2010).

Os folclores surdos são temas da seção 3.3. São novos termos da cultura surda, utilizados para a referência dos surdos desde o nascimento, nos quais, utilizando a Libras, como da identidade e cultura surda, são produzidas e contadas nas histórias em Libras através convívio com os surdos adultos, aprendendo os costumes de artefatos culturais (QUADROS e SUTTON-SPENCE, 2006). Nisto eles também apresentam uma percepção visual, que observam a situação desenvolvidas no fato da comunidade surda o que inclui as histórias, piadas, poesias contadas em Libras.

A seção 3.4 fala sobre a importância do antropomorfismo que é quando os surdos apresentam em sua produção narrativa o papel de objetos inanimados ou de animais, atribuindo a eles sentimentos e falas humanas. O antropomorfismo é importante pois o autor surdo usa essa estratégia para auxiliar ao espectador a compreender os enredos, diálogos, os sentimentos e emoções envolvidas nas histórias. Este texto apresentará as figuras de alguns exemplos do antropomorfismo e dos tipos de

narrativas que apresentam o uso do antropomorfismo, pois é interessante saber qual é a maneira de utilizar essa estratégia na representação dos objetos, animais e outros não-humanos (SUTTON-SPENCE e NAPOLI, 2010; ANDRADE, 2015).

O quarto capítulo foi destinado ao tema: “Um encontro entre a linguagem cinematográfica e a Libras”. Sabemos que a linguagem cinematográfica é usada como forma de comunicação do cinema, que nos filmes aparece na forma de planos, movimentos, dimensões, os ângulos e edição, pois estes campos de filme são muito importantes para os espectadores se sensibilizarem com a sensação do filme, mostrando as cenas que apresentem da melhor forma possível o uso do ambiente. Os autores cineastas se utilizam dos tipos de linguagem cinematográfica nos filmes mobilizando-as nas edições de filmes, a fim de mostrar as funções dos personagens utilizando os planos, movimentos e outros (BAUMAN, 2006; PIMENTA, 2012).

Os surdos expressam suas narrativas em Libras em vídeos da mesma forma que um cineasta usa os aspectos da linguagem cinematográfica, ou seja, para proferir uma estrutura da Libras que possa contar uma história considerada uma imaginação imagética, além de se expressar no papel da personagem, o autor utiliza características de apresentação, como a arte visual, antropomorfismo, o classificador, ritmo, troca de papel de personagem, expressão facial/corporal e entre outros (BAHAN, 2006). Os vídeos em Libras possuem essas cenas que expressam linguagem cinematográfica. Desse modo, a linguagem cinematográfica é o conjunto de planos, movimentos de câmera e ângulos, através dos quais imagens que os sinalizantes expressam nos espaços diferentes são demonstradas por meio de uma estrutura da percepção visual, para qual os surdos possuem a semiótica (BAUMAN, 2006).

Na seção 4.1, serão analisados os elementos básicos dos tipos dos planos da linguagem cinematográfica, com exemplos de diversos filmes e vídeos em Libras apresentados por autores surdos. Os autores como Bahan (2006), Pimenta (2012) e Bauman (2006) serão visitados, os quais abordam as diversas semelhanças entre a linguagem cinematográfica e as produções em Língua de Sinais.

Além da presença dos diversos tipos de planos, os filmes e as narrativas em Libras possuem semelhanças em suas estruturas, já que tanto a gramática da Libras quanto as produções cinematográficas possuem regras que lhes conferem coerência interna, o que as caracteriza como vernáculo visual. Bauman (2006) destaca que Bernard Bragg, como artista surdo, usa técnicas cinéticas visuais, e Metz (1974) *apud* Bauman (2006) relata que as línguas de sinais possuem três aspectos

cinematográficas, ângulos, *shot* (tomada) e edição. Para eles, a Língua de Sinais possui a capacidade das expressões imagéticas cinematográficas dentro das narrativas em Libras através do uso das artes visual e espacial.

Utilizaremos os estudos do autor Pimenta (2012), cuja pesquisa teve como mote principal os cinco planos da linguagem cinematográfica, analisando a imagética visual em Libras. Também outros autores que, em suas pesquisas, desenvolveram outros tipos de planos, dentre eles, Nogueira (2010) e Rodrigues (2007).

Nogueira (2010) apresenta 14 tipos de planos da linguagem cinematográfica e Rodrigues (2007) mostra 16 tipos, contudo, em minha pesquisa, analisaremos os 24 tipos de planos, porque estes se parecem com os cinco planos que Pimenta (2012) apresentou em sua dissertação de mestrado. Descreveremos outros espaços da linguagem cinematográfica que são os ângulos e movimentos de câmera que também fazem parte dos planos e, assim, demonstrar que essas estratégias existem na produção narrativa em Libras.

No quinto capítulo, descrevemos o delineamento e os instrumentos metodológicos utilizados na pesquisa. Em especial, como os dados em vídeo, que contém as expressões em Libras, foram coletados e analisados utilizando o *software Elan*, para esclarecer os critérios de análise de tipos dos planos da linguagem cinematográfica. Com isso, os elementos básicos da pesquisa são os planos e o modo como impactam nas narrativas em Libras, o que será estudado a partir de um embasamento teórico dos autores utilizados neste trabalho, mostrando a informação das interpretações dos dados com as quantidades de uso do espaço visual nos planos da linguagem cinematográfica. Depois desta interpretação dos dados, explanaremos os dados contidos em forma de tabelas e gráficos dos usos dos tipos dos planos da linguagem cinematográfica embutidos nas narrativas em Libras e também a importância dos resultados para concluir e mostrar a análise qualitativa desta investigação dos planos da linguagem cinematográfica.

Esta metodologia de pesquisa trata de um estudo de caso com enfoque exploratório, isto é, através de abordagens que envolvem o uso de estratégias qualitativa, quantitativa e descritiva, pois usaremos os instrumentos de trabalho analisando e descrevendo os vídeos utilizando o *software Elan* para colocar as análises nos critérios de tipos dos planos da linguagem cinematográfica em Libras nos três vídeos com narrativas em Libras. Após isso, explanaremos as interpretações dos dados e explicaremos os dados nos resultados, pois eles comprovam que existem os planos da linguagem cinematográfica nas narrativas em Libras,

considerando-se tal tipo de verificação inicial como sendo um marco histórico recente, que permanece tendo que ser construído cada vez mais.

Os surdos produzem as expressões em Libras e estas expressões podem ser narrativas, como as contações de histórias, o humor, as poesias, as fábulas, as peças de teatro, suponhamos que todas estas narrativas serão filmadas, com os tipos de planos da linguagem cinematográfica, estas cenas filmadas terão a câmera *linkando* com o movimento do ator surdo.

Para que seja possível ter os tipos de planos das diferentes perspectivas da produção de narrativas em Libras, analisaremos os variados tipos de planos cinematográficos inseridos nas narrativas em Libras e, de tal modo, que possamos saber quais são coerentes, sendo possível averiguar quais são os resultados que existem em relação a quantos são e se são os mesmos ou apenas os planos da linguagem cinematográfica descrita pelos autores.

A partir disto, vamos conhecer a literatura a respeito dos estudos de tradução, que é de suma importância para conhecer a área na qual se insere este trabalho. Através da tradução intersemiótica, realizamos a percepção visual e a imaginação na relação imagética, pois ela usa estratégias da produção de textos literários em Libras para organizar a maneira de expressar através das técnicas visuais de linguagem cinematográfica.

2. A TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA

O estudo da tradução está ganhando mais espaços no meio acadêmico, visto que as publicações na área vêm se intensificando. Junto a isso, percebemos que a base de pesquisa vem sendo os estudos linguísticos. Tais estudos estão ancorados no estudo dos aspectos linguísticos da tradução, elaborados pelo autor russo Roman Jakobson, em seu livro publicado no Brasil a “Linguística e Comunicação”, de 1974. É uma obra linguística fundamental que se mantém atual e que contribuiu para a teoria da comunicação, a saber: a literatura, gramática, tradução, a arte e a fala. Neste livro encontramos muitos elementos para auxiliar nos estudos de tradução e estudos linguísticos.

Para o linguista como para o usuário comum das palavras, o significado do signo linguístico não é mais que sua tradução por um outro signo que lhe pode ser substituído, especialmente um signo `no qual ele se ache desenvolvido de modo mais completo`, como insistentemente afirmou Peirce, o mais profundo investigador da ciência dos signos (JAKOBSON, 2007, p. 64).

Todos os usuários comuns já viveram a experiência de buscar entender o significado de uma palavra em sua mente, tentando imaginar com base em suas experiências vividas, mas, mesmo assim, se não reconhecer o significado. E, pelo fato de virem as dúvidas para compreender a palavra, é possível empregar o outro signo linguístico para conseguir entender o significado dessa palavra.

Jakobson explica que, em muitas situações, observou que algumas estruturas linguísticas se relacionam nos processos de tradução, em que são empregados signos linguísticos ou a linguagem verbal e não verbal. Ele define que, dificilmente, o significado de uma palavra possa ser entendido sem apoio de alguma informação não linguística, ou seja, que não tem apoio de instruções verbais. Nas palavras do autor,

O significado da palavra ‘queijo’ não pode ser inferido de um conhecimento não linguístico do *roquefort* ou do *camembert* sem a assistência do código verbal. Será necessário recorrer a toda uma

série de signos linguísticos se quiser fazer compreender uma palavra nova.

Apontar simplesmente o objeto não nos fará o entender se “queijo” é o nome do espécime dado, ou de qualquer caixa de *camembert*, o do *camembert* em geral, ou de qualquer queijo de qualquer produto lácteo, alimento ou refresco, ou talvez de qualquer embalagem, independentemente de seu conteúdo (JAKOBSON 2007, p.64).

Segundo o exemplo utilizado pelo autor, torna-se importante ampliar o sentido de expressão com o substantivo 'queijo' dizendo, por exemplo, que faz parte de um grupo de alimentos, de laticínios ou derivados do leite, pois todos os linguistas têm uma visão dos signos diferentes. Assim, podemos traduzir e interpretar de uma língua para outro signo da mesma língua ou apresentar um sistema de símbolo ou imagens.

Figura 2.1: Traduzir e Interpretar o significado da palavra



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Neste exemplo, Jakobson cita três tipos de tradução por um signo da linguagem verbal ou não verbal: a tradução intralingual, tradução interlingual e a tradução intersemiótica. O autor relata da seguinte maneira:

Distinguimos três maneiras de interpretar um signo verbal: ele pode ser traduzido em outros signos da mesma língua, em outra língua, ou em outro sistema de símbolos não verbais. Essas três

espécies de tradução deve ser diferentemente lígua (JAKOBSON, 2007, p. 64).

Sabemos que essas três modalidades de traduções são uma base fundamental a ser compreendida para o conhecimento específico na área dos estudos da tradução. Reiterando para Jakobson (2007, p. 64),

[...] tradução intralingual consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua. A tradução interlingual ou tradução propriamente dita consiste na interpretação dos signos verbais por meio de uma outra língua. A tradução intersemiótica ou transmutação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de signos não verbais.

A tradução é um termo que comumente se associa a apenas traduzir e enunciar de uma língua para outra língua, mas Vasconcelos (2008), apresenta o conceito de tradução como:

Atualmente, seu leque de significados é muito amplo e além do original — transferir quer dizer, entre outras coisas, também — transpor, trasladar de uma língua para outra, — revelar, explicar, manifestar, explanar, — representar, simbolizar. Traduzir no sentido de — passar de uma língua a outra é uma metáfora do ato físico de transferir. (VASCONCELOS, 2008, p. 1-2; p. 26).

Embora a palavra traduzir possa indicar somente a ação do tradutor, o significado é um ato muito amplo para se definir. Esse é só um elemento principal e básico, que traduzir é de uma língua para outra língua e pertence somente a modalidade de tradução interlingual. A tradução intralingual é uma forma que traduz conceitos dentro da mesma língua e, normalmente, são conhecidos como uma interpretação própria, ou seja, paráfrase, e, com isso, interpreta os signos verbais por outros da mesma língua. Jakobson (2007, p. 65) defende que a tradução intralingual de uma palavra utiliza outra palavra, mais ou menos sinônima, ou recorre a um circunlóquio.

Essa interpretação de uma língua para mesma língua, a tradução intralingual, imprime no texto marcas de um lugar, que tem a sua cultura e suas técnicas de compreensão do texto, pois dá para perceber quando a

tradução é um exemplo de um texto comum e muito utilizado na mesma língua, e quando tem um vocabulário muito complexo e, que é traduzido para vocabulário frequente, ou seja, uma linguagem técnica para a linguagem cotidiana.

Figura 2.2: Tradução Intralingual



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Tendo visto isso, a tradução interlingual é quando a mensagem é transmitida por meio de diferentes idiomas, é uma interpretação de uma língua para outro idioma, por exemplo, da língua portuguesa para língua inglesa. Existe também a possibilidade de tradução de signo verbais para outra língua, tipo a forma de um signo verbal transmitindo em códigos diferentes para a fonte.

Segundo Jakobson (1995, p. 65), no nível da tradução interlingual não há comumente equivalência completa entre as unidades de código, ao passo que as mensagens podem servir como interpretações adequadas das unidades de código ou mensagens estrangeiras.

[...] frequentemente, entretanto, ao traduzir de uma língua para outra, substituem-se mensagens em uma das línguas, não por unidade de código separadas, mas por mensagens inteiras de outra língua. Tal tradução é uma forma de discurso indireto: o tradutor recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte. Assim, a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes (JAKOBSON, 1995, p. 65).

Para o autor, as mensagens inteiras substituem-se de uma língua recebida de outra fonte. Portanto, traduzir a mensagem tem a diferença e equivalência dentro do público-alvo. Um exemplo é a tradução dos provérbios em português e em inglês. “*If it ain’t broke don’t fix it*” – “Não se mexe em time que está ganhando”.

Figura 2.3: Tradução Interlingual



Fonte: Desenvolvido pelo autor

A última modalidade de tradução é a intersemiótica, isto é, uma expressão de signo verbal que é transmitida para outro sistema semiótico, tipo as imagens, linguagem visual, a arte, teatro, filmes. Assim, o tradutor, em vez de estar atento aos signos verbais, concentra mais a informação no pensamento a ser entregue, enquanto a imaginação constrói a figura do significado da palavra, em seguida, traduzindo em uma imagem que lançará a mensagem para o receptor.

A tradução intersemiótica, definida como tradução de um determinado sistema de signos para outro sistema semiótico, tem sua expressão entre sistemas os mais variados. Entre as traduções desse tipo, encontra-se a das artes plásticas e visuais para a linguagem verbal e vice-versa, assunto que tem sido estudado por muitos autores contemporâneos como Nelson Goodman, Michael Benton, Mario Praz, Júlio Plaza, Solange Oliveira e outros (1998) (DINIZ, 1998, p. 1).

Para o autor, a tradução intersemiótica é utilizar um signo verbal para sistemas de signos não-verbais, observando que isso é importante, pois existem sistemas de signos linguísticos que empregam a comunicação através dos signos visuais, isto é, as línguas de sinais.

Interessante que o signo linguístico possibilita uma percepção visual ampla através das imagens, assim como os usuários da Língua de Sinais, pois possuem muitos recursos visuais e usam os sinais através da característica da forma da imagem específica para se comunicar com o receptor da sua mensagem através da Língua de Sinais.

Com isso, a Língua de Sinais possui dois tipos de sistemas de signos semióticos na escrita e no vídeo. A escrita de *SignWriting*⁴ é um sistema de escrita através de sinais visuais, e o vídeo é um recurso de registro dos signos verbais falados.

Consequentemente, o signo visual permite observar e compreender as situações envolvidas através de um olhar pelas imagens, buscando assim uma linguagem visual de recursos disponibilizados, como a literatura, história sem texto, figuras, expressões faciais, animação, desenhos, gibis, caretas, literatura, teatro, animação, linguagem corporal, etc. Com isto, tanto quem produz como quem visualiza uma narrativa em Língua de Sinais age de forma criativa pois é preciso construir – o pensamento e criar a interação de ideias envolvidas nas informações do interlocutor. Campello (2008, p. 100) afirma que o signo visual:

[...] percepção visual e construção de ideias e imagens visualizadas que regem ou se constituem como princípios da língua natural e da modalidade comunicativa que possibilita a interação comunicativa entre os Surdos em um mesmo ambiente linguístico ou distinto deles. Os signos visuais (ou do som da palavra para os oralizados) criam uma língua quando repassam uma ou várias informações para o cérebro e este passa para uma ação verbal ou sinalizada. E, estas informações só são significadas quando houver um sinalizante ou observador que compartilhe os mesmos conceitos contextuais. (CAMPELLO, 2008, p. 100)

O signo visual é utilizado pelos usuários surdos que tem a experiência visual, observando as imagens e interagindo com a imaginação. Podemos considerar então que esses são elementos de uma tradução intersemiótica, já que usam imaginação para descrever a imagem em Língua de Sinais. Assim, os signos linguísticos constituem a produção narrativa em Língua de Sinais com outros signos da mesma língua. A

⁴ *SignWriting* é uma escrita de língua de sinais.

narrativa apresenta a sua cultura surda, através da história semiótica, pois elas são como os clássicos, literatura, poesia, teatro e entre outros.

Concluindo, a Literatura em Libras é produzida ou traduzida por meio da tradução intersemiótica. Algumas obras trazem as experiências da subjetividade do surdo e que participa na cultura surda incluindo os aspectos linguísticos, culturais e tradição, embutidos nos signos visuais a sua língua. A Libras é usada pela maioria dos usuários surdos, e usuários ouvintes usam a Libras através do seu interesse nos grupos de pessoas surdas, ou se há filhos e parentes surdos, quando adquirem a língua para obter as informações e interação por intermédio da Libras, visto que se trata de língua visual espacial utilizada para comunidade surda. Desse modo, aos poucos, todos têm acesso pela cultura surda, por meio das escolas bilíngues e associações, adquirindo sinais modernos, desenvolvendo a percepção visual e recebendo a sua percepção semiótica ao imaginar o que o interlocutor sinaliza.

Muitos tradutores de Português para Libras fortalecem as informações do sistema semiótico para surdos, pois sabem que essa tradução é intermodal com objetivo de traduzir para usuários de Libras a experiência de signo visual.

A seguir vamos observar que existe a literatura surda, a qual apresenta registros como tradução de livros infantis com histórias adaptadas para a realidade da cultura surda, entre outros. Essa literatura também se dá através de expressões visuais como o uso de filmagens postadas no *YouTube*.

3. SITUANDO A LITERATURA SURDA

3.1 - AS PRODUÇÕES EM LIBRAS

As produções em Libras, são expressões visuais espaciais, meio de comunicação das pessoas surdas. O uso desta língua é próprio à comunicação da comunidade surda. A interação acontece quando o sujeito surdo encontra o outro sujeito que domine a mesma língua e conversam através dela. Essa possibilidade de se comunicar por meio da Libras pode oportunizar uma produção e uma expressão da Libras que mostre a experiência visual vivenciada no cotidiano, constituindo textos narrativos que expressem sua cultura surda, contando a história em gêneros literários que podem ser piadas, poemas, histórias, fábulas, metáforas, lendas, entre outros (MOURÃO, 2011).

Cada momento histórico contou com as gerações que transmitiram suas histórias comunitárias. Os surdos não são diferentes, e atualmente os jovens surdos recebem essa carga cultural através também dos recursos tecnológicos, com o desenvolvimento de muitos aparelhos que auxiliaram os surdos a produzir as narrativas em Libras, como as *webcam*, câmeras e filmadoras (STROBEL, 2008; HESSEL, 2015). Com isso, disseminaram-se muitas informações produzidas na cultura surda, como o *site* do *YouTube*, que apresenta muitos autores surdos narrando a história em Libras.

Percebemos que há diferentes tipos de interpretações de histórias narradas em Libras. Felício (2013) apresenta a interpretação dessa produção da literatura em Libras para ajudar a desenvolver a cultura surda. Mourão (2011) defende que os gêneros literários são importantes para as pessoas surdas, por estarem aprendendo a lidar e também a ter conhecimento de outras formas de cultura, como as contações dos clássicos da Língua Portuguesa, pois assim os surdos interagem e convivem com o restante do povo brasileiro (NATHAN LERNER e FEIGEL, 2009).

Como qualquer povo, a comunidade surda possui a sua cultura, que de algumas formas é diferente da cultura dos ouvintes do Brasil, mas, como todos vivem em um mesmo território, algumas formas culturais são semelhantes. No Brasil, a principal língua é o Português, a literatura feita

por ouvintes e é ensinada nas escolas. Sendo assim, é importante que o surdo compreenda os estudos literários das duas situações, tanto as produções que são interpretações para Libras de histórias clássicas como a de gêneros da literatura estudada no Brasil (SUTTON-SPECE, 2006).

3.2 - A LITERATURA SURDA

A Literatura é importante para as pessoas, pois reflete momentos históricos dos fatos que acontecem no mundo. Para isso, é importante compreender a situação dos contextos históricos culturais e os movimentos literários para se conhecer também a história.

Desta maneira, as obras da literatura vêm sendo traduzidas das línguas orais e escritas para a língua dos surdos, como vídeos em Libras (KARNOPP, 2006; NATHAN LERNER e FEIGEL, 2009; FELÍCIO, 2013). As produções em língua oral vêm das tradições da cultura em cada região e podem expor histórias, piadas, poesias, através dos quais há possibilidade de compreender a situação e sentir a sensação contada pelos autores. Aqueles que ouvem as produções podem até recriar e recontar a mesma situação a fim de expressar o que ouvia do autor das histórias, numa forma divulgar a importância de toda comunidade entender o que foi contado. Ao longo dos anos as produções literárias orais passaram a ser registradas em registros escritos contados em cada região, pois é um valor escrito da literatura em sua cultura, fazendo uma leitura para informar e interagir a relação da sua cultura.

Percebemos e compreendemos que o assunto da literatura está envolvido na história e na cultura. Da mesma forma, ao pensar a Literatura Surda, é a mesma situação, acontece o mesmo reflexo. São os surdos, na sua comunidade, que é o local onde fazem os seus encontros com outros sujeitos surdos, que estão inseridos no contexto da cultura surda. Esses usuários em Libras se expressam na modalidade gestual-espacial e “ouvem” pela percepção visual, para compreender as suas histórias narradas dentro da sua cultura surda.

Em decorrência disso, os surdos começaram a entender que é importante registrar e publicar as narrativas da literatura surda nas escolas, onde participam os alunos surdos, de modo que possibilite o reconhecimento e afirmação de suas particularidades, do seu mundo e da sua cultura surda (QUADROS e SUTTON-SPENCE, 2006).

A Literatura Surda também é constituída pelas histórias produzidas em Libras pelas pessoas surdas, pelas histórias de vida que são

frequentemente relatadas, pelos contos sinalizados, fábulas sinalizadas, piadas sinalizadas, poesias sinalizadas, jogos de linguagem em sinais e muito mais, pois tais narrativas permitem que as suas funções sejam socialmente mediadas e constituídas, propiciando o conhecimento das representações sociais através do reconhecimento das construções literárias.

[...] literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente (KARNOPP, 2006, p. 102).

A partir disso, criam-se os estudos da tradução da Literatura Surda de outros países para a Literatura Brasileira de Sinais, nas quais se apresenta uma tradução ou adaptação para cultura surda, ou em textos escritos em Libras ou escrita de sinais (*SignWriting*) (KARNOPP, 2006).

Esta expressão de Literatura Surda envolve as histórias que usam a Libras, em que a identidade e a cultura surda têm a sua experiência vivenciada ao seu mundo visual, até o presente.

A comunidade surda precisa produzir e registrar mais materiais em Libras, visando divulgar os textos narrativos em Libras, para poder disseminar a literatura contada por surdos, na qual mostrem as suas experiências surdas, passando de geração para geração e assim assegurando o empoderamento do povo surdo, como já foi registrado em algumas obras literárias produzidas em escrita da Libras no Brasil. Karnopp (2006) mostra os materiais impressos escritos, baseados em imagem visual, *SignWriting* e Libras, que surgiram na época da Literatura Surda. Esses materiais exploravam o material visual, tanto adaptando para a língua e cultura surda os clássicos já conhecidos das crianças ouvintes, como nas obras ‘Cinderela Surda’ (HESSEL; ROSA; KARNOPP 2003), ‘Rapunzel Surda’ (SILVEIRA; ROSA; KARNOPP 2003), “Adão e Eva” (ROSA; KARNOPP 2005) e ‘Patinho Surdo’ (ROSA; KARNOPP 2005) quanto criativamente com novas histórias sobre a vida do surdo, como no livro ‘Tibi e Joca – uma história de dois mundos’ (BISOL, 2001).

Estes são alguns materiais da Literatura Surda que já foram registrados por meio de impressão em Libras, pois narrativas foram adaptadas e traduzidas da língua e cultura ouvinte, incluindo adaptações culturais para a criança ou adulto surdo assimile sua identidade,

desenvolvendo a cultura surda e o respeito nos contextos escolares, mostrando uma diversidade cultural. Exemplos que ilustram essa realidade são os materiais Arara azul (<http://www.editora-araraazul.com.br/>, acesso em setembro de 2016) e DVD - LSB (PIMENTA, 2002). Veja a seguir a importância do registro que a autora a linguista argumenta

Pesquisas que objetivam registrar, escrever, filmar e divulgar a produção literária de surdos... é possível, no entanto, encontrar formas de registrar as histórias que traduzam a modalidade visual que os surdos utilizam para narrar suas histórias de vida, piadas, mitos, lendas [...] (KARNOPP, 2006 p. 102).

Ressaltando a citação de Karnopp (2006), o registro de todas as produções literárias surdas é de suma importância, pois são produções culturais dos sujeitos surdos e algumas produções foram registradas pela cultura visual.

A literatura sinalizada é uma expressão artística dos surdos registrados através de vídeos e a divulgação desse material em língua de sinais mostra o enfoque de uma diferença cultural, que é própria dos surdos (KLEIN e ROSA, 2009, p. 2-3).

Os estudos da literatura sinalizada buscam a compreender, analisar e registrar as produções narrativas em Libras, para que se possam divulgar estes textos narrativos em Libras. No entanto, a maioria das narrativas não são registradas, pois os surdos desenvolvem estas narrativas em locais onde não é registrado, como em um bate-papo entre amigos, nas associações, aniversários ou em outros locais de convivência (KLEIN e ROSA, 2009).

Desde o século XX, o Brasil vem utilizando as tecnologias de vídeos como filmagem, *webcam* e entre outras e vem crescendo as produções de textos narrativos em Libras e estão sendo divulgadas nas associações surdos, nas escolas de surdos e no encontro entre amigos surdos, motivando assim o contato da Libras em processo do seu espaço cultural, ampliando a construção da identidade surda (KLEIN e ROSA, 2009, p. 94).

A seguir, iremos discorrer sobre os tipos de produções de textos narrativos em Libras, dando ênfase às produções registradas em vídeos,

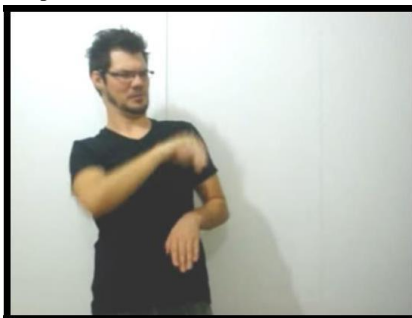
VHS, CDs e DVDs da Literatura Surda no Brasil porque essas mídias têm função de registrar as técnicas visuais presentes nas narrativas, as quais serão analisadas neste trabalho.

1. Contos de Fadas

São textos narrativos que emergem na fantasia tanto infantil como adulta, há também romantismo e histórias lúdicas. Geralmente tem a forma de um conto curto e que transmite emoções, e possui forte impacto no imaginário infantil, fazendo com que as crianças queiram ser princesas e ou heróis (KARNOPP, 2006).

Os contos de fadas surdos também são textos narrativos e, em sua maioria, são adaptações de histórias infantis escritas por ouvintes. Estes contos são registrados em vídeos com traduções em Libras. Veja a imagem.

Figura 3.2. 1 *O patinho surdo* (Libras) – autor Alan Rodrigues



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=hkbG_IYA-24.

A Figura 3.2.1 mostra a produção do autor surdo Alan Rodrigues⁵, que apresentou um vídeo registrado no *YouTube* sobre um patinho surdo, no qual mostra a importância da Libras para o patinho surdo e como ele fica feliz quando consegue se comunicar. Mostra também o sapo intérprete em Libras, para fazer a comunicação com a família ouvinte. O vídeo demonstra claramente a emoção gerada quando se está de volta para o mundo da família dos surdos.

2. Humor e Piadas

⁵ Alan Rodrigues: Autor surdo que expressou em Libras no vídeo sobre *O patinho surdo*, graduado em Letras Libras – Licenciatura na UFSC em 2014.

A piada é um texto narrativo curto, tendo o seu final engraçado e, às vezes, surpreendendo o espectador. O objetivo da piada é causar sorrisos nas pessoas.

A piada dos surdos são os textos narrativos em Libras, que usam a prática de desafiar os outros, além disso sinalizam uma forma de efeitos se movimentando os braços como velocidade, ritmo, usos dos classificadores, expressão facial e corporal (SCHALLENBERGUER, 2010). Além disso, o autor de piada conta sobre um momento vivenciado no seu mundo visual, esta experiência surda é transformada em cultura surda. Veja a seguir imagem.

Figura 3.2.2: *O Motoqueiro Surdo* – autor Augusto Schallenberguer



Fonte: <http://www.literaturasurda.com.br/musicvideo.php?vid=3992f68b5>

A Figura 3.2.2 apresentou um vídeo registrado no site da literatura surda, uma piada do autor surdo Augusto Schallenberguer⁶. Esta piada fala sobre um motoqueiro surdo, que estava numa casa de amigos surdos sinalizando em Libras. No final do encontro, começou a chover muito forte e o motoqueiro aproveitou a usar a jaqueta de zíper para trás para não molhar na parte de frente e nem por dentro da jaqueta. No caminho, porém, aconteceu um acidente entre a moto do personagem e um carro, o motorista do carro, ouvinte, foi atender ele e não sabia se comunicar em Libras. O motorista então expressou a fala lentamente dizendo “sou médico”, foi ajudar e matou o motoqueiro ao torcer sua

⁶Augusto Schallenberguer: É mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (2010), especialista em Educação Inclusiva pela Universidade Castelo Branco – UCB (2006) e graduado em Pedagogia Habilitação Magistério da Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental pela Universidade Luterana do Brasil - ULBRA (2004).

cabeça, porque a jaqueta que estava ao contrário e ouvinte pensou que a cabeça que estava virada. Apesar de ser piada, percebe-se que há dificuldades de comunicação com ouvintes e com isso, por isso o autor mostra a importância de ouvintes aprender em Libras.

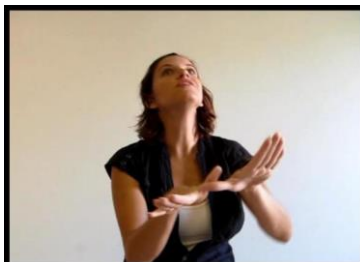
3. Poesia

Podemos encontrar vários significados da palavra poesia, como a arte de escrever em verso, conjunto das obras em verso escritas numa língua, um tipo de gênero poético, um pequeno poema, a inspiração, o estilo e o encanto.

[...] é tudo aquilo que há elevado, de tocante numa obra de arte, no caráter ou na beleza de uma pessoa e até mesmo numa produção natural. O autor relata que pode ser narrativo que se expressam da forma artísticas, apresentando assim uma poesia em texto poético, poesia lírica, poesia em dramática, poesia sagrada, poesia mora familiar e outros textos poéticos que sejam suaves e atrativos, porém elas possuam as suas características de texto como estrofes, versos, rimas e outros (NANCY, 2013, p. 416).

Portanto, a poesia pode ser uma arte da linguagem, arte de fazer versos, arte da beleza pessoal e até o mesmo na produção natural. Assim, a Libras também apresenta a poesia da forma artística visual. Além disso, a poesia em Libras é feita em textos sinalizados que expressam suavidade, estética, romantismos, ritmo, antropomorfismos, entre outros (KLEIN, 2014). Os poemas produzidos por surdos também utilizam como características das rimas, as estrofes, versos e outros. Veja a imagem a seguir.

Figura 3.2.3: *Voo sobre o Rio* – Fernanda Machado



Fonte: Publicado <http://www.isurdo.com.br/Voo-sobre-o-rio/>

Figura 3.2.3 mostra a poesia da autora Fernanda Machado⁷ que apresentou um vídeo registrado como o *Voo sobre o Rio*, que representa um pássaro voando sobre a cidade maravilhosa no Rio de Janeiro, utilizando os sinais que compõem o ritmo, antropomorfismo, simetria e outros. O resultado é um vídeo interessante que é uma poesia agradável e suave.

4. Fábula

A fábula é um texto narrativo em que os personagens são animais, plantas ou até mesmo objetos inanimados. Essas histórias são contadas por esses personagens com o objetivo de uma reflexão com o ensinamento da ordem moral.

A fábula em Libras também é um texto narrativo em que os personagens utilizam a fantasia e as adaptações da cultura ouvinte para a cultura surda. Essas histórias são contadas por surdos adultos com o objetivo de ensinar a moral (KARNOPP, 2006). Veja a imagem a seguir.

Figura 3.2.4: A tartaruga e a lebre – Nelson Pimenta



Fonte: Seis Fábulas de Esopo em LSB no livro digital em DVD.

Na Figura 3.2.4, vemos o autor Nelson Pimenta⁸ apresentar uma fábula sobre a tartaruga e a lebre, que é uma narrativa infantil, cujo o objetivo é de reflexão e ensinamento da ordem moral.

⁷Fernanda Machado é formada em Letras/LIBRAS, em 2011 e Mestre em Estudos da Tradução, em 2013, na UFSC. É professora do Departamento de Artes e Libras e doutoranda no Programa de Pós-Graduação de Estudos da Tradução.

⁸ Nelson Pimenta: Primeiro ator surdo a se profissionalizar no Brasil, estudou no National Theatre of the Deaf NTD de Nova Iorque, é doutorando em Linguística

Esses são alguns dos gêneros literários importantes para produções narrativas em Libras para pessoas surdas compreenderem a convivência da comunidade surda, como também pela importância do envolvimento visual da Libras para pessoas surdas.

Os surdos frequentam as comunidades e ali contam as suas histórias preferidas, em qualquer tipo de gêneros da literatura, às vezes as personagens surdas apresentam uma poesia em línguas de sinais, apresenta contos de fadas, fábulas, humor com o estilo de arte visual, entre outros. Klima e Bellugi (1976; 1979) *apud* Klamt (2014), ao se referirem a sinais produzidos para fins estéticos, utilizam o conceito de sinal-arte. As melodias das poesias são contagiantes, produzidas por movimentos de braços e mãos suaves, repetição de sinais e ritmos.

A poesia em Libras é muito criativa e constitui uma forma de arte, fazendo com que o surdo perceba melhor o seu mundo visual. As expressões narrativas em Libras podem ser entendidas de modo que estas histórias são como fontes antropológicas da cultura surda, pois são consideradas expressões de ideias e de significados desta forma de identidade, que por sua vez acarreta um empoderamento por meio da Libras, proporcionando prazer e emoção nas cenas em línguas de sinais.

Utilizando a Libras criativamente e como uma forma de arte é um ato de empoderamento em si mesmo para um grupo linguístico minoritário oprimido (LADD, 2003, *apud* QUADROS e SUTTON-SPENCE, 2006, p. 115).

Muitas pessoas surdas aprendem com surdos adultos, como forma de contribuição e motivação para explorar o seu mundo visual usando a Libras. Desse modo, o empoderamento é importante para o povo surdo, pois quanto mais experiências de adultos transferidas para os surdos jovens, mais essas mudanças no conhecimento da sua língua se refletirá o seu poder como o “Orgulho Surdo” (QUADROS e SUTTON-SPENCE, 2006).

3.3 - FOLCLORE SURDO

A expressão folclore surdo é defendida no contexto da comunidade surda e para ela significa os processos de desenvolver a sua contação de histórias em Libras para outros usuários de língua de sinais.

Representa as oportunidades de fortalecer a língua e a identidade surda, pois apresenta a produção em forma de arte de sinalizar histórias, piadas, poesias e outros textos em Libras, sejam criados ou adaptados, construídos por surdos e utilizados em performance na Língua de Sinais.

Segundo Alcoforado (2008), o termo folclore refere-se a

O conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo da sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade (ALCOFORADO, 2008, p. 176).

Para isso, o povo da comunidade transmite os seus contos, lendas, danças, artes, religiosos, culinárias, dialetos e artesanatos utilizados por costumes e hábitos nas tradições culturais. Além disso o folclore pode ser também observado na influência do comportamento da comunidade e pode ser a organização da sua cultura social.

É importante também conhecer o folclore da comunidade surda, pois ele possui as suas características próprias da cultura visual e sinalizada, além de expressar a sua história através de performance, da produção dos contos, da forma artísticas, das expressões de piadas, dos ritmos das poesias, dos modos do comportamento e outras obras literárias sinalizadas. Sabemos que atualmente são termos novos para comunidade surda e cultura viva, que apresentam a oportunidade de empoderar e fortalecer das tradições da Língua de Sinais.

Portanto, o folclore surdo, cujos termos em inglês são *Deaflore* e *Signlore* (QUADROS e SUTTON-SPENCE, 2006), são utilizados na referência dos surdos e contém as histórias produzidas e contadas em Libras que representam o ponto de vista de perceber o mundo visual das pessoas surdas, pois eles mesmo contam as histórias, piadas, poesias em Línguas de Sinais face a face e outros sujeitos surdos.

Carmel (1996 *apud* QUADROS e SUTTON-SPENCE, 2006, p. 114) explicitam que o termo *Deaflore* é utilizado para fazer menção ao “conhecimento coletivo da comunidade surda. No nível da linguagem, o folclore surdo inclui piadas surdas, histórias, narrativas pessoais e poesia na Libras”. O termo *Signlore* (também um termo de Carmel) é quando os surdos sinalizantes se comunicam em Libras com a comunidade surda, isso é uma influência visual e espacial, socializando a capacidade da língua para pessoas surdas. Segundo Quadros e Sutton-Spence (2006), os

surdos “são especialmente criativos com a sua língua de sinais, de modo que a contribuição espacial e visual tridimensional da língua contribua para o folclore surdo na comunidade surda”.

São exemplos do folclore surdo e folclore em sinais os poetas sinalizantes em Libras e os surdos desde o nascimento, porque eles têm o costume e a rotina aprendidos com os surdos adultos, aprendendo os seus artefatos culturais no dia a dia, ou seja, as tradições dos povos surdos. “Raízes surdas é o processo através do qual uma pessoa descobre e desenvolve uma identidade surda como um membro de uma comunidade coletiva visual” (MINDESS, 2000 *apud* QUADROS e SUTTON-SPENCE, 2006, p. 114).

O autor refere que as raízes surdas é o processo pelo qual as pessoas surdas desenvolvem as suas funções de compreender o seu mundo visual, e também as funções do folclore surdo, para que ela possa produzir e publicar a sua poesia em Libras.

A partir desse momento, as produções artísticas do povo surdo começaram a registrar através no site *YouTube*, onde os sujeitos surdos divulgaram muitas produções de histórias, piadas, poesias e outras em Língua de Sinais para que outras pessoas podem ter contato e acesso, tornando conhecidas a sua língua e a sua construção de identidade surda.

3.4 - O ANTROPOMORFISMO NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

A Literatura Brasileira apresenta algumas narrativas que representam as personagens que incorporam a forma dos comportamentos dos humanos. A incorporação possui duas modalidades, uma que demonstra a incorporação do humano e a outra antropomorfiza os objetos e ou animais. A maioria dessas estratégias estão nas fábulas nos clássicos infantis, mas são encontradas também nos filmes e desenhos de animações. Um exemplo é a animação de um automóvel que tem a boca no capô do motor, se comunicando e sendo dublados. Desse modo, antropomorfismo é a associação de atitudes animais ou posturas de objetos inanimados com posturas humanas (ANDRADE, 2015, p. 62).

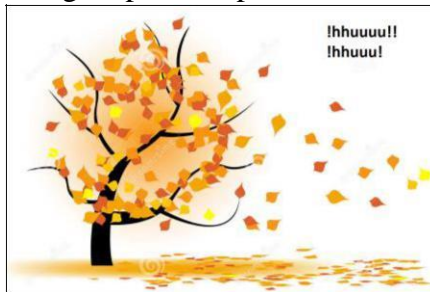
O Antropomorfismo é a semelhança das apresentações que dá condução aos personagens inanimadas como se possuíssem características humanas. Quando você personaliza o objeto ou animal com alguns atributos, eles apresentam nas qualidades de um humano. Apresentamos um exemplo de antropomorfismo na frase: “O vento sussurrou através das árvores”. Aqui, o vento poderia estar se comunicando com a árvore “em voz baixa” e ela responde pelas folhas e

um balanço das flores, isto é, a prosopopeia; figura de linguagem – que consiste em projetar os sentimentos humanos à natureza.

Outro exemplo deste tipo de frase é: “A bola de tênis gritou do outro lado da quadra”. A bola de tênis não grita, apenas podemos escutar a velocidade da bolinha ou a batida na quadra ou na raquete. A partir disso, podemos interpretar como ela está sofrendo de dores a cada batida de raquete. Observamos que são projeções de sentimentos humanos à natureza.

Em algumas poesias são amplamente utilizadas as prosopopeias. Os autores simplesmente criam uma imagem sensorial para o leitor, e cada leitor cria uma imagem própria. A seguir, há um exemplo de percepção imagética através da leitura dos exemplos citados acima. Representamos esta prosopopeia personificada através de imagem.

Figura 3.4.1: Imagem pensada pelo autor ao entender a frase



Fonte: <https://www.dreamstime.com/fotografia-stock-albero-di-autunno-vento-image11438092>

Figura 3.4.2: Imagem pensada pelo autor



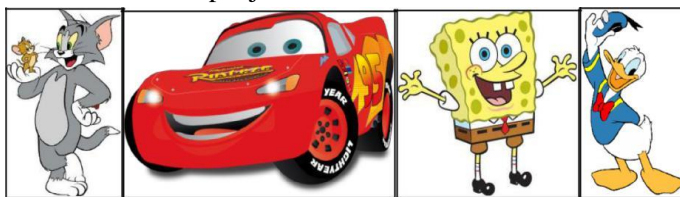
Fonte: clipartfreefor.com/files/7_71897.html

Antropomorfismo e personificação são muito semelhantes. A diferença compreensível reside no efeito, que pode ser utilizado em narrativas, filmes, poesias e histórias infantis, para isto frequentemente descreve natureza em formas humanas ou animais que possuem as qualidades como sentimento, fala e raciocínio.

(Antropomorfismo é comum (até mesmo exagerado) e ocorre quando damos características e sentimentos humanos para qualquer ser animado e inanimado) (Spada 1997, 37). Nós poderíamos antropomorfizar por causa do nosso interesse nos animais, talvez (equivocadamente) por termos uma ideia do que fazer nos ajudaria a entendermos o comportamento animal (Crist, 2000), ou pelo desejo de ajudar o público a se conectar com os animais e a natureza em geral (Moore 2008), ou qualquer outra razão (SUTTON-SPENCE; NAPOLI, 2010).

Antropomorfismo é quando são dados qualidades e características humanas a um objeto não-humano ou animal. Exemplos: Donald Duck, Bob Esponja, Tom&Jerry, e Cars. Podemos constatar que todos os personagens já citados possuem uma “vida” e agem de forma muito parecida com um humano. Veja as imagens dos objetos acima:

Figura 3.4.3: Personagens do filme: Tom&Jerry , McQueen, Bob Esponja, Donald Duck



Fonte: tom-and-jerry-clip-art.clipartonline.net

Fonte: Br.freepik.com/vetores-gratis/relâmpago-mcqueen_547710.htm

Fonte: Jogoson.com.br/jogos-do-bob-esponja/

Fonte: en.wikipedia.org/wiki/donald_duck

Existem muitas utilizações desses recursos nas histórias antigas, que embasaram os contos e narrativas com elementos constituídos pela cultura ocidental e de diversas sociedades, que influenciaram o

comportamento de humanos na atribuição de animais e objetos englobando soluções de matérias para representar os humanos.

Um fato maravilhoso é que os surdos conseguem perceber o antropomorfismo, pois são pessoas extremamente visuais. Assim, os surdos, através de suas experiências visuais, conseguem perceber estes personagens e atribuir em suas contações as características destes. As autoras Andrade (2015) e Sutton-Spence e Napoli (2010) explicam na sua pesquisa linguística o antropomorfismo usado na Língua de Sinas. Elas que defendem que depende dos surdos expressarem as suas formas através de habilidades de sinalizar, ou seja, expressam a forma dos corpos, a animação, os objetos, animais e outras histórias, incorporando assim as características que utilizam a expressão fácil e as formas de mão, constituindo assim o antropomorfismo.

Os sujeitos surdos possuem a sua cultura e identidade surda. Essas expressam a maneira pelo qual o surdo entende o mundo, de maneira visual. Assim, os sujeitos surdos que assistem as contações do sujeito sinalizante compreendem e percebem sentimentos próprios, como emoções. Muitas vezes, as narrativas podem ser feito na forma poesias, metáforas, piadas e contos que utilizam o antropomorfismo, buscando fixar a de atenção do público e gerar emoções dos significados das expressões dos sinalizantes.

Em algumas narrativas percebemos que o antropomorfismo e a incorporação são ferramentas para expressar conteúdos que dizem respeito à vida, identidade e sofrimentos dos surdos de maneira metafórica, por meio dos símbolos representados nos animais, objetos e personagens humanos, como, por exemplo, as narrativas *Bolinha de ping-pong*, do autor Rimar Segala, e também a boneca *Doll*, do autor Paul Scott.

Vamos ver as produções que utilizam o antropomorfismo em Libras. Observamos que, na figura abaixo, o autor surdo Pimenta conta a história do boneco Pinóquio. Ele sinaliza a voz expressando em Libras como uma forma de se comunicar como um personagem humano e depois utiliza outra expressão corporal quando assume a forma do boneco Pinóquio incorporando, pois, o personagem do boneco Pinóquio é feito de madeira.

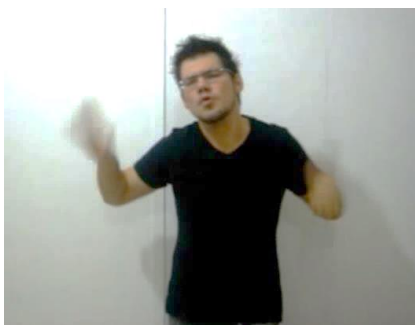
Figura 3.4.4: *Pinóquio* – Nelson Pimenta



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=WNh4-sHwUIE>

Podemos encontrar efeito semelhante na história *O Patinho Feio* contada pelo autor Alan Rodrigues, adaptada à cultura surda como *O patinho surdo*. Ele sinaliza que o patinho surdo enfrentou dificuldades a comunicação e na integração com a comunidade surda. Ele antropomorfiza a maneira do animal, a forma do corpo com expressão facial, depois sinaliza a voz em sinais, comunicando-se com os colegas. Metaforicamente, também ele mostra a importância do intérprete para se comunicar com a comunidade surda e acessibilidade da comunicação dos surdos.

Figura 3.4.5: *O patinho surdo* – Alan Rodrigues



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=hkbG_IYA-24

O antropomorfismo em Libras é utilizado pelos atores surdos ou por intérpretes em menor número, que expressam as narrativas em Libras. Eles sinalizam utilizando as mãos e o movimento dos corpos, com acréscimo de traços dos desenhos dos objetos, representando objetos ou animais, ou seja, sinalizando e incorporando a postura do corpo e das

expressões faciais, apresentando assim a característica de um objeto ou animal.

Ser surdo é um sujeito que se identifica como pertencente e usuário da tradição da Língua de Sinais, pois participa da comunidade surda desde seu nascimento, ou seja, que possui a sua personalidade forte como identidade surda e foi construída com a influência da cultura surda e isso é demonstrado no modo como percebe através do contexto de visualização dos seus redores em geral como histórias sem som. “A visão de mundo cultural Surdo é que “o mundo é feito de vidas surdas”, assim um dos objetivos das narrativas surdas é mostrar vidas surdas onde os outros não podem vê-los” (BECHTER, 2008, p. 62 *apud* SUTTON-SPENCE e NAPOLI, 2010, p. 447. Grifos do autor).

A comunidade surda tem a sua cultura e sua identidade e possui uma visão ampla, pois a interação dela é somente em Língua de Sinais. Com isso, a comunidade, através do antropomorfismo, percebe através de uma experiência visual de ver as histórias com suas próprias experiências dos surdos sinalizantes.

Os surdos usam muito a personificação e contam uma história incorporando a fala de sinais. Conseguimos identificar o antropomorfismo quando observamos objeto não é humano, mas fala como humano. Assim, quando os surdos expressam a antropomorfização de um objeto, o objeto fala em Libras. Veremos as imagens abaixo com exemplos de surdos que sinalizam a incorporação da fala através do antropomorfismo.

Figura 3.4.6: *O patinho surdo* – Alan Rodrigues

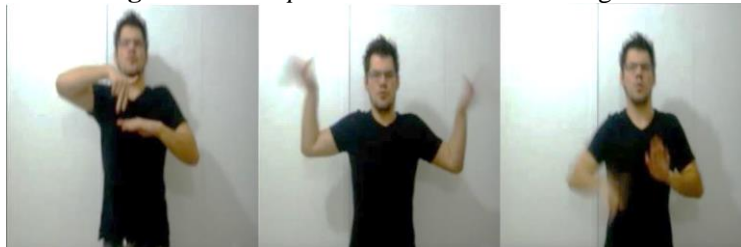


Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=hkbG_IYA-24

Outra estratégia que os narradores surdos utilizam para antropomorfizar um animal é, de repente, trocar a configuração de mão que representa o animal. Porém essa estratégia tem como referência os movimentos e as expressões que descrevem em relação à distância,

velocidade, como um exemplo da percepção visual ampla e isso são instrumentos da troca do perfil do papel da personagem.

Figura 3.4.7: *O patinho surdo* – Alan Rodrigues

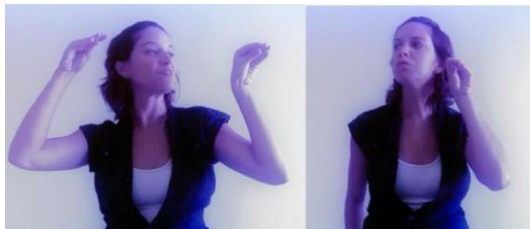


Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=hkbG_JYA-24

Podemos observar que as três imagens acima são características de antropomorfismo: conseguimos visualizar que o patinho pousa em pé com as asas abertas, descendo e navegando com as patas dele. Assim, visualizamos três formas de antropomorfismo. A primeira figura apresenta o corpo inteiro em cima do lago, onde a mão esquerda representa o nível de água do lago; a segunda imagem apresenta o movimento das asas lentas para descer; ao fim, sabemos que o patinho nada com as patas como na terceira imagem.

Vamos ver outro exemplo de antropomorfismo em Libras que a autora Fernanda Machado utiliza com os classificadores e a incorporação de um pato.

Figura 3.4.8: *Voo sobre o Rio* – Fernanda Machado.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=YaAy0cbjU8o>

Figura 3.4.9: *Voo sobre o Rio* – Fernanda Machado.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=YaAy0cbjU8o>

A autora Fernanda Machado sinalizou que um pássaro que voava sobre a cidade do Rio de Janeiro. Depois, o pássaro macho e a pássaro fêmea se encontraram para começar um romance entre eles, que são surdos. O interessante é que esse vídeo apresenta a comunicação em Língua de Sinais entre entidades não-humanas, quando a autora incorpora o jeito do pato e sinaliza em Língua de Sinais da forma do bico do pato, e também as diferenças de expressão facial do macho e da fêmea, pois o macho tem a expressão de séria e a fêmea é mais suave. Veja a imagem de diferença de macho e fêmea.

Outra estratégia característica interessante que podemos notar é que a antropomorfização afeta até mesmo a gramática da Libras. Observamos que, quando os patinhos conversam, os sinais mantêm uma única configuração manual que os identifica os personagens, que sem prejuízo da compreensão do que é dito.

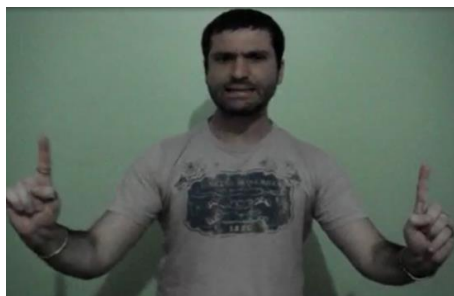
Figura 3.4.10: *Voo sobre o Rio* – Fernanda Machado



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=YaAy0cbjU8o>

Vejam também o outro vídeo do autor Rimar Segala em que se apresentou uma história em vídeo sobre uma bolinha de ping-pong, na qual os adversários estão em competição disputando quem ganharia esse jogo. Enfim, essa história mostra uma metáfora sobre a vida dos surdos no contexto sócio histórico cultural, pois a bolinha de ping-pong faz uma referência ao surdo. Os dois adversários em conflitos podem simbolizar um surdo a favor da Libras e outro da oralização. Ele expressou no rosto, com o dedo e com a mão fechada como estava segurando a raquete. Utilizou o apoio das expressões corporais indicando os dois adversários, apresentando assim que o rosto era a bolinha de ping-pong, os dedos seriam os adversários e a mão fechada representa a raquete indicando a ação do jogo. Além disso, esse vídeo apresentava vários exemplos de expressão imagética, ou seja, a velocidade, o *zoom*, e aproximação nas ações do jogo. Veja exemplos a seguir.

Figura 3.4.11: *Bolinha de ping-pong* –Rimar Segala



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqljo>

Figura 3.4.12: Incorporação humana dos atletas



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqljo>

Figura 3.4.13: Antropomorfismo em *Bolinha de ping-pong* –Rimar Segala



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqljo>

Figura 3.4.14: Incorporação do juiz observando a bolinha



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqljo>

Figura 3.4.15: Antropomorfismo da bolinha



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqljo>

Estas são as figuras que apresentam as atribuições inanimadas e percebemos o antropomorfismo em Libras neste vídeo da competição de *ping-pong*, no momento em que apresenta diferenças nas ações de raquetes, da bolinha, incorporando o comportamento humano e antropomorfizando a bolinha. Neste momento a comunicação entre personagens humanas e objetos referindo se ao rosto. Percebe-se que esse

vídeo da bolinha apresenta o plano, a velocidade, o *zoom* e o *close-up*, isto que pretendo mostrar: os tipos da linguagem cinematográfica.

Da Figura 3.4.12 à 3.4.15, os personagens apresentam a forma da troca de papéis. Segundo Quadros e Sutton-Spence (2006, p. 118),

“[...] a maneira em que a experiência visual está em primeiro plano. Nesse recurso, o poema mostra a maneira como os personagens dentro do poema usam os olhos. O uso poético da caracterização é também conhecido como “mudança de papel”, “personalização” ou “ação construída”[...]. (QUADROS e SUTTON-SPENCE, 2006, p. 118).

Apresentar a expressão visual da personagem é descrever a pessoa ou coisas falando ou expressando, usando tanto a expressão corporal como o uso do espaço. Como exemplo, pode-se perceber nas figuras o uso da troca de papéis de personagens de acordo com o uso do espaço: o corpo na direita mostra um adversário, corpo na esquerda é o segundo adversário e no meio é o juiz; a última imagem apresentou a bolinha, que é antropomorfizada pelo rosto do autor. Além disso, as histórias se apresentam de maneira mais atrativas no vídeo em Libras por causa da linguagem cinematográfica e dos diálogos da Libras como a comunicação visual espacial. Percebemos que é interessante ter essa expressão visual pois é utilizada nas técnicas visuais cinéticas, o que será estudado com mais profundidade no próximo capítulo.

4. UM ENCONTRO ENTRE A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA E A LIBRAS

4.1 - O QUE É LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA?

Os filmes produzidos para o cinema apresentam várias perspectivas diferentes nas imagens, isto é, a câmera filma as ações dos personagens e as imagens que melhor representam a cena. Sabemos também que a planificação e a montagem são duas bases das atividades que são determinantes na utilização para confeccionar as cenas. Por este motivo, essas estratégias são chamadas de linguagem cinematográfica, uma vez que elas são usadas como uma forma de visualizar na cena a comunicação entre personagens e as imagens. As imagens utilizadas nas cenas possuem alguns cortes, estes podem ser entre tempo de duração e do fato de ligar e desligar a câmera. É através dessa linguagem cinematográfica é identificada a representação dos artistas nos (BERNARDET, 1980).

A linguagem cinematográfica começou a ser desenvolvida nos filmes e nas artes dos cinemas produzidas nos séculos XIX e XX, e uma de suas características é de gravar uma imagem ao plano do filme, onde há as cenas de produções e objetos (BERNARDET, 1980).

As cenas dentro dos filmes são artes visuais, que chamam a atenção do público e fazem com que algumas pessoas gostem de ir ao cinema. A montagem das cenas é feita nos roteiros de filmes contados, assim com as pesquisas desenvolvidas pelos diretores das produções de filme, que vêm investigando cada vez mais a importância da imagem cinematográfica e seus efeitos de câmera para que os espectadores tenham interesse em assistir ao filme. Alguns destes recursos cinematográficos são o uso de ambiente na cena, uso de câmera com vários ângulos e planos, uso estético, uso de panorama e movimento da imagem. Tudo isso é utilizado em uma linguagem cinematográfica para representar os planos em que os espectadores possam entender o contexto e se despertar sensações como a emoção, despertar a atenção expressão da oralidade, informal para as cenas do filme, faz o espectador sentir vontade de chorar em cenas mais dramáticas, ou de sentir a ansiedade com o que está acontecendo no filme, além de outras sensações que só quem já assistiu filmes já sentiu.

O cinema foi desenvolvido no século XIX com as histórias curtas que hoje em dia se chamam documentários, sem o objetivo de narrar que se tem hoje. Só que nestes filmes eram utilizadas máquinas fotográficas cinematográficas que disparavam fotos, uma atrás da outra, e com elas eram criadas as cenas e os movimentos (BERNARDET, 1980). Para registrar as cenas, estas câmeras eram fixadas em algum lugar ambiente. E assim iniciaram-se as cenas registradas como linguagem cinematográfica. Como explica o autor Jean-Claude Bernardet (1980) sobre este registro de cenas,

Esses caçadores de imagens colocavam suas câmaras fixas num determinado lugar e ‘registravam’ o que estava na frente. Também quando teve início de ficção, a câmara ficava fixa e registrava a cena [...]. O filme era uma sucessão de ‘quadro’, entrecortados, por letreiros que apresentavam diálogos e davam outras informações que a tosca linguagem cinematográfica não conseguia fornecer (BERNARDET, 1980, p.136).

Bernardet foi o primeiro a desenvolver e estudar a linguagem cinematográfica. Ele é pioneiro do cinema, pois trabalhou como ator e roteirista, criando histórias de ficção. Ele também relata que os filmes primeiramente foram registrados com a câmara fixa que filmava em frente das informações dos personagens, e assim se começou a produzir cenas com ficção, sendo um sucesso em sua época e de tal modo contribuindo com a formação da linguagem.

Figura 4.1.1: Fotógrafos cinematógrafos no ambiente



Fonte: Blog: Arte em foco -

<http://artemerson.blogspot.com.br/2012/10/projeto-cinema-mudo.html>

A linguagem cinematográfica foi ampliando suas estruturas narrativas com o passar do tempo e, no início do ano de 1915, foi o momento em que se teve um ápice conforme a tecnologia da época e com a qualidade em histórias contadas nos cinemas. Nesse momento, os atores dos filmes já apresentavam expressões faciais e corporais, melhorando a qualidade e o desenvolvimento da estrutura narrativa.

Os passos fundamentais para a elaboração dessa linguagem foram a criação de estruturas narrativas e a relação com o espaço. Inicialmente o cinema só conseguia dizer: ‘acontece isto’ (primeiro quadro), e depois: ‘acontece aquilo’ (segundo quadro), e assim por diante. Um salto qualitativo é dado quando o cinema deixa de relatar cenas que se sucedem no tempo e consegue dizer: ‘enquanto isso’. Por exemplo, uma perseguição: veem-se alternadamente o perseguidor e o perseguido, sabemos que, enquanto vemos o perseguido, o perseguidor que não vemos continua a correr, e vice-versa. (BERNARDET, 1980, p. 137).

A linguagem cinematográfica, no início de seu desenvolvimento, para fazer estas cenas descritas por Bernardet, utilizando a câmera fixa, os personagens mantinham o uso da relação nos espaços, eles contam as narrações e vão perseguindo a câmera, ou vice-versa. Hoje em dia, as câmaras se utilizando em qualquer ambiente e um exemplo em que podemos observar isso é a cena de uma estrada e uma casa; no decorrer da cena, o carro está na estrada e vai em direção a casa, chocando-se com ela, arrebentando e quebrando as coisas dentro da casa, enquanto outra câmera está fixada dentro desta casa filmando a família almoçando, quando vê o carro entrando pela parede e entra em pânico (NOGUEIRA, 2010).

A linguagem cinematográfica é a construção de um mecanismo que podemos observar na tela do filme, que está presente também nos movimentos de câmera que são apresentados, com um jeito de perceber e de sentir ao ver os efeitos e emoções realizadas de acordo com o tipo de realidade social. Por isto, o cinema desperta a imaginação, pela qual os espectadores podem visualizar do campo, percebendo e proporcionando a construção da estética e possuindo o movimento da narração da história do filme.

No início da história da utilização técnica da linguagem cinematográfica, o autor Bernardet (1980) relata que o autor David Griffith é considerado o pai da linguagem cinematográfica. Estudando o cinema na América do Norte, Griffith foi um ator e produtor de diversos filmes e foi o primeiro que desenvolveu as técnicas cinematográficas comuns utilizadas nos dias de hoje, como o *Flashback*, o Tiro Iris, a Máscara e Transversais.

Outro fato importante da história da linguagem cinematográfica foram os filmes de Charlie Chaplin, que em suas cenas e histórias apresentavam personagens intensos e engraçados, também mostravam a realidade da época com humor. Assim, esses personagens despertavam o entusiasmo e aguçavam a vontade de assistir os filmes e a linguagem dessas narrativas criava expectativa e também alegria do público que as assistia as narrativas.

Com o passar dos anos, houve modificações com diversos experimentos de filmagens com as câmeras, modificando as já utilizadas na linguagem cinematográfica no seu ambiente. Nesse momento de modificações, os experimentos para um melhor desenvolvimento das produções de filmes ampliaram as ideias das linguagens cinematográficas.

As tecnologias dos equipamentos que estavam sendo utilizados também foram sofrendo alterações, como as máquinas de câmaras que já tinham uma melhor qualidade, ou como o uso das panorâmicas, *travelings* (carrinho de apoio da câmara), que podem girar 360° dos lados, por baixo e para cima. Esses *travelings* são utilizados para movimento de carrinho e para obtenção do *zoom*, que faz a sua condução de movimento das filmagens.

Foram desenvolvidas milhares de obras cinematográficas com o uso de *travelings*, que possibilitou novas maneiras de gravar as expressões de imagem como a distância, de perto e ou de longe. O autor Bernardet relata que são vários tipos de movimentos das filmagens.

[...] momentos básicos da expressão cinematográfica: 1) a seleção de imagens na filmagem; chama-se 'tomada' a imagem captada pela câmara entre duas interrupções; 2) a organização das imagens numa sequência temporal na montagem; chama-se 'plano' uma imagem entre dois cortes. Essas indicações deixam claro que a linguagem cinematográfica é uma sucessão de seleções, de escolhas: escolhe-se filmar o ator de perto ou de longe, em movimento ou não, deste ou

daquele ângulo; na montagem descartam-se determinados planos, outros são escolhidos e colocados numa determinada ordem (BERNARDET, 1980, p. 139).

Bernardet (1980) define que estes movimentos da linguagem cinematográfica capturam as imagens, que são organizadas indicando os planos e sofrem a montagem. A cada cena, há um plano. O autor Nogueira (2010) relata sobre o plano:

A forma como vemos e lemos as imagens cinematográficas é, em grande medida – e para além da cultura e rotinas visuais do espectador –, o resultado das opções do realizador no que respeita à escolha e organização dos planos. É sobre o plano cinematográfico que nos debruçamos agora, tentando compreender de forma suficientemente vasta as consequências da criação e justaposição dos planos cinematográficos, bem como os aspectos a ter em conta nessas operações (NOGUEIRA, 2010, p.13).

O plano é usado no decorrer das cenas, onde a direção das imagens é alterada, como, por exemplo, se a câmara se move durante a cena, filmando de baixo para cima ou de cima para baixo, mudando os ângulos de filmagem. Esses planos fazem com que os visuais das imagens fiquem mais atrativos aos espectadores. Os diversos posicionamentos e dimensões das câmeras podem ser focadas nos personagens ou objetos da cena, utilizando para isto o movimento das câmeras. Os espectadores quase não percebem estes movimentos, pois as imagens têm continuidade, mas, à medida que foram complexificando e diversificando, estes movimentos passaram a despertar maior interesse do público, pois as cenas parecem reais.

A diversidade de recursos de imagem permite realizar cenas de diversos cenários, como campo, objetos, corpo humano, pois cada uma delas têm as escalas dos planos aos quais Bernardet se refere:

As escalas dos planos têm inúmeras variantes, mas correspondem em geral ao seguinte: o Plano Geral (PG) mostra um grande espaço no qual os personagens não podem ser identificados; o Plano de Conjunto (PC) mostra um grupo de personagens, reconhecíveis, num ambiente; o

Plano Médio (PM) enquadra os personagens em pé com uma pequena faixa de espaço acima da cabeça e embaixo dos pés; o Plano Americano (PA) corta os personagens na altura da cintura ou da coxa; o Primeiro Plano (PP) corta no busto; o Primeiríssimo Plano (PPP) mostra só o rosto; o Plano de Detalhe mostra uma parte do corpo que não a cara ou um objeto (BERNARDET, 1980 p. 139).

Esses planos apresentam um posicionamento da filmagem onde há contextualização da história, permitindo o acesso à ação e ao movimento e possibilitando na narração uma melhor percepção visual, na qual o espectador sente e tem a impressão de que os personagens são reais, bem como as imagens que são mostradas, o espectador se sente parte do filme. Por isto é importante à cena ter um efeito real e estético que possa ilustrar uma narrativa visual da história do filme.

Os filmes apresentam diversos tipos de planos, para os quais os autores Bernardet (1980), Aumont (2009), Rodrigues (2007) e Nogueira (2010) definem alguns exemplos de usos dentro da linguagem cinematográfica, que direcionam nas cenas. Vamos ver os tipos de cada imagem fílmica, ilustrados por imagens que os caracterizam, as quais foram coletadas a partir do repertório cinematográfico do autor da presente pesquisa. As imagens foram retiradas de *sites* da *internet* e fazem parte da história cinematográfica recente.

1. Plano Grande Geral é uma cena que tem a visão de um ambiente amplo. Este tipo de plano serve para descrever a situação da cena desenvolvida de maneira em que a narrativa mostre o cenário em forma ampliada, uma imagem plana, isto é, para que os expectadores tenham referência geográfica de espaço e amplitude.

Figura 4.1.2: Plano Grande Geral



Fonte: http://cinevenger.com/wp-content/uploads/2012/10/303_9.02.39_sm.jpg

2. Plano Geral é a cena em que o ambiente na imagem aparece com menos amplitude, ou seja, é uma imagem que mostra um ambiente, podendo a imagem geral ser interna ou externa. Um exemplo deste tipo de plano são as casas, os prédios e os hotéis, que descrevem a situação de maneira visual, ou um ambiente interno que enquadra um panorama aberto, revelando as imagens em sua frente, como por exemplo, uma cena que mostra um ambiente interno como a sala e o ângulo da filmagem mostra o teto, o sofá, humanos, cachorro, televisão, chão, tapete, escada, etc. Todas as imagens de objetos é reduzida.

Figura 4.1.3: Plano Geral Externo



Fonte: <http://4.bp.blogspot.com/-YGUCYI3wddY/VSOY2Kej1HI/AAAAAAAAAEs/ruXOUtO4mTw/s1600/PlanoGera1%2Bv1.jpg>

Figura 4.1.4: Plano Geral Interno



Fonte: <http://hookedonhouses.net/wp-content/uploads/2012/01/The-celadon-kitchen-in-The-Change-Up->

movie.jpg

3. Plano Geral Aberto é o enquadramento usado para mostrar o ambiente localizados em exteriores ou interiores amplos, apresentando de uma vez a ação no espaço

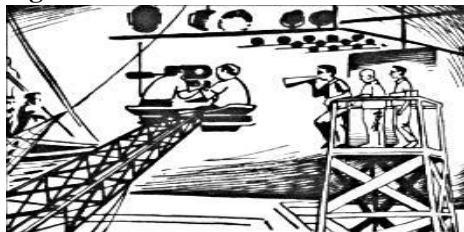
Figura 4.1.5: Plano Geral Aberto



Fonte: <http://cameracotidiana.com.br/saladeaula/site/wp-content/uploads/2013/07/planos-1.jpg>

4. Plano Geral Fechado é o enquadramento apresentando a ação das personagens em relação ao espaço do ambiente.

Figura 4.1.6 : Plano Geral Fechado



Fonte: <http://cameracotidiana.com.br/saladeaula/site/wp-content/uploads/2013/07/planos-1.jpg>

5. Plano de Situação é um exemplo de plano de localização ou de estabelecimento, no qual se mostra a relação geográfica entre os personagens, porém há mudanças de cenas, podendo aparecer o ator no meio da sala em uma ação e logo mostrará a imagem interna com o ator, e repentinamente, muda para a cena exterior em ação. Por exemplo: quando é filmada uma cena com um Plano Geral e focaremos no personagem. A cena se desenrola com o Homem Aranha no alto de um prédio, a seguir a imagem foca em um táxi sofrendo um acidente, no qual o táxi se dirige a uma mulher que irá ser atropelada. Logo após, a imagem muda repentinamente e o Homem Aranha salva essa mulher. Assim, será usado o Plano de Situação com o foco amplo da ação do táxi, sem cortes.

Figura 4.1.7 : Plano de Situação



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=8Iogfb1Kgow>

6. Plano Inteiro é uma imagem em que um personagem aparece de corpo inteiro nas cenas, tendo pouco espaço entre a imagem que aparece acima da cabeça e abaixo dos pés. Assim, o cenário está interagindo com o personagem.

Figura 4.1.8: Plano Inteiro



Fonte: <https://cinemaedebate.com/2009/11/23/tempos-modernos-1936/>

7. Plano Americano é uma mostra de uma figura humana que sofre enquadramento na imagem focando da cabeça até a cintura, ou mesmo até o joelho.

Figura 4.1.9: Plano Americano



Fonte: <https://pontodeouroo.files.wordpress.com/2014/08/as-maiores-decepcoes-do-cinema-o-corvo.jpg>

8. Plano Médio é uma imagem que tem semelhanças com o Plano de Conjunto, mas sua diferença é na aparência, pois mostra uma figura humana em um ambiente que apresenta a imagem mais próxima da tela, mas o fundo da imagem aparece o chão e as paredes que circundam o ambiente.

Figura 4.1.10: Plano Médio



Fonte: <http://www.maxdesign.com.br/transmissaoaovivopelainternet/wp-content/uploads/2014/10/plano-m%C3%A9dio-em-movimento.jpg>

6. Plano Próximo é a imagem que apresenta o personagem na imagem mais próxima, tendo como foco a parte do corpo a partir do peito até a cabeça, mostrando as fisionomias do ator.

Figura 4.1.11: Plano Próximo



Fonte:

<http://multimidia.correiodopovo.com.br/thumb.aspx?Caminho=multimidia/2015/01/04/351576.JPG&Tamanho=617>

- 10.** Plano Primeiro (*Close*) mostra a figura bem aproximada, com a parte do rosto da personagem em foco, preenchendo quase toda a tela com os detalhes sobre ela.

Figura 4.1.12: Plano Primeiro (*Close*)



Fonte: <http://walterbrandani.it/wp-content/uploads/2015/04/belier.jpg>

- 11.** Plano Primeiríssimo (*Super close*) é um tipo de plano que tem como enfoque o rosto do personagem com o enquadrando da testa até o queixo.

Figura 4.1.13: Plano Primeiríssimo (*Super close*)



Fonte: <http://imagens.cinemascomrapadura.com.br/2014/08/20140817-3078-copia.jpg>

12. Plano Detalhe (*Cut Up*) é o plano no qual o objeto ou o personagem a ser mostrado tem sua imagem aproximada, ou seja, aparece o objeto ou imagem com a tela cheia e não aparecendo ao seu redor outro tipo de imagem. Pode ser encontrada em qualquer imagem que se esteja visualizando a tela cheia relacionada ao objeto.

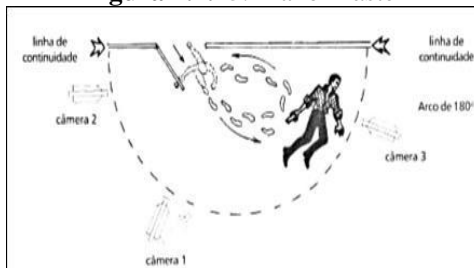
Figura 4.1.14: Plano Detalhe



Fonte: <https://befbtecwhoop.files.wordpress.com/2014/10/tips-to-get-perfect-eyebrows-for-eye-makeup.jpg>

13. Plano Master é o enquadramento um determinado ponto em que a câmera fixa acompanha, girando em seu próprio eixo, todo o desenrolar da cena. Depois se fazem os outros planos que o diretor achar necessários, usando outras posições de câmera e lentes. O plano Master diminui o risco de erros de continuidade de edição; porém, usado indiscriminadamente, aumenta o consumo de negativo e tempo de filmagem.

Figura 4.1.15: Plano Máster



Fonte: O cinema e a Produção, Para quem gosta, faz ou quer fazer. Chris Rodrigues (2007, p.30).

14. Plano Sequência tem como principal movimento o deslocamento da câmera que acompanha personagens nos diversos espaços,

seguindo diversas ações entre si. Contudo, podemos dizer que são os diversos ângulos e movimentos sem cortes, porém esse filme apresenta ação em vários planos e os liga-o através das montagens.

Figura 4.1.16: Plano Sequência



Fonte: <http://cameracotidiana.com.br/saladeaula/tema/plano-sequencia/>

15. Plano de Conjunto Aberto mostra a imagem de grupos de pessoas com o foco próximo, enquadrando estas pessoas com seus corpos e com imagem de fundo, apresentando detalhes das cenas.

Figura 4.1.17: Plano de Conjunto Aberto



Fonte: <http://4.bp.blogspot.com/-Zu-Q9YNtRBU/T11LeQ7d0LI/AAAAAAAAAAco/g-sFOd7IKTY/s320/14sld1.jpg>

16. Plano de Conjunto Fechado tem como cena as imagens com enquadramento com menos de três pessoas, mostrando o fundo desfocado, com os personagens mais vivos na cena. Este tipo de plano é utilizado em maior quantidade em cenas com função dramática.

Figura 4.1.18: Plano de Conjunto Fechado

Fonte: <https://blogdacahu.files.wordpress.com/2014/10/minhavidasemmim.jpg>

Para finalizar, as funções dos variados tipos de plano têm como objetivo mostrar uma distância entre o personagem e a câmera direcionada. Então, cada plano tem uma estrutura visual diferenciada, pois eles são responsáveis por tornar a qualidade das cenas mais reais, sendo que esta avaliação da distância exata de cada plano fica ao critério do diretor do filme, bem como a questão narrativa que o ator e diretor pretendem dar ao filme.

A linguagem cinematográfica também possui outros tipos de planos. Estes planos são em relação ao espaço da cena, segundo os quais se enquadra as imagens do filme; são os planos de ângulos, e os planos de movimentos, em que a câmera faz o movimento direcionando e inclinando para um melhor resultado das capturas de imagem de personagens e ou objetos. Descreveremos os planos de ângulos de câmeras:

17. *Contra Plongée* ou Plano Contra Picado é a captura da imagem em que a câmera fica inclinada de baixo para cima filmando os personagens ou objetos.

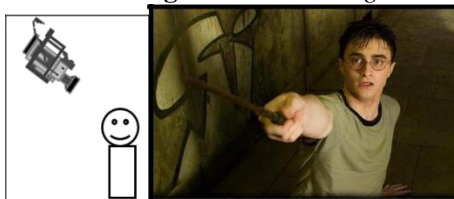
Figura 4.1.19: *Contra Plongée*

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Fonte: <https://blogdoshitchat.files.wordpress.com/2013/05/drive5.jpg?w=584>

18. *Plongée* ou Plano Picado é a captura de imagem em que a câmera fica inclinada de cima para baixo filmando os personagens ou objetos.

Figura 4.1.20: *Plongée*

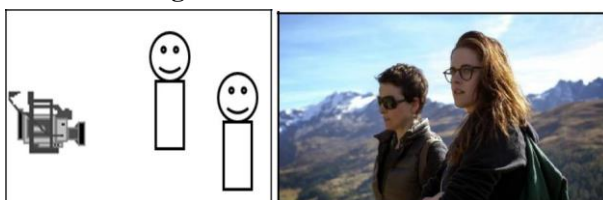


Fonte: Desenvolvido pelo autor

Fonte: <http://www.lightroom.com.br/wp-content/uploads/2012/01/PLONGEE.jpg>

19. Enquadramento Inclinado ou Plano Frontal é quando são capturadas imagens nas quais a câmera está em posição normal (em frente ou ao lado dos seus personagens). Ela fica inclinada ao lado dos personagens ou objetos.

Figura 4.1.21: Plano Frontal



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Fonte: <https://tudovaibem.files.wordpress.com/2014/10/acima-das-nuvens.jpg>

20. Plano Subjetivo é um enquadramento no qual o ator fica em cena como se estivesse olhando para o telespectador ou para algo que está a sua frente, que nós espectadores não enxergamos. A câmera é deslocada em frente ao ator se movimentando.

Figura 4.1.22: Plano Subjetivo

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Fonte: <http://musicapave.com/wp-content/uploads/biting-elbows-bad-motherfucker.jpg>

21. Plano Oblíquo é uma imagem que enquadra as cenas com desequilíbrio e aumenta efeito dramático, no qual as cenas ficam inclinadas, ou até ponta cabeça.

Figura 4.1.23: Plano oblíqua

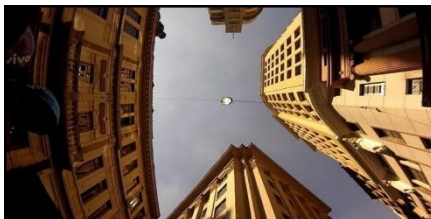
Fonte: <http://www.maismagia.com.br/wp-content/uploads/2013/07/Flik.jpg>

22. Plano Zenital pode ser executadas de duas maneiras. Esse plano é quando a câmera está posicionada acima de um cenário, visualizando-o de cima para baixo. A segunda forma, conhecido como o contra zenital é quando as imagens são visualizadas de baixo para cima quando a câmera é posicionada abaixo do cenário.

Figura 4.1 24: Plano Zenital de cima para baixo

Fonte: <http://www.blahcultural.com/wp-content/uploads/2013/09/coluna111.jpg>

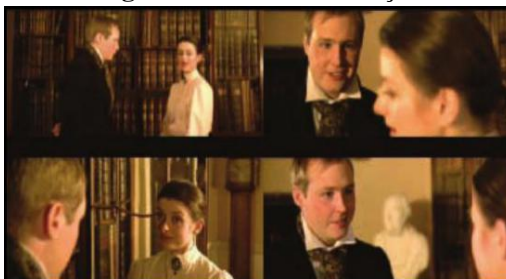
Figura 4.1.25: Plano Zenital de baixo para cima



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=pRV1FzqNXjI>

23. Plano Reação são planos de sequência que enquadram as personagens dialogando, pois as cenas apresentam também a sequência de imagens entre duas personagens.

Figura 4.1.26: Plano Reação



Fonte: Hunt, R. Marland, John, Rawle S. A; linguagem do cinema: coleção Fundamentos do Cinema.

24. Plano Reflexivo é quando a posição da câmera funciona como os olhos de um personagem que aparecem nas cenas e que substitui o espectador dentro do filme.

Figura 4.1.27: Plano Reflexivo

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Kk3L382aed8>

A partir do conhecimento da linguagem cinematográfica, percebemos que cada cena de planos pode apresentar diversos exemplos. Veremos agora como os planos da linguagem cinematográficas se apresentam em Libras para que se possa contribuir melhor com a análise dos aspectos visuais imagéticos usados na expressão das narrativas em Libras.

4.2 - A LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA EM LIBRAS.

A Libras mostra alguns aspectos da linguagem cinematográfica expressando os sinais, movimentos, expressão corporal apresentando a diferença e a expectativa da observação dos espectadores, permitindo a composição dos planos da linguagem cinematográficas.

Segundo o autor Benjamin Bahan (2006, p. 29), cada tipo de narrativa envolve técnicas cinematográficas, como uso de gêneros na performance. Portanto, as vezes a principal técnica ao contar e criar histórias e compor suas cenas nos vídeos em Libras é usar uma conexão com os usos da linguagem cinematográfica, que podem ser os planos, *close-ups*, *panning*, *zoom in*, *zoom out*, etc.

Bauman (2006, p. 109) destaca que o Bernard Bragg utilizou as propriedades cinematográficas em Língua de Sinais, pois ele iniciou sua carreira como ator no teatro nacional de Surdos, ele inventa uma técnica

de execução à qual ele se referiu como “vernáculo visual”. É vernáculo no sentido de que ela apela para os códigos vernaculares do meio cinematográfico. Ele explica o uso técnica vernacular visual, conceito que se apresenta como uma técnica visual cinematográfica. Isso significa que a modalidade visual utiliza vernacular visual e demonstra os aspectos cinematográficos, ou seja, plano, direção, edição, *zoom*, montagem, movimentos e outros. Assim o autor surdo tem uma performance com as propriedades cinematográficas visual além da língua de sinais.

“A língua de sinais [...] narrativa não é mais linear e prosaico, em vez disso, a essência da língua de sinais é cortar a partir de uma visualização normal para um close-up de um tiro distante para um close-up de novo, e assim por diante, mesmo incluindo flashbacks e algumas cenas FlashForward, exatamente como um editor de filme funciona [...]” (BAUMAN, 2006, p. 95. Tradução nossa).

Enquanto isso, os surdos constroem uma linguagem visual com o uso das propriedades cinematográficas e a sinalização em Libras possui as suas características como formas de artes visuais, formas de mãos, espaços e movimentos dos corpos, dos usos dos espaços.

Bauman (2006), demonstra as propriedades cinematográfica de ASL, oferecendo o início de um léxico cinematográfico que pode ser usado juntamente dos termos existentes da linguística formalista, pois os modos de análise desenvolvidos para mídia falada e escrita não explicam adequadamente as propriedades espaço-cinéticos visual de Línguas de Sinais. O autor também descreve as três propriedades cinematográficas básicas que desempenham um papel importante na ASL, as câmeras poéticas, *shot* (tomada) e edição.

Portanto, o autor apresenta que as propriedades da linguagem cinematográfica podem estar ligadas às expressões sinalizadas em Libras, pois os autores surdos, ao demonstrarem os movimentos, usam as várias formas de incorporação ao tomar a posição da câmera, para despertar a atenção dos espectadores usuários de língua de sinais. A partir destas pesquisas, aumenta a demanda de se desenvolver as técnicas cinematográficas visuais nas narrativas em Libras percebendo as expressões dos tipos dos planos da linguagem cinematográfica.

Sabemos que estas produções narrativas em Libras são importantes, pois através delas os surdos contam piadas, poesias, fábulas, histórias com elementos da cultura surda, suas experiências de vida, com

o objetivo de registrar a história narradas por pessoas surdas. Assim começam a ser produzidas as narrativas através de pensamentos convertidos em filmes imagéticos para registrar e publicar a cultura surda, existindo um compromisso histórico com a comunidade surda.

Tendo como base o trabalho de Aumont (2009 *apud* Pimenta, 2012), reservamos alguns planos cinematográficos especialmente para utilização em nossa investigação, dadas as semelhanças imagéticas que produzem tanto em linguagem cinematográfica quanto em Língua de Sinais. Estes planos tiveram sua denominação de acordo com Setaro (2009): grande geral, geral, americano, próximo e *close up*.

Os planos da Libras estão inseridos em suas gramáticas específicas (Sinal, Soleturação, Classificador, Antropomorfismo, entre outros), mantendo a informação das narrativas visuais.

A proposta da dissertação do autor Nelson Pimenta (2012) foi o que iniciou a motivação para o desenvolvimento da pesquisa sobre os aspectos imagéticos em Libras. O trabalho dele foi explicar a linguagem cinematográfica das cenas das fábulas de *Esopo*. Mostraremos as categorizações específicas dos planos da Libras pesquisados e formulados na pesquisa deste autor, conforme abaixo:

Plano Grande Geral: apresenta uma cena ampla observando um grande ambiente onde o espectador possa ver tudo neste plano. Assim que a Língua de Sinais descreve uma situação em cena ampla com uma forma de expressar um humano na praia.

Plano Geral: é uma cena observada de visão em geral que o espectador veja o lugar que acontece nas cenas de um plano mais reduzido, ou seja, menos do que o amplo, pode ser encontrado mais próximo do ambiente isto pode ser externa ou interno. Na Língua de sinais descreve as cenas e utiliza mais próximo da câmera, que será representando a forma da personagem no tamanho da tela.

Plano Americano: apresenta uma mostra de personagem mais de perto, ou seja, a tela tem que estar aproximada do corpo da cabeça ao joelho. Na língua de sinais possuem a mesma forma para descrever as personagens, mas representa a configuração de mão na forma do corpo.

Plano Aproximado ou Próximo: apresenta um plano muito próximo da tela, onde a câmera personaliza a cabeça. Na produção da Língua de sinais são utilizados a expressão da cabeça, geralmente possuem a aparência de sinais ou formas para representar uma forma de expressar.

Plano Close up: apresenta um plano que mais se utiliza nos objetos e nos humanos, assim demonstrando as sensações emocionais dos

humanos. Na Língua de sinais, possui a mesma maneira, porém nessa produção utiliza a forma do objeto e expressão mais visual focada.

Para fins de clareza nas análises posteriores, iremos descrever algumas características dos principais elementos das Línguas de Sinais, que são o sinal, os gestos, o antropomorfismo e a edição.

SINAL – São combinações das formas de mãos utilizados pelo contato do corpo, isto é, os parâmetros, que se apresentam em cinco tipos: 1) Configuração de mão, 2) orientação das mãos, 3) locação, 4) movimento e 5) expressão facial e corporal. Segundo Pimenta (2012, p. 62), a primeira característica da narrativa analisada foi a ocorrência de sinais da Língua de Sinais Brasileira, sendo estes divididos em quatro categorias: Nome, Verbo, Pronome e Outros, conforme demonstrado a seguir.

NOME – É uma palavra que designa alguma coisa, ou seja, um conceito em que expressa a características do material que dar um nome. O estudioso relata que estas categorias foram incluídas produções nominais como, por exemplo, lebre, amigo, bonito, entre outros (PIMENTA, 2012).

Figura 4.2.1: Nome do sinal



PALHAÇO

AJUDAR

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqljo>

Figura 4.2.2: Nome do sinal



PÁSSARO

CRUZ

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=YaAy0cbjU8o>

VERBOS – esta categoria é utilizada nas ocorrências de todos os tipos de verbos, tanto os que têm com concordância verbal como os que não tem concordância em Libras. Podemos citar como exemplo os verbos com concordância verbal: ver, ajudar, pegar, dar; os sem concordância são: querer, não querer, jogar, disputar, brincar, entre outros.

Figura 4.2.3: Os sinais dos verbos



PEGAR

DISPUTAR

JOGAR/COMEÇAR

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqljo>

PRONOMES – A Libras possui o apontamento ao interlocutor, o que constitui um sistema pronominal. Desse modo, apontando a pessoa é o que representa as pessoas do discurso. As pessoas em singular são: EU, ELE, VOCÊ e os pronomes pessoais do plural são NÓS, VOCÊS, ELES. Com a ação de apontar ao referente e necessário também acompanhar a direção do olhar. Quando um interlocutor aponta de frente para o outro dizendo “VOCÊ”, é necessário olhar de frente para ele. Há também os pronomes possessivos e demonstrativos. Os pronomes possessivos são MEU, SEU(s) e TEU(s), NOSSO, DELE(s), DELA(s), que têm sinais próprios. Os pronomes demonstrativos apresentam um apontamento acompanhando ou não os objetos, por exemplo, nos sinais de ESTE, ESSA, AQUELE, AÍ, AQUI e LÁ.

Figura 4.2.4: Os sinais dos pronomes



ESTE

EU

TEU/SEU

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqljo>

GESTOS – Nas narrativas em Libras ocorre a expressão de gestos, que não fazem parte da gramática da Língua de Sinais, pois os gestos se apresentam como sinais icônicos. Os gestos podem ser do tipo pantomima ou gestos convencionais. Veja os exemplos a seguir.

PANTOMIMA – são gestos utilizados nas narrativas que não pertencem a Língua de Sinais como, por exemplo, os gestos de fumar, pensar, bravo, remar, entre outros.

GESTOS CONVENCIONAIS – São ocorrências de gestos comuns e que na maioria das vezes a Língua de Sinais também os usa, pois, dependendo do uso linguísticos, tanto surdos como ouvintes que conseguem compreender. Como exemplos, podemos citar casa, dedo positivo e dedo negativo, onde/cadê e entre outros.

ANTROPOMORFISMO – São a incorporação de objetos ou animais, que pode ser utilizada na produção das narrativas em Libras, demonstrando uma performance desses objetos e animais como se fossem humanos. Antropomorfizar utiliza muito a expressão facial e a corporal, movimentos gestuais e geralmente mostra os classificadores representando a incorporação do objeto. O autor também pode utilizar o antropomorfismo dos objetos ou animais dramatizando diálogos em Libras como, por exemplo, no trecho do vídeo de Segala *A bolinha conversou com o Juiz* (Figura 4.2.5 e 4.2.6). Neste caso, a bolinha é um objeto, mas é um objeto que tem vida.

Figura4.2.5: Movimento da bolinha



BOLINHA PARA CÁ E PARA LÁ

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqIjo>

Figura 4.2.6 : Incorporação da bolinha



BOLINHA INCORPORADO PELO ROSTO NA BATIDA DE RAQUETE E ABRIU O OLHO PARA O JUIZ

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqljo>

Figura 4.2.7: Antropomorfismo da bolinha dialogando.



BOLINHA PEDINDO AJUDA.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqljo>

AÇÃO CONSTRUÍDA – São usadas as ações de agir e de fazer algum movimento de um homem ou qualquer personagem. Por exemplo, atleta de ping-pong – homem com raquete, isto é um homem segurando a raquete com uma mão e faz a ação e o movimento do braço atacando a bolinha. Outro exemplo também de animais, uma ave comendo biscoito, assim, uma ave representa com uma mão e com a outra mão representando a boca mastigando o biscoito. A diferença entre Ação Construída e Antropomorfismo é que o último incorpora totalmente através de diálogos em Libras, no corpo e na expressão facial, enquanto a Ação Construída se configura como uma imitação da ação de um personagem, como um gesto, por exemplo.

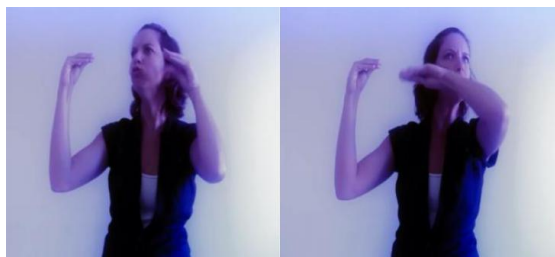
Figura 4.2.8: Ação do personagem.



HOMEM ATLETA ATACANDO A BOLINHA

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqljo>

Figura 4.2.9: Ação do personagem



AVE MASTIGANDO E LIMPANDO BOCA

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=YaAy0cbjU8o>

EDIÇÃO – É a montagem feita a partir das gravações de vídeos que usam a sequência das narrativas em Libras. Ela pode ser a montagem desejando o uso da sinalização em Libras, organizando o contexto, o enquadramento, utilizando a expressão corporal, expressão do olhar e outros. A edição possui duas categorias: edição paralela e a edição dialógica. A seguir, dois exemplos:

Figura 4.2.10: Edição Paralela



DOIS ATLETAS ATACANDO A BOLINHA

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqljo>

Vemos que na Figura 4.2.10 há um ator sinalizando, porém a montagem mostra a edição em dois quadros, simbolizando dois personagens. Podemos ver as diferenças: um mostra um atleta masculino, porque é bravo; o segundo é atleta uma feminina, porque tem boca de biquinho. Veja outra figura de animais:

Figura 4.2.11: Edição paralela



Braço – a ave feminina e ave masculino

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=YaAy0cbjU8o>

A Figura 4.2.11 apresenta a atriz expressando o antropomorfismo de ave e a edição é feita com o rosto, mostrando a ave feminina e a ave masculina.

A edição dialógica trata da organização de cenas utilizando as sequências de sinalização em que ocorre diálogo. Nos vídeos de expressão em Libras, geralmente se identifica por dois olhares juntos. Veja a imagem a seguir:

Figura 4.2.12: Ação do diálogo



JUIZ E A BOLINHA OLHANDO – ROSTO

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqIjo>

Percebe-se que na figura 4.2.12, o autor Rimar Segala sinaliza de forma que expressa o diálogo da bolinha de ping-pong com o juiz pelas

trocas de papel de personagem, começando a observar que o juiz está com o olhar direcionado à bolinha e a bolinha direcionado ao juiz. A bolina pede então a ajuda do juiz por causa do sofrimento nas batidas das raquetes e o juiz concorda e a salva.

Figura 4.2.13: Ação do diálogo



PEDINDO AJUDA DO JUIZ

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqljo>

Figura 4.2.14: Ação do diálogo



O JUIZ OBSERVANDO E AFIRMANDO QUE VAI AJUDÁ-LO

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqljo>

Percebemos que há dois papéis de personagens usando os diálogos.

CLASSIFICADOR EM LIBRAS – Os classificadores são usados para descrever as características das imagens, objetos, animais, pessoa, entre outros. Isto é, são recursos linguísticos da gramática da Libras, em que os personagens surdos usam a estratégia visual para incorporar os pontos espaciais e, para isso, articulam os movimentos da mão, do corpo e da expressão facial. Nas palavras de Pimenta (2009),

Os classificadores – CL fazem parte do uso de estratégias para o estabelecimento de pontos espaciais” e “podem ser realizados em pontos específicos do espaço, assim como os sinais

específicos, ou serem usados incorporando os pontos por meio de movimentos, assim como alguns sinais (PIMENTA, 2009, p. 82).

A Língua de Sinais possui muitos recursos visuais. Os surdos usam a percepção pelo canal visual e essa habilidade visual tem a estrutura específica que possibilita a criação da estratégia usada nos classificadores para descrever da forma que ele vê. Pode ser pelos pontos específicos do espaço, pode ser pelos movimentos, pelos sinais e pelos parâmetros da Libras. A Libras tem um sistema com cinco parâmetros, como já referido anteriormente, que ajudam a perceber o uso dos classificadores através desta gramática em Libras.

O classificador é mais facilmente compreendido em exemplos a especificação utilizada a Libras. Muitos autores já escreveram os inúmeros tipos de classificadores, mas o autor Pimenta (2012) analisou cinco tipos de Classificadores: CL – D Descritivo, CL – ESP Especificador, CL – I Instrumental, CL – P Plural e CL – C Corpo.

CL – Descritivo – são classificadores para descrever um objeto quanto à forma e tamanho, ou como para descrever a maneira como esse referente é segurado ou se comporta na ação. Pode descrever qualquer objeto, pessoa e animal, além de poder serem utilizadas as duas mãos. Veja a figura 4.2.15 o autor utilizando a forma da mesa da bolinha de ping-pong.

Figura 4.2.15: Ação do classificador descrevendo o tamanho da mesa e a rede



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqIjo>

Tudo isso serve para a classificação da forma, tamanho e objetos para que o espectador possa entender a imagem da sinalização que ele vê, como uma forma de complementar as narrativas produzidas em Libras.

CL – Especificador é uma classe específica de classificadores informando o objeto ou corpo, definindo a textura do referente, parecido

com a Classificador Descritivo, mas é utilizando mais a textura e mais detalhes. Por exemplo, a Figura 4.2.16 descrevem as características de duas pessoas, mas com ênfase nas características diferentes.

Figura 4.2.16: Ação do especificador masculino



BARBA

CABELO

ESCOVANDO BARBA



PENTEANDO BARBA

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqjjo>

Figura 4.2.17: Ação especificador feminina



UMA MULHERCHAPÉU

Figura 4.2.18: Ação especificador feminina

USANDO PERFUME COLOCANDO A LUIVA

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqIjo>

O classificador especificador pode também explicar a textura do corpo, se é gordo, magro, cabelo enrolado, espinha, nariz grande, pequeno e outros.

CL – Instrumental – Apresenta uma situação que descreve o ato de usar alguma coisa, ou seja, segurar o objeto, ou manipular o material e etc. O classificador não descreve e nem especifica da forma e sim de que maneira alguém manuseia. Exemplos: carregar um balde pela alça, puxar uma gaveta, tocar a campainha da porta, virar a página de um livro, limpar uma superfície com um pano entre outros, como a figura que representará a bolinha do ping-pong que bate na bolinha e quica na mesa.

Figura 4.2.19: Ação do classificador instrumental

OLHA A BOLINHA, QUIQUE NA MESA E BATE NA BOLINHA.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqIjo>

CL – Plural – São as formas usadas para representar de mais de um movimento, ou mais de uma forma dos objetos, ou seja, mostrando mais de um número. O classificador plural também utiliza a expressão facial, indicando que quando há muitos objetos, as sobrancelhas são

franzidas e bochechas cheias, com a expressão cansada ou lenta demais, por exemplo. As sinalizações de engarrafamento, arquivancada, muitas pessoas, muitas árvores, estacionamento, muitos carros, etc., são exemplos desses usos.

Figura 4.2. 20: Ação do classificador Plural



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqjjo>

CL – Corpo – Demonstra a especificação do corpo, mostrando um movimento e ação das partes do corpo. Por exemplo, olho piscando, mania das pernas se mexendo, vaca mastigando, entre outros.

Figura 4.2.21: Ação dos movimentos do corpo



DUAS ASAS (Pássaro voando) AÇÃO DA ASA (Pássaro voando)

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=YaAy0cbjU8o>

Até aqui estudamos os pontos mais importantes a respeito dos planos da expressão visual em Libras, pois os outros não são tão usados nos vídeos. A partir de tudo que foi citado acima, apresentaremos a análise de vídeos.

5. METODOLOGIA DA PESQUISA

5.1 - METODOLOGIAS DE ANÁLISES EM LEITURA

Este trabalho apresenta uma pesquisa que realiza a busca da identificação dos tipos de planos da linguagem cinematográfica nas narrativas em Libras. Para atingir os objetivos propostos, a metodologia utilizada constituiu-se de um estudo bibliográfico: estudos de tradução, estudos de Língua de Sinais, estudos linguísticos, estudos de linguagem cinematográfica e estudos de literatura. Em um segundo momento, foram analisados três vídeos em Libras, a respeito dos quais a ideia inicial foi de descrever a quantidade de usos dos tipos de planos da linguagem cinematográfica em Libras.

Esta pesquisa se caracteriza como pesquisa de estudo de caso com enfoque exploratório. O contexto proposto foi analisado a partir do idioma da comunidade surda. Fez-se o uso das orientações de Gil (2010, p. 54), segundo o qual um estudo de caso “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineadores já considerados”.

Além disso, é fundamental que a pesquisa considere os dados da realidade social, para que se possa compreender e esclarecer os resultados da análise de dados. Os dados coletados mostram as informações dos planos da linguagem cinematográfica a partir de vídeos que foram produzidos dentro da comunidade surda, e precisam ser compreendidos a partir dela.

No primeiro momento, destinamos atenção ao levantamento bibliográfico a respeito da temática investigada. Para o desenvolvimento teórico e de análise dos dados, selecionamos os seguintes estudos, sendo eles:

- Os livros do autor Luis Nogueira (2010) e do autor Chris Rodrigues (2007) que demonstram a importância da linguagem cinematográfica e como as cenas se apresentam durante a gravação dos filmes, assim usam vários tipos de enquadramento, ou seja, os planos, ângulos, movimentos e outros.

- O livro do autor Jacques Aumont (2009) que apresenta um panorama teórico que dá exemplos de estética dos filmes para que os estudantes de cinema possam compreender a prática no uso do cinema, contendo os aspectos da linguagem cinematográfica com alguns exemplos dos filmes antigos para visualizar o quadro do ambiente das cenas.

- O livro do autor Jean-Claude Bernardet (1980), que consiste em uma história do início da carreira de gravação do cinema, apresentou também a forma de perceber as estruturas das gravações através das interações entre câmeras e o quadro do ambiente, mostrando a forma de descobertas das novas tecnologias e trazendo novas estruturas de visualizar o filme da forma da linguagem cinematográfica.

- O livro de Roman Jakobson (1995), que relata a importância da linguística e da comunicação que contribua com os aspectos da teoria linguística da tradução e comunicação, assim seja, a arte da tradução, a gramática da comunicação e os distúrbios de fala.

- A dissertação da Betty Lopes de Andrade (2015) explicando sobre o uso do antropomorfismo nas narrativas em Libras, que são incorporações e personificações dos objetos e os animais.

- A dissertação de Nelson Pimenta (2012), na qual é relatada a importância das linguagens cinematográficas a partir das narrativas das Fábulas de *Esopo* traduzidas e adaptadas para a Língua de Sinais por ele mesmo, o autor, mostrando a interação da linguagem cinematográfica com a expressão em Libras.

- O artigo do Benjamin Bahan (2006), que descreve que cada tipo de histórias narrativas se relaciona com a experiência pessoal, elas contam a ordem dos eventos cronológicos, assim como a história cinematográfica, o conto popular e também no trabalho de ficção em sequência da maneira que o autor se produz em Língua de Sinais.

- O artigo do Dirksen Bauman (2006), que relata a importância da perspectiva de sinalização em poesia e as perspectivas visuais imagéticas, de uma maneira de entender a arte sinalizada como linha, texto, verso, prosa e técnicas cinematográficas.

- O artigo de Lodenir Karnopp (2006), o qual fala da literatura surda na educação infantil e tem como objetivo analisar os livros produzidos no contexto das diferenças e de identidades surdas, que se possa compreender como se manifesta a literatura da comunidade surda.

- O estudo de Maria Vasconcelos (2008), que se enquadra na área dos Estudos da Tradução e reflete sobre os significados do conceito de tradução.

- O artigo de Rachel Sutton-Spence e Ronice Müller de Quadros (2006) relatando a importância da literatura surda produzida e narrada em Línguas de Sinais e de que as motivações venham das experiências do seu mundo visual. A Libras também possui uma estrutura contada nas poesias, os ritmos, a simetria, a sonoridade visual e o antropomorfismo.

- O artigo de Thaís Flores N. Diniz (1998), que ressalta a importância dos estudos da tradução intersemiótica, determinando um sistema de expressão através dos recursos visuais, como artes, pinturas, para a linguagem verbal e ou vice-versas e mostrando o trabalho sobre a tradução intersemiótica do texto para tela.

Esta pesquisa tem três tipos de abordagens metodológica: qualitativa, quantitativa e descritiva. Primeiramente foi empregada a metodologia qualitativa que, de acordo com o problema de pesquisa, é muito usada dentro de uma expectativa exploratória. Gil (2010, p. 27) relata que é possível identificar pesquisas bibliográficas, estudos de caso e mesmo levantamento de campo que podem ser considerados estudos exploratórios. Para isso, é preciso resolver um problema, criar hipóteses e identificar as respostas importantes para o resultado da pesquisa.

Este universo da pesquisa qualitativa permite que se tenham resultados palpáveis, ainda que sejam utilizados textos como objeto, já que consiste em uma coleta de dados, desenvolvendo conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados pesquisados, diferente da pesquisa quantitativa que é definida por um estudo estatístico.

No segundo momento, já que foram utilizados vídeos para analisar os tipos de planos da linguagem cinematográfica em Libras, foi utilizando o gráfico da quantidade de uso de planos, o que condensou a abordagem quantitativa da pesquisa. Os gráficos possibilitam enxergar mais claramente a recorrência dos usos dos recursos da linguagem cinematográfica e, a partir deles, levantar hipóteses e aprofundar análises. Realizamos um levantamento dos critérios que foram de usos repetidos dos planos em Libras, usando uma tabela para exemplificar a mensuração das possibilidades, de modo que ressaltem a compreensão das técnicas utilizadas pelos autores surdos. Podemos entender, interpretar e explicar os dados se há ocorrência no uso de Libras na linguagem cinematográfica ou não.

A abordagem descritiva foi usada tanto para detalhar as cenas encontradas nos vídeos estudados quanto para descrever os impactos que o uso dos recursos da linguagem cinematográfica causam nos espectadores, além de permitir perceber o uso que os autores surdos fazem das estratégias como câmera, ângulos, planos, movimentos, tomadas e

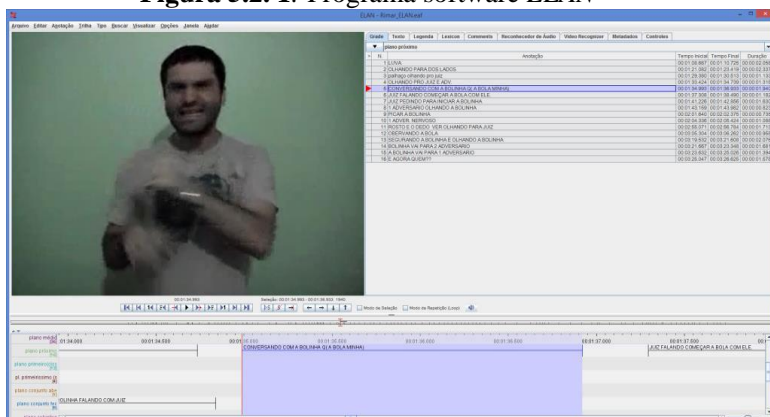
edições. Para ajudar a sintetizar o que cada plano da linguagem cinematográfica representa em sua característica visual, foram coletadas imagens da *internet* a partir da filmografia recente. As imagens foram selecionadas com o critério de exprimirem mais claramente o conceito do tipo de plano da linguagem cinematográfica, além de possuírem semelhanças visuais com as expressões encontradas na produção em Libras. Para esclarecer o uso da câmera em algumas imagens, foram também criados alguns esquemas que facilitam a compreensão do leitor.

5.2 - METODOLOGIAS EM USOS DE RECURSOS PARA ANÁLISES

Para as análises dos vídeos que contêm a linguagem cinematográfica nas expressões narradas em Libras, foi utilizado o *software ELAN*⁷ para avaliar e decompor os três vídeos selecionados que os autores surdos produziram.

Para identificar as análises dos três vídeos, foram estabelecidos e constituídos panoramas da linguagem cinematográfica utilizando o programa *ELAN*. Esse programa tem como finalidade segmentar os exemplos que reproduzam os tipos de expressões utilizadas na linguagem cinematográfica que os autores surdos usam nas narrativas, deixando assim como base o filme em que foi narrado pelos autores do vídeo.

Figura 5.2. 1: Programa software *ELAN*



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

5.3 METODOLOGIAS DE ANÁLISES EM VÍDEOS.

Foram analisados três vídeos de autores surdos em que apresentam as expressões narrativas em Libras, nos quais foi possível identificar os aspectos da linguagem cinematográfica. Primeiramente serão apresentados os três corpos de dados em vídeos:

Tabela 1:Tabela de Vídeos

Vídeos em Libras	<i>O Papagaio rei</i>	<i>Voo sobre o Rio</i>	<i>Bolinha de ping-pong</i>
Produtora publicada	Repositório UFSC https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/130150	<i>Youtube</i> https://www.youtube.com/watch?v=YaAy0cbjU8o	<i>Youtube</i> https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqljo
Autor	Bruno Ramos	Fernanda Machado	Rimar Segala
Tipos de narrativas	Poesias e teatros	Poesias	Contos
Tempo do vídeo	06:47	03:45	03:39
Personagens	Três Personagens Papagaio, Morcego e Caçador	Dois personagens- Cisne macho e cisne fêmea	Quatro personagens – Bolinha do ping-pong, arbitro e 2 adversários

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

O corpo de dados do presente trabalho constitui-se de três textos. Os textos foram escolhidos porque os três são folclóricos surdos em

linguagem poética e foram produzidos em Libras. Apesar de cada um dos vídeos poder ser categorizado como um gênero de narrativa diferente, por conta das dificuldades de estabelecer os limites entre os vários gêneros, os vídeos foram escolhidos por serem narrativos e por possuírem evidências que apontavam para o uso dos planos da linguagem cinematográfica. Além disso, os três têm o mesmo uso de câmera fixa, mas os enquadramentos de plano são diferentes. Em dois vídeos, como *Voo sobre o Rio* e *Bolinha de ping-pong*, encontramos o mesmo tipo de plano no uso da câmera que registrou o vídeo, que é o Plano Médio (enquadramento da cabeça até a barriga). Já o vídeo *O Papagaio rei* é um trabalho que possui o plano inteiro (enquadramento da cabeça até o pé). No entanto, eles possuem outros planos de linguagem cinematográfica visual, que são as técnicas visuais cinéticas, sinalizadas no momento de expressar dentro da Libras. Os vídeos *Voo sobre o Rio* e *Bolinha de ping-pong* possuem duração semelhante, com apenas alguns segundos de diferença. O terceiro vídeo, no entanto, possui mais de 6 minutos de duração, quase o dobro das anteriores. Os dois primeiros vídeos foram gravados para serem divulgados na comunidade surda pelo *site YouTube*; já a narrativa do autor Bruno Ramos foi gravada num festival de surdos para competir com outros contadores em Libras. Nesse vídeo, além da diferença de tempo e de finalidade, também foi gravado em local diferente, pois mostra a imagem de todo o palco onde o autor se apresenta.

Apropriando-me desses vídeos, percebemos que os autores apresentam as expressões narrativas em Libras, construindo e envolvendo a cultura surda, sabendo que deve utilizar os resultados dos aspectos visuais da linguagem cinematográfica, analisando e identificando os tipos dos planos.

Os dados dos vídeos foram extraídos da seguinte forma: todos os dados a respeito dos diversos tipos de planos da linguagem cinematográfica foram elaborados para serem lançados no *software ELAN*. Após isso, os vídeos foram assistidos, um a um, dentro do sistema, fazendo o recorte manual dos vídeos, avaliando um tipo de plano de cada vez. Dessa forma, os vídeos em Libras foram segmentados quanto às sinalizações dos planos e, em seguida, foi acrescentada a glosa dos sinais.

Depois de encontrados todos os dados dos três vídeos, obteve-se um panorama geral dos planos da linguagem cinematográfica que foram encontrados, com todas as suas recorrências, as quais foram sistematizadas em tabelas e, posteriormente, em gráficos. Depois dos recortes, o *Elan* tem um sistema que apresenta as quantidades dos usos de cada plano. Os dados gerados no *Elan* foram colocados em editor de planilhas para calcular as porcentagens que foram inseridas nos gráficos.

Os gráficos permitiram analisar as diferenças nos vídeos em Libras. Na análise, havia uma diferença considerável das quantidades de usos de planos da linguagem cinematográfica em um dos três vídeos, a qual foi analisada de acordo com o contexto de produção dos vídeos.

6. RESULTADOS DA ANÁLISE DA LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA NAS NARRATIVAS EM LIBRAS

Neste capítulo, conheceremos a discussão desta pesquisa, sabemos que as expressões narrativas em Libras feitas por três autores surdos, a seguir, serão apresentadas nas imagens. As imagens foram cortadas dentro do *software ELAN*, onde foram editadas com a identificação dos tipos dos planos da linguagem cinematográfica.

Os autores Nogueira (2010) e Rodrigues (2007) apresentam uma variedade maior nos tipos de plano de linguagem cinematográfica. O primeiro expõe 14 tipos de Planos e o segundo apresenta 16 tipos de planos que podem aparecer nas narrativas em Libras. No entanto, como fonte da presente pesquisa utilizamos e analisamos os 24 tipos de plano de linguagem cinematográfica elencados por Nogueira (2010) e Rodrigues (2007), sendo: 1) Plano Grande Geral, 2) Plano Geral, 3) Plano Geral Aberto, 4) Plano Geral Fechado, 5) Plano Situação, 6) Plano Inteiro, 7) Plano Americano, 8) Plano Médio, 9) Plano Próximo, 10) Plano Primeiro, 11) Plano *Super close*, 12) Plano Detalhe, 13) Plano Master, 14) Plano Sequência, 15) Plano Conjunto Aberto, 16) Plano Conjunto Fechado, 17) *Contra plongee*, 18) *Plongee*, 19) Plano Frontal, 20) Plano Subjetiva, 21) Plano Zenital, 22) Plano Obliquo, 23) Plano Reação e 24) Plano Reflexivo.

Portanto, cada autor pesquisou os tipos de planos como já citado acima. Entretanto, esses autores da linguagem cinematográfica encontraram alguns planos iguais e alguns diferentes. Sendo assim percebidas essas diferenças e semelhanças, iremos analisar os tipos de planos pesquisados estes autores, procurando encontrar os 24 tipos de planos nos vídeos das narrativas em Libras do autor surdo Bruno Ramos *O papagaio Rei*, de Rimar Segala, *A bolinha do ping-pong* e da autora Fernanda Machado, *Voo sobre o Rio*.

Portanto, as produções em Língua de Sinais possuem as produções imagéticas visuais cinematográficas no sentido de utilizar a forma dos planos, movimentos espaços, a forma das mãos, as expressões faciais, as expressões corporais, edições e entre outros, pois são fundamentais para as técnicas visuais em Língua de Sinais.

[...] a visualidade supõe exercícios imagéticos semioticamente mediados, uma vez que não se realiza sem a presença de signos, ou seja, não se

realiza como atividade direta dos órgãos dos sentidos. Pode constituir-se como discurso justamente pela possibilidade de ser produzida por signos e por produzir signos (CAMPELLO, 2008, p. 22).

A visualidade possui a capacidade de mediar o pensamento imagético, ou seja, a relação semiótica visual. Realizando essa mediação, possibilita a construção de técnicas visuais cinematográficas e até produz os signos imagéticos em Língua de Sinais da forma natural de mostrar os espaços como ângulos, como movimentos de baixo, cima, lado, e movimentos rápidos e lentos, dependendo daquilo que for pensado para expressar o ponto de vista dos personagens.

Bauman (2006) demonstra os três aspectos de câmera capturados sem utilização das ferramentas do filme. O primeiro é a câmera, que o autor surdo representa nas suas expressões imagéticas visuais cinéticas usando ângulos para baixo, para cima, para lado direito ou esquerdo, os movimentos de braço, mão, corpo, e mostra o ponto de vista dos personagens diferentes, podendo também mover em círculo ou em linha reta. O segundo é o *shot* (tomadas de tiro) que são os tiros como os fonemas, porque eles são fundamentais, flexíveis e produtivos, variando quanto à distância como *close-up*, curta ou longa (*zoom*), e quanto à velocidade, que pode ser *fast-forward* (rápida) ou *slow* (lenta). O terceiro aspecto é a edição, já que as imagens precisam ser editadas para combiná-las na sequência da cena, aparecendo nos diálogos, quando se faz as trocas de papel, pois o corte entre as falas dos personagens, e também nas montagens de sequências de imagens, construindo uma história visual sem qualquer narração.

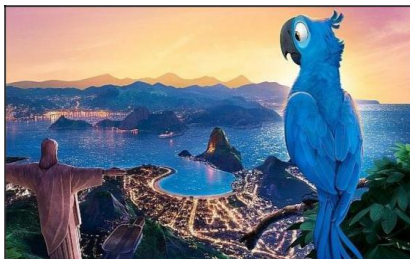
Os planos dizem respeito à proporção que os personagens (objetos e pessoas) são enquadrados. Os diversos tipos de planos podem influenciar os espectadores ou ressaltar emoções do vídeo. A seguir, faz-se necessário, explicaremos melhor os exemplos dos planos da linguagem cinematográfica em Língua de Sinais com as características próprias de cada um destes planos. Com isso pode -se que perceber alguns cenários dos filmes apresentam grande semelhança com os cenários dos autores surdos sinalizando.

1.1 Plano Grande Geral - PGG:

É uma cena de uma visão de ambiente bem ampla ou mesmo terrestre, em que as personagens que aparecem na descrição do cenário

de maneira narrativa dentro. Por exemplo, vê-se na Figura 6.1.1 que um papagaio pousou em uma árvore, identificando a cidade do Rio de Janeiro, para que os espectadores vejam, criem a situação e sentimentos identificados na imagem.

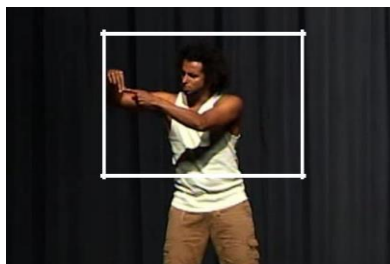
Figura 6.1.1: Plano Grande Geral: O filme *Rio*



Fonte: www.cinemaniablog.com

Na Figura 6.1.2, o autor surdo apresentou o mesmo exemplo deste filme, mas com o plano mais detalhista e assim tornou mais possível o olhar do espectador nas cenas narradas pelo autor surdo possibilitando a imaginação de cenas, as quais vem sendo produzidas em narrativas.

Figura 6.1.2: Plano Grande Geral em Libras



Fonte: Desenvolvido no Festival do Folclore: *O papagaio rei*, do autor Bruno Ramos.

1.2 Plano Geral – PG:

É um plano mais próximo do que o plano anterior, apresentado a cima. É uma visão ampla do ambiente onde o espectador observa a figura humana, mas os personagens apresentam o corpo inteiro nas cenas, que ocorrem ações mais próximas.

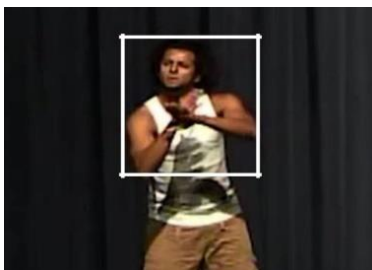
Figura 6.1.3: Plano Geral: O filme *Rio*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=hMA20PY35-A>

Na figura abaixo podemos observar que o autor surdo reproduziu em Libras a mesma cena, mas em uma forma diferente de descrição na ação do personagem no filme.

Figura 6.1.4: Plano Geral em Libras



Fonte: Desenvolvido no Festival do Folclore: *O Papagaio Rei*, do autor Bruno Ramos.

1.3 Plano Situação:

É também chamado de plano de localização ou de estabelecimento, no qual a cena mostra a relação geográfica entre os personagens, por exemplo, em uma cena em que aparece o personagem no meio de duas salas em uma ação, pois mostraria os cenários exteriores e interiores. Outro exemplo é quando filmamos uma cena de uma personagem sentado no sofá da sala em casa, assim usaremos o plano geral da sala ampla.

Figura 6.1.5: Plano Situação em Libras

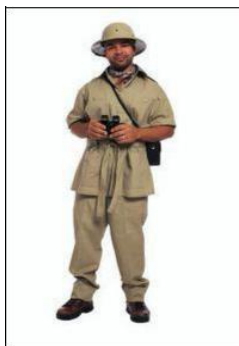


Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqljo>

1.4 Plano Inteiro:

É uma personagem aparecendo de corpo inteiro nas cenas, com um pouquinho espaço acima da cabeça e do abaixo dos pés, interagindo ao cenário. Por exemplo, vê-se na Figura 6.1.6, a personagem aparecer nas cenas de corpo inteiro, que é da cabeça aos pés.

Figura 6.1.6: Plano Inteiro – o caçador



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/216665432044506466/>

Na Figura 6.1.7, em Libras, o autor Bruno apresenta o classificador do corpo em pé, utilizando o corpo inteiro, permitindo a ação nas cenas.

Figura 6.1.7: Plano Inteiro em Libras

Fonte: Desenvolvido no Festival do Folclore: *O papagaio rei*, do autor Bruno Ramos.

1.5 Plano Americano - PA:

É o plano que enquadra a imagem da personagem do joelho até a cabeça.

Figura 6.1.8: Plano Americano: O Filme *Bolas em pânico*

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=RHIPz6SLe2U>

Em Libras também há essa maneira de produzir o Plano Americano, mas este tipo de plano pode ser usado no uso da configuração de mão, através dela a forma do corpo e mais a expressão facial, a partir disso identifica o papel da personagem. Wulf e Dudis (2005) relatam que na Língua de Sinais Americana existe o uso de particionamento do espaço, em que se apresenta os usos de formas de sinais nos espaços com a divisória do corpo, pois o autor demonstra os sinais no espaço real no qual conceitua. O ambiente, no momento de sinalizar, serve para o surdo que observa o espaço do sinalizador como uma forma de observar e

compreender mais claramente os espaços reais, que, nesse sentido, são usados como aspectos visual em sinais.

Figura 6.1.9: Plano Americano em Libras



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqljo>

1.6 Plano Médio

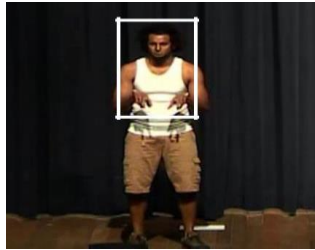
É uma imagem em que na cena não se mostra um grupo de personagens, mas apenas uma figura solitária apresentada em um ambiente, apresentando o chão e as paredes.

Figura 6.1.10: Plano Médio em Libras



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=hMA20PY35-A>

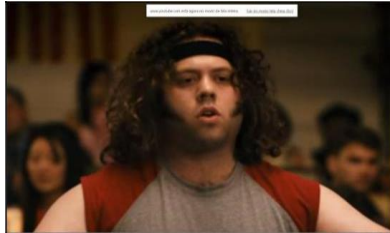
Na Figura 6.1.11, o autor Bruno Ramos apresenta a cena de uma arara azul como uma figura aparentemente sem grupo, sozinha, em um ambiente como na imagem representada a cima, que está dentro da gaiola. Na representação do autor Bruno Ramos, ele consegue utilizar a mesma ação em Libras identificando a arara azul sentada na gaiola.

Figura 6.1.11: Plano Médio em Libras

Fonte: Desenvolvido no Festival do Folclore: *O papagaio rei*, do autor Bruno Ramos.

1.7 Plano Próximo - PP:

É o plano em que na cena se mostra o personagem focando principalmente a sua cabeça. A imagem aparece com o enquadramento mais fechado que o Plano Americano, focalizando a sua face.

Figura 6.1.12: Plano Próximo: o filme “Bolas em pânico”

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=RHIPz6SLe2U>

Nas narrativas em Libras, também é utilizado o mesmo enquadramento focando a face do autor surdo. Isso se percebe porque o foco está relacionado ao movimento das mãos na cabeça, mostrando a característica do personagem.

Figura 6.1.13: Plano Próximo em Libras

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqIjo>

1.8 Plano Primeiro (*close*):

É uma mostra bem aproximada na parte do rosto da personagem, enchendo a tela com os detalhes sobre ela.

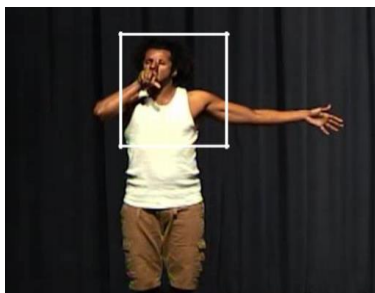
Figura 6.1.14: Plano primeiro (*close*): O filme “Rio”



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=hMA20PY35-A>

Esse mesmo plano aparece na ação em Libras em que o autor Bruno Ramos sinaliza com uma a mão representando a asa aberta e a outra mão com os dedos na boca, representando o bico aberto. O plano pode ser enquadrado como Plano Primeiro porque o foco da cena está na expressão facial de um grito muito forte, representado pela expressão facial acentuada do autor. O braço aberto representando a asa, na cena, cumpre o papel de contextualizador com a cena anterior.

Figura 6.1.15: Plano Primeiro (*close*) em Libras



Fonte: Desenvolvida no Festival do Folclore: *O Papagaio Rei*, do autor Bruno Ramos.

1.9 Plano primeiro (*Super close*):

É ainda mais fechado do que o Plano Primeiro, já que isola uma parte do rosto do personagem, mostrando mais a cabeça e o queixo.

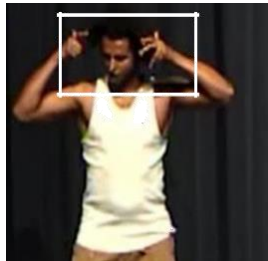
Figura 6.1.16: Plano Primeiro (*Super close*): O filme *Rio*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=hMA20PY35-A>

A *Libras* mostra a expressão facial para usar o mesmo plano com o uso de classificador do chapéu apresentando o foco no rosto.

Figura 6.1.17: Plano Primeiro (*Super close*) em *Libras*



Fonte: Desenvolvido no Festival do Folclore: *O papagaio rei*, do autor Bruno Ramos.

1.10 Plano Detalhe:

É uma imagem que apresenta aproximadamente um objeto, ou seja, pode ser em qualquer imagem que seja visualizada em tela cheia, assim como uma narrativa visual.

Figura 6.1.18: Plano Detalhe



Fonte: <http://vivomaissaudavel.com.br/beleza/para-eles/veja-como-aparar-a-barba-sem-fazer-feio/>

Em Libras acontece a mesma coisa quando o autor apresenta sua mão como o uso do pente como se estivesse usando penteando a barba. Assim, pode se ver o Plano Detalhe com o enquadramento do pente na mão.

Figura 6.1.19: Plano Detalhe em Libras

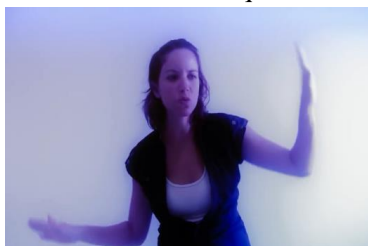


Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqjjo>

1.11 Plano Sequência:

É aquele em que a câmera que acompanha os deslocamentos das personagens nos diversos espaços, seguindo diversas ações entre si, em diversos ângulos e movimentos, sem cortes. Assim, este filme apresenta ação em vários planos e podemos ligá-los através das montagens.

Figura 6.1.20: Plano de Sequência em Libras



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=YaAy0cbjU8o>

Na figura acima, a autora Fernanda Machado produziu no seu vídeo em Libras, de forma contextualizada, um pequeno cenário que apresenta o Plano de Sequência.

1.12 Plano Conjunto Aberto:

É uma mostra de imagem que tem aproximação que foca um grupo de pessoas, apresentando-as com corpo inteiro, no fundo detalhado.

No vídeo *Bolinha de ping-pong*, em Libras, apresentam-se três personagens ao mesmo tempo, um árbitro regulando o jogo e dois atletas competindo.

Figura 6.1.21: Plano Conjunto aberto



Fonte: http://www.wikiwand.com/pt/T%C3%AAnis_de_mesa

Figura 6.1.22: Plano Conjunto aberto em Libras



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqIjo>

1.13 Plano Conjunto Fechado:

São as imagens em que enquadram menos de três pessoas, que formam a mesma função dramática, assim como na imagem abaixo com os Cisnes, na qual se representa duas aves se aproximando.

Figura 6.1.23: Plano Conjunto Fechado



Fonte: <http://www.fondosgratis.mx/imagenItem/8968/1024/naarhetlicht.jpg>

Em Libras, a autora Fernanda Machado apresenta uma poesia *Voo sobre o Rio*, que fala sobre um pássaro voando na cidade do Rio de Janeiro, que pouso na lago e encontra o companheiro.

Figura 6.1.24: Plano Conjunto Fechado em Libras



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=YaAy0cbjU8o>

Para finalizar, quanto à duração de cada plano, a avaliação do tempo exato de cada plano fica ao critério do diretor, bem como a narrativa que a direção de arte pretende dar ao filme. Os vídeos dos surdos são como as narrativas, pois este é o registro da expressão sinalizada e uma forma de publicar e deixar registrada sua cultura.

Este trabalho tem o intuito de futuramente mostrar os tipos de planos para focar nas cenas, pois os enquadramentos nas narrativas são similares aos personagens ouvintes e surdos, já que eles focam em cenas, imagens e objetos. Uma narrativa em Libras filmada com a estrutura da linguagem cinematográfica ficará mais atrativa, pois esta linguagem cinematográfica com diversos tipos de planos e movimentos de câmera, dará mais emoção as cenas e expressões sendo produzidas por autores surdos.

Os tipos de planos são prática da linguagem cinematográficas. Os autores surdos apresentam e divulgam seus vídeos para comunidade surda, pois tem o objetivo de mostrar a estrutura visual própria e sua identidade surda apresentando a realidade do contexto da cultura surda. Estes autores que sinalizam em Libras constroem a arte visual quanto ao imagético visual, utilizando a performance com o movimento do corpo, expressão facial, repetição de sinais, classificadores e gestos.

É preciso entender que temos duas noções dos planos, uma que tem objetivo de apresentar a distância das personagens e ou a distância da câmara, em que os planos têm os aspectos da estrutura visual, pois é responsável por tornar a dar destaque ao objeto. Porém fica ao critério do diretor do filme realizar uma avaliação da distância de cada plano, para analisar os efeitos desejados para as narrativas.

Além dessa concepção, as narrativas e filmes também possuem outros tipos de planos, que apresentam os ângulos no quadro das personagens do filme e os movimentos que surgem nas cenas. Assim, essas noções de ângulos e movimentos também possuem marcas nas expressões em Libras. Sabemos que os ângulos são: *contra Plongée* e *Plongée* ou enquadramento inclinado.

Vejamos a seguir os tipos de planos de ângulos nas narrativas surdas:

1.14 *Contra Plongée* ou Plano Contra Picado:

É aquele que apresenta um quadro que tem câmera inclinado de baixo para cima, apontando para os objetos ou o personagem. Assim, a expressão em Libras apresenta-se também desta maneira. Um pássaro voando no alto e observando para baixo funciona como a imagem de câmera inclinada de baixo para cima, verificando as ações do pássaro.

Figura 6.1.25: Plano *Contra Plongée* em Libras



Fonte: Desenvolvido no Festival do Folclore: *O papagaio rei*, do autor Bruno Ramos.

1.15 *Plongée* ou Plano Picado:

É quando a câmera está inclinada de cima para baixo focando os personagens ou objetos. Esta ação é bem apresentada na cena onde um ator que inicia um voo alto e bate nas nuvens, com a câmera inclinada de cima para baixo.

Figura 6.1.26: Plano *Plongée* em Libras

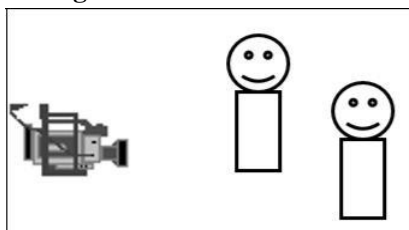


Fonte: Desenvolvido no Festival do Folclore: *O papagaio rei*, do autor Bruno Ramos.

1.16 Enquadramento inclinado ou Plano Frontal:

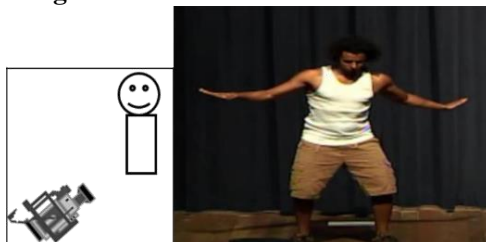
São imagens em que a câmera está na posição normal, ela fica inclinada do lado das personagens ou de objetos. A visualização de lado é usada em cenas, por exemplo, que o caçador fica atrás da árvore visualizando a vinda do pássaro e o ataca para pega-lo. A câmera está posicionada de lado para ver as reações nos dois acontecimentos, com todos os personagens de cena, que são o caçador, a árvore, rede e o pássaro.

Figura 6.1.27: Plano Frontal



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 6.1.28: Plano Frontal em Libras



Fonte: Desenvolvido no Festival do Folclore: *O papagaio rei*, do autor Bruno Ramos.

1.17 Plano Subjetivo:

É um enquadramento onde o ator é representado de um ponto de vista em que o espectador está com a câmera deslocada em frente ao ator, movimentando-a.

Figura 6.1.29: Plano Subjetivo em Libras



Fonte: Desenvolvido no Festival do Folclore: *O papagaio rei*, do autor Bruno Ramos.

1.18 Plano Oblíquo:

É a cena que apresenta a imagem desequilibrada e aumenta efeito dramático, onde as personagens são enquadradas de modo inclinado

Figura 6.1.30: Plano Oblíquo em Libras

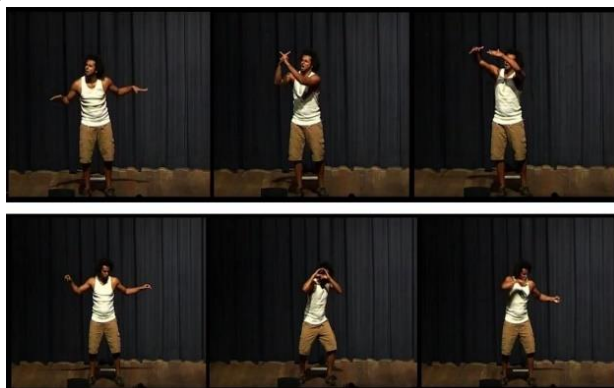


Fonte: Desenvolvido no Festival do Folclore: *O papagaio rei*, do autor Bruno Ramos.

1.19 Plano Zenital:

São planos onde a câmera se apresenta de cima e visualiza para baixo. Outra possibilidade de execução é o plano contra zenital, onde as cenas da câmera se utilizam de baixo para cima.

Figura 6.1.31: Plano Zenital e Plano Contra Zenital em Libras



Fonte: Desenvolvido no Festival do Folclore: *O papagaio rei*, do autor Bruno Ramos.

1.20 Plano Reação:

É um enquadramento nas cenas de sequência que apresenta os personagens dialogando, pois, a sequência acompanha as imagens entre personagens e espectadores.

Figura 6.1.32: Plano Reação em Libras



Fonte: Desenvolvido no Festival do Folclore: *O papagaio rei*, do autor Bruno Ramos

1.21 Plano Reflexivo:

São as cenas em que as personagens que aparecem no enquadramento e substituem espectador dentro do filme. Essa imagem apresenta as sequências observadas pelo espectador dentro do enquadramento capturado pela câmera.

Figura 6.1.33: Plano Reflexivo em Libras

Fonte: Desenvolvido no Festival do Folclore: *O papagaio rei*, do autor Bruno Ramos.

Estes são os exemplos que apresentam, na narrativa em Libras, os momentos em que foi possível identificar os aspectos da linguagem cinematográfica desenvolvidos nos vídeos do autor surdo, pois utilizou-se de uma interação com o uso da câmera, dos movimentos rápidos e lentos, com o objetivo de se tornar de uma maneira mais visual e provocando diversas sensações para os espectadores e também estes se sentirem atraídos por esta nova estética de narrativas em Libras.

Agora vamos analisar as três narrativas em Libras para verificar a recorrência dos usos do plano da linguagem cinematográfica, para depois apresentar a classificação dos planos nos resultados das narrativas em Libras.

Figura 6.1.34: Fernanda Machado – *Voo sobre o Rio*

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=YaAy0cbjU8o>

Figura 6.1.35: Rimar Segala – *Bolinha de ping-pong*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqljo>

Figura 6.1.36: Bruno Ramos – *O Papagaio Rei*



Fonte: Desenvolvido no Festival do Folclore: *O papagaio rei*, do autor Bruno Ramos.

Os vídeos apresentam os surdos sinalizando as suas narrativas para comunidade surda, então iremos falar sobre os três vídeos. Na Figura 6.1.34, que é um vídeo sinalizado chamado *Voo sobre o Rio*, da autora Fernanda Machado, relata de forma poética a visão do Planeta Terra pequena, médio e grande. Depois, veio um pássaro voando sobre a cidade do Rio de Janeiro, onde foi construída a imagem do Cristo Redentor. Podemos perceber também a representação da montanha do Pão de açúcar, a Avenida da Praia de Copacabana e depois o pássaro pousa no lago e encontra o outro pássaro. Quando os pássaros surdos conversam, percebemos que eles são formando um casal de pássaros surdos, que têm um romance e depois os dois voam livres mostrando aquela linda paisagem.

Este foi o que nós entendemos sobre o vídeo, pois é uma estrutura visual em que cada um pode ver em diferentes formas de percepção as estruturas imagéticas, constituindo uma poesia emotiva contada para usuários surdos.

A Figura 6.1.35 refere-se ao vídeo sinalizado chamado *Bolinha de ping-pong*, no qual o autor Rimar Segala expressa uma narrativa metafórica, sobre um estádio com arquibancadas lotadas de pessoas assistindo dois adversários que iniciaram a competição de ping-pong. Metaforicamente, a bolinha de ping-pong pode ser compreendida como o surdo, que se encontra dividido em ter as modalidades de expressão. A expressão facial da bolinha no jogo, sofrendo de dor, oferece uma possibilidade de compreender a situação dos surdos.

São expressões contidas na história dos surdos, que eram proibidos de usar a Língua de Sinais e depois foi aprovado no Congresso Milão o avanço da modalidade oralista. Somente muitos anos depois os surdos voltaram a ter o direito de usar sua língua natural, como a Língua de Sinais e isso é mostrado metaforicamente desse vídeo.

A Figura 6.1.36 mostra uma tela da narrativa em Libras que foi gravada no Festival do Folclore em Libras, que conta a história do Papagaio Rei na convivência da comunidade surda, através da qual o autor Bruno Ramos expressa uma poesia sobre o jeito de ser surdo. A história apresenta o papagaio voando feliz e tranquilo, quando se depara com um caçador que o força a conviver com uma comunidade ouvinte. No momento em que o papagaio adormece em sua gaiola, sonha que um morcego retira sua cultura e identidade surda; então acorda assustado e resolve fugir da gaiola. Essa narrativa demonstra a liberdade dos surdos dentro de sua comunidade surda, podendo livremente interagir em Libras com sua identidade e cultura surda, sem a opressão do mundo ouvinte, aceitando-se do seu jeito, pois é importante o surdo se sentir orgulhoso em ser surdo.

Por enquanto, esses são os resumos das narrativas e a partir de agora veremos as tabelas abaixo, com os seguintes tipos de planos de linguagem cinematográfica nas três narrativas em Libras.

Na primeira tabela, analisamos os tipos dos planos da linguagem cinematográfica da autora Fernanda Machado com a narrativa em Libras.

Tabela 2: *Voo sobre o Rio*

	Tipo de plano	Ocorrências	Estatística
1	Plano Grande Geral	10	6,7%
2	Plano Geral	16	10,7%
3	Plano Geral Aberto	0	0,0%
4	Plano Geral Fechado	0	0,0%
5	Plano Situação	5	3,3%
6	Plano Inteiro	13	8,7%

	Tipo de plano	Ocorrências	Estatística
7	Plano Americano	17	11,4%
8	Plano Médio	1	0,6%
9	Plano Próximo	12	8,0%
10	Plano Primeiro	11	7,3%
11	Plano <i>Super close</i>	2	1,3%
12	Plano detalhe	0	0,0%
13	Plano Master	0	0,0%
14	Plano Sequencia	1	0,6%
15	Plano Conjunto Aberto	0	0,0%
16	Plano Conjunto Fechado	15	10,0%
17	Plano <i>Contra Plongée</i>	5	3,3%
18	<i>Plongée</i>	10	6,7%
19	Plano Frontal	0	0,0%
20	Plano Subjetiva	13	8,7%
21	Plano Obliquo	7	0,0%
22	Plano Reação	2	1,3%
23	Plano Zenital	9	6,0%
24	Plano Reflexivo	0	0,0%
Total de usos dos planos		149	

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Na segunda tabela, analisamos os tipos dos planos da linguagem cinematográfica do autor Rimar Segala na narrativa em vídeo em Libras.

Tabela 3: *Bolinha de ping-pong*

	Tipo de plano	Ocorrência	Estatística
1	Plano Grande Geral	3	2,2%
2	Plano Geral	5	3,8%
3	Plano Geral Aberto	0	0%
4	Plano Geral Fechado	0	0%
5	Plano Situação	1	0,7%
6	Plano Inteiro	4	3%
7	Plano Americano	8	6,1%
8	Plano Médio	41	31,2%
9	Plano Próximo	18	13,7%
10	Plano Primeiro	13	9,9%
11	Plano <i>Super close</i>	2	1,5%

12	Plano Detalhe	3	2,2%
13	Plano Master	0	0%
14	Plano Sequencia	0	0%
15	Plano Conjunto Aberto	2	1,5%
16	Plano Conjunto Fechado	6	4,5%
17	Plano <i>Contra Plongée</i>	4	3%
18	<i>Plongée</i>	3	2,2%
19	Plano Frontal	2	1,5%
20	Plano Subjetiva	8	6,1%
21	Plano Oblíquo	0	0%
22	Plano Reação	6	4,5%
23	Plano Zenital	1	0,7%
24	Plano Reflexivo	1	0,7%
Total de usos dos planos		131	

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Na terceira tabela, analisamos os tipos dos planos da linguagem cinematográfica do autor Bruno Ramos na narrativa em vídeo em Libras.

Tabela 4: *O Papagaio Rei*

	Tipo de Plano	Ocorrência	Estatística
1	Plano Grande Geral	6	2,9%
2	Plano Geral	11	5,3%
3	Plano Geral Aberto	0	0,0%
4	Plano Geral Fechado	2	0,9%
5	Plano Situação	4	1,9%
6	Plano Inteiro	40	19,6%
7	Plano Americano	13	6,3%
8	Plano Médio	26	12,7%
9	Plano Próximo	13	6,3%
10	Plano Primeiro	12	5,8%
11	Plano <i>Super close</i>	7	3,4%
12	Plano detalhe	10	4,9%
13	Plano Master	0	0,0%
14	Plano Sequencia	2	0,9%
15	Plano Conjunto Aberto	0	0,0%
16	Plano Conjunto Fechado	7	3,4%
17	Plano <i>Contra Plongée</i>	5	2,4%
18	<i>Plongée</i>	5	2,4%

19	Plano Frontal	5	2,4%
20	Plano Subjetiva	4	1,9%
21	Plano Obliquo	8	3,9%
22	Plano Reação	12	5,8%
23	Plano Zenital	5	2,4%
24	Plano Reflexivo	7	3,4%
Total de usos dos planos		204	

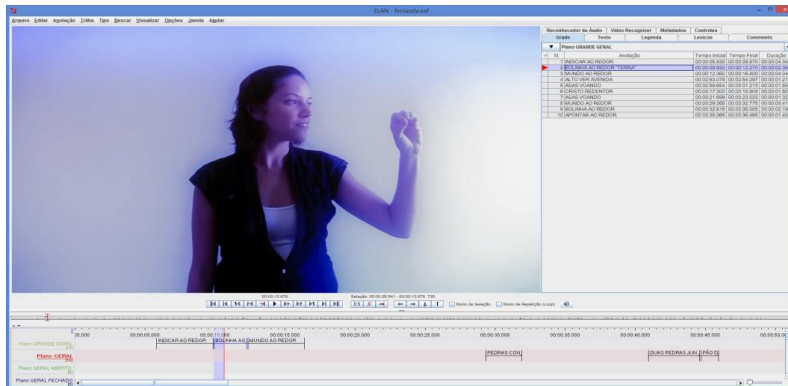
Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Estas tabelas são resultado da análise a partir do *software ELAN* para obter os tipos de plano da linguagem cinematográficas encontrados nas narrativas em Libras identificados nas técnicas visuais cinéticas. Identificamos a soma de total dos usos dos planos da linguagem cinematográficas em três vídeos, foram 484 usos de planos, 149 no vídeo *Voo sobre o Rio*, 131 no vídeo *Bolinha do ping-pong* e 204 no vídeo *O papagaio rei*. Havia muita diferença de uso dos planos no contexto das três narrativas nos vídeos em Libras. Acredita-se que a diferença do número de planos encontrados nos vídeos, especialmente no vídeo *O papagaio rei*, justifica-se pela diferença de contexto de produção, já que este vídeo foi produzido num contexto de um festival de contação de histórias, envolvendo competição. Os dois outros vídeos, no entanto, foram produzidos para serem divulgados para a comunidade surda pela *internet*. Além disso, a visualização dos tipos de plano pode ter sido favorecida no vídeo *O papagaio rei* pelo fato de obtermos as imagens corpo inteiro do autor, com a totalidade da sua expressão, enquanto dos outros dois temos acesso somente da cintura para cima.

Iremos explicar a respeito de cada tipo de planos na linguagem cinematográficas utilizados dentro das três narrativas em Libras.

Plano Grande Geral – Sabemos que as cenas serão em um ambiente bem amplo e mostrando o espaço maior e que as sinalizações serão pequenas, com a expressão facial também mostrando classificador plural.

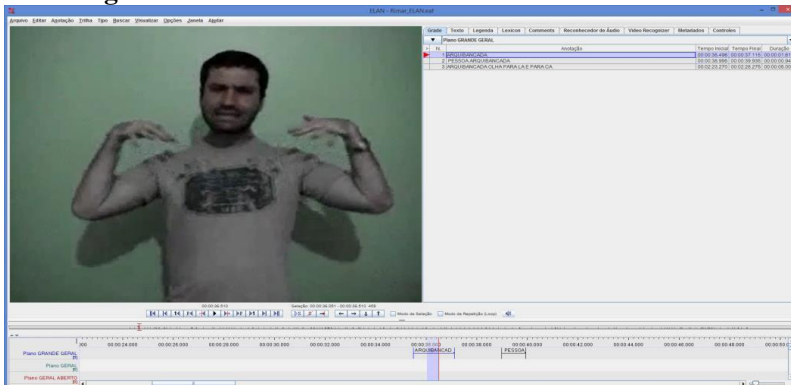
Figura 6.1.37: Planos Grande Geral identificado na Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

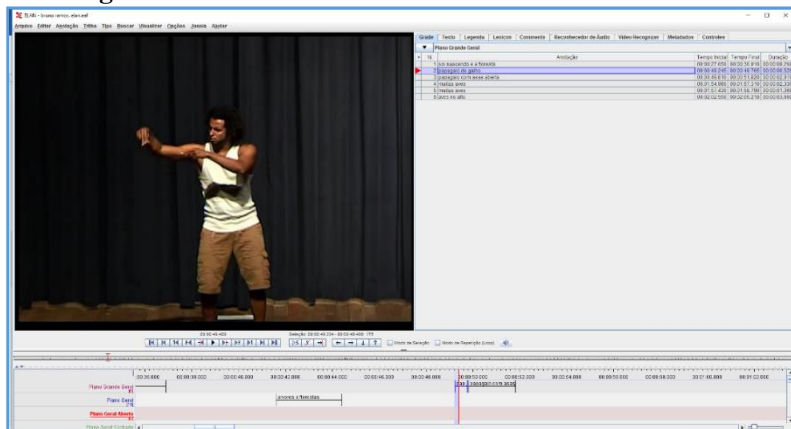
Nesta imagem, a autora utilizou a sinalização de uma configuração de mão da letra “O”, assim apresenta o Planeta Terra observado de longe.

Figura 6.1.38: Planos Grande Geral identificado na Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

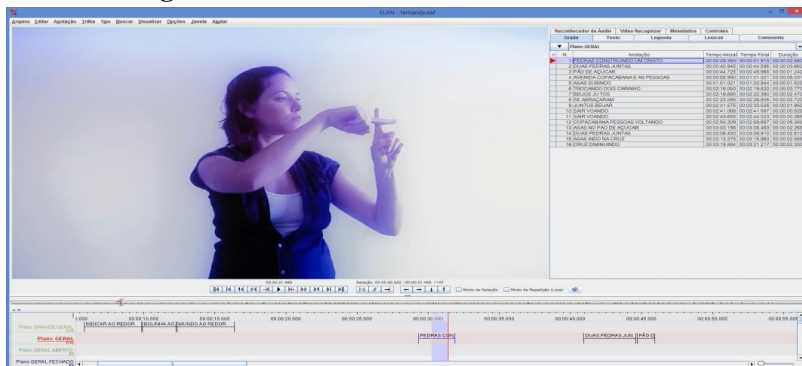
Percebemos que o autor sinalizou com a expressão facial que há muita gente na arquibancada e com o olhar no meio onde irá ocorrer a competição.

Figura 6.1.39: Plano Grande Geral identificado na Libras

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Nesta imagem, o autor sinalizou um sinal do papagaio pequeno sentado na árvore no alto do morro.

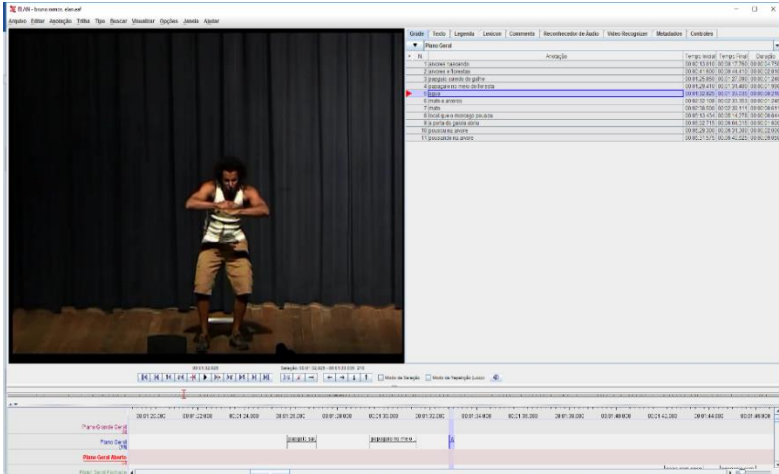
Plano Geral é as cenas que apresentam esse tipo de plano podem ser representadas em ambiente externo ou interno. Geralmente é parecido com o Plano Grande Geral, mas é pouco menor e mais focado na ação do personagem no ambiente. A Libras mostra mais o foco nos sinais, assim observando a ação da personagem no filme.

Figura 6.1.40: Plano Geral identificado na Libras

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

No vídeo da autora Fernanda Machado, encontramos o Plano Geral mais focado no sinal com um pouco de Plano Grande Geral, em que a cruz representa o Cristo Redentor.

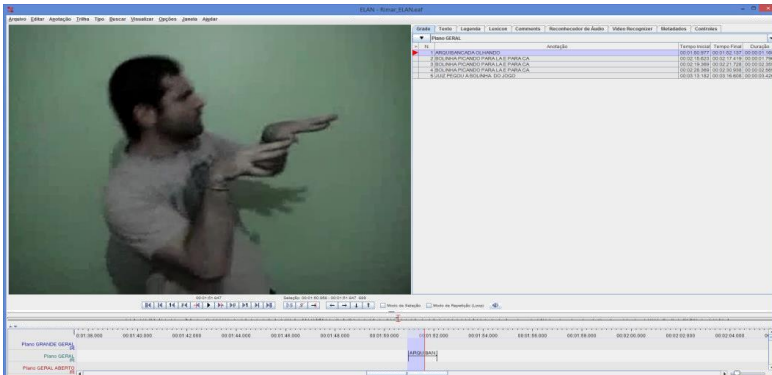
Figura 6.1.41: Plano Geral identificado na Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Na figura acima, representa-se o Plano Geral que demonstra a ação da arquibancada. Esta ação tem o movimento dos sinais relacionados à posição da bolinha.

Figura 6.1.42: Plano Geral identificado na Libras



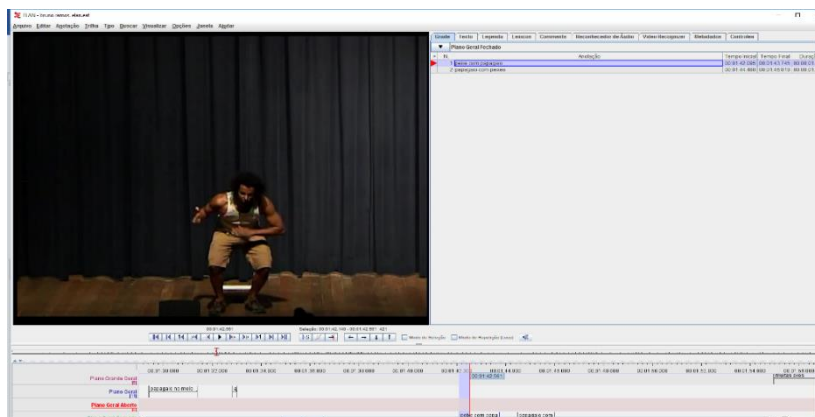
Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Na figura acima, o autor apresentou o Plano Geral que representa a ação do papagaio voando em cima da água.

Plano Geral Aberto é o enquadramento que apresenta as cenas localizadas no exterior e interior amplos, que não foi encontrado em nenhum dos três vídeos.

Plano Geral Fechado é o semelhante ao Plano Geral Aberto, porém a diferença é o enquadramento será apresentado numa relação do espaço do ambiente, assim só foi identificado no vídeo *O papagaio rei* e não foram identificados nas cenas dos vídeos em Libras *Voo sobre o Rio* e nem em *Bolinha do ping-pong*.

Figura 6.1.43: Plano Geral Fechado em Libras

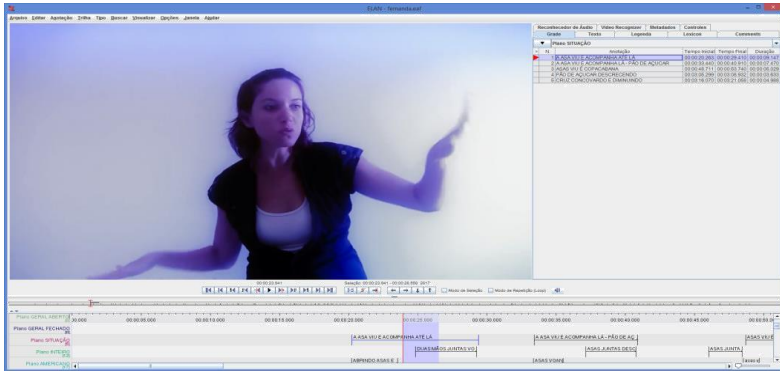


Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Neste vídeo, foi encontrado o Plano Geral Fechado em cenário de dois personagens juntos no mesmo movimento e no mesmo ambiente embaixo da água.

Plano Situação é enquadramento utilizado na localização e onde se mostra a relação geográfica apresentando os personagens ou objetos, com mudanças acontecendo em volta do ator.

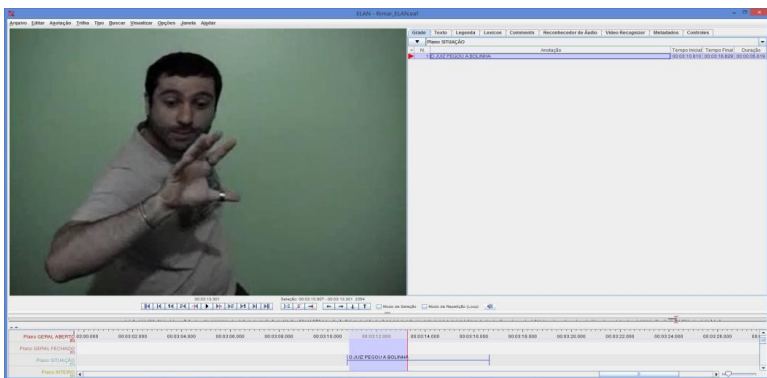
Figura 6.1.44: Plano Situação identificado em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A Figura 6.1.44 representa as asas do pássaro voando no alto com o olhar em relação geográfica, apesar de que este olhar da autora de longe sugere alguma coisa querendo aproximar e logo aparecerá.

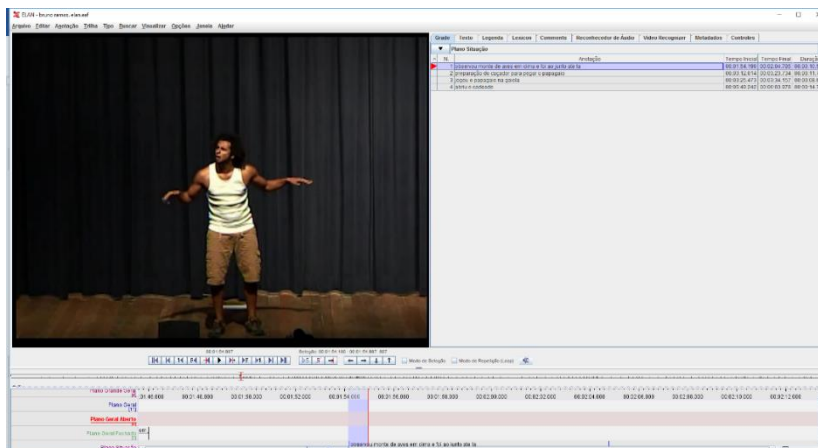
Figura 6.1.45: Plano Situação identificado em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

O Plano Situação pode se encontrado no local amplo onde juiz estava observando a bolinha passar e no momento ele estava planejando a pegar a bolinha para parar, e de repente, acontece a troca de papel de personagem, em que a bolinha foi pega pelo juiz.

Figura 6.1.46: Plano Situação identificado em Libras

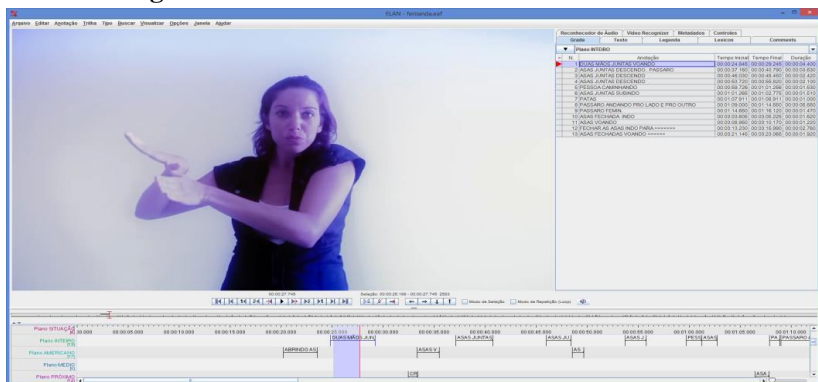


Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A Figura 6.1.46 representa a asas do papagaio observando no alto, com o olhar em relação às nuvens, apesar que este olhar do autor sugere querer aproximar o local no alto.

Plano Inteiro são as cenas em que se apresenta o corpo inteiro do personagem. Portanto, na Libras, pode ser representado o enquadramento com a cena do corpo inteiro ou como a substituição pela Configuração de mão da forma de mão inteira, que pode ser a pessoa inteira.

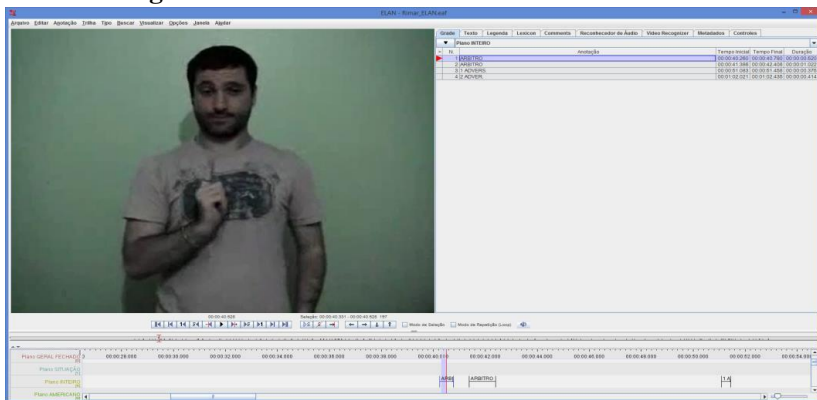
Figura 6.1.47: Plano Inteiro identificado em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Nesta cena do vídeo *Voo sobre o Rio* é um pouco mais complexa, dependendo de o espectador perceber a imaginação dessa forma visual em Libras. Assim, esta figura apresentou o corpo inteiro e também o Plano Geral, mas geralmente é o Plano Inteiro porque a forma de mão apresenta o corpo, como a asa inteira e vemos também que o olhar da autora está na câmera focando, a visão e expressando o bico fixado na câmera que acompanha o voo.

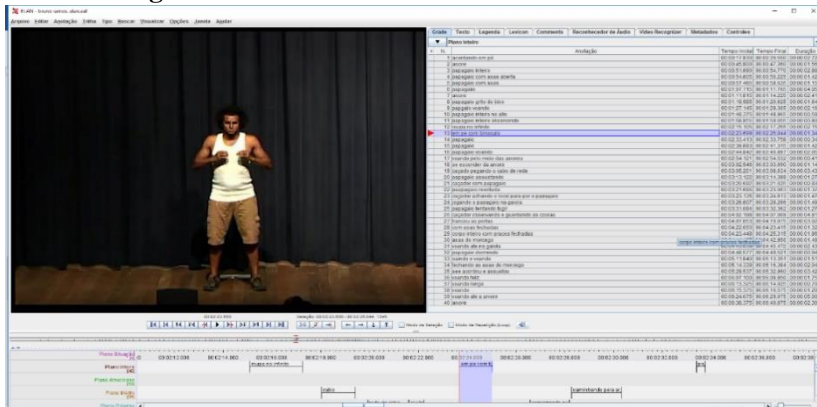
Figura 6.1.48: Plano Inteiro identificado em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Nesta figura acima, vemos a forma do dedo indicador que representa o corpo inteiro, isto é, o Plano Inteiro.

Figura 6.1.49: Plano Inteiro identificado em Libras

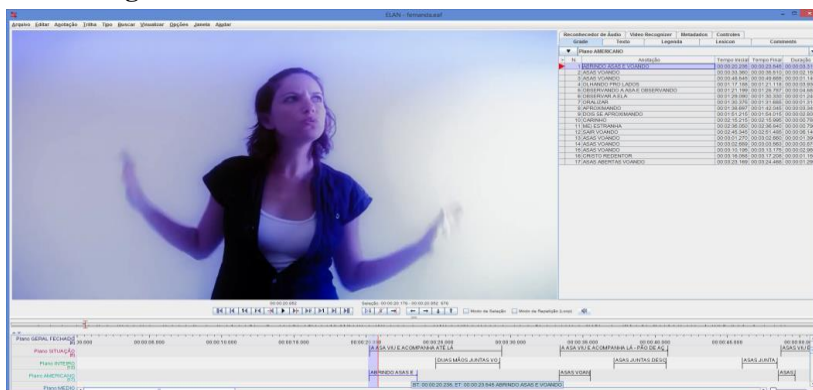


Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Na Figura 6.1.49, é um corpo inteiro que identifica o caçador, caminhando dessa forma para capturar o papagaio.

Plano Americano é um enquadramento que apresenta a cena de um corpo da cabeça até a cintura ou até o joelho. Na Libras, apresenta-se o Plano Americano aparecendo a descrição do corpo até a cintura com a ação da personagem.

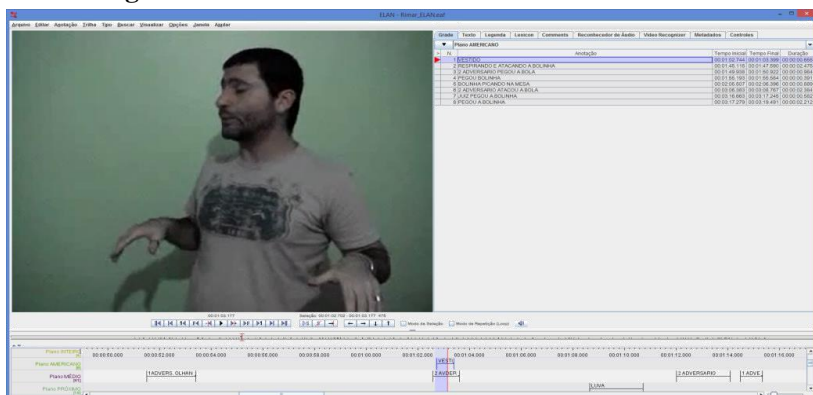
Figura 6.1.50: Plano Americano identificado em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Já na figura acima, representa-se a ação de um corpo até a cintura com o uso da ação, por exemplo, a asa batendo.

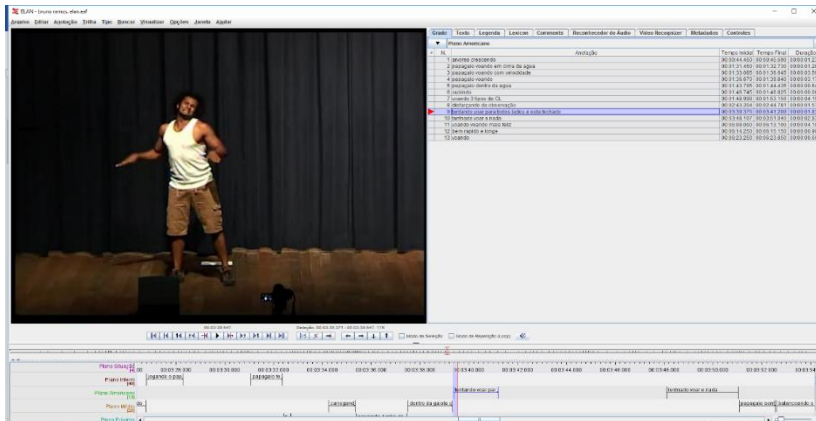
Figura 6.1.51: Plano Americano identificado em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Na figura acima, representa-se o corpo da personagem de uma atleta de vestido, com o enquadramento aparecendo um corpo até a cintura utilizando no momento da ação do corpo.

Figura 6.1.52: Plano Americano identificado em Libras

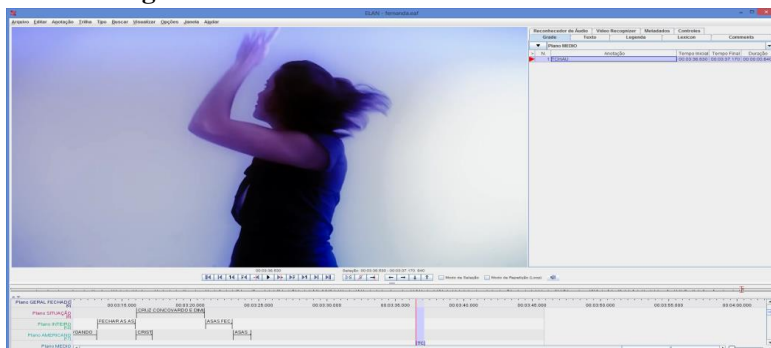


Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Na figura acima está representada a ação das asas do papagaio, com enquadramento curto e também movimentos curtos.

Plano Médio é o enquadramento que apresenta a cena de um corpo, mas com a imagem mostrando o chão, parede e outros ambientes. Em Libras, podem-se utilizar a mesma figura, porém os vídeos não mostram outras imagens, como o chão ou parede, mas com a expressão do contexto é possível imaginar que esse enquadramento está explicando a performance humana com a imaginação de algumas imagens no fundo.

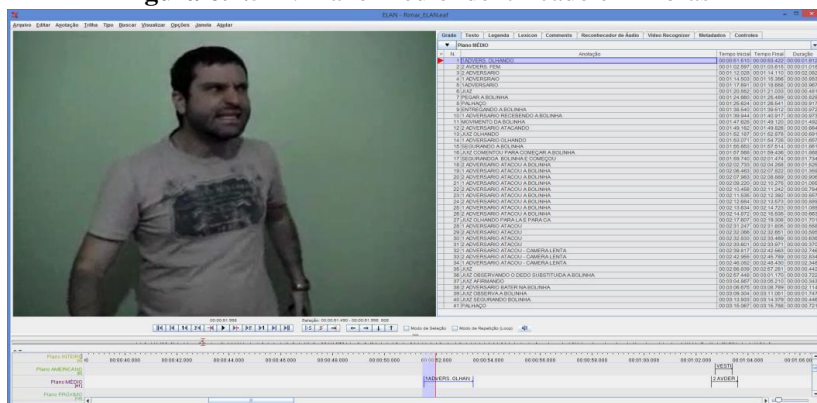
Figura 6.1.53: Plano Médio identificado em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A Figura 6.1.53 apresenta o enquadramento de um pássaro, sinalizando a despedida no momento no final da ação do vídeo fundo.

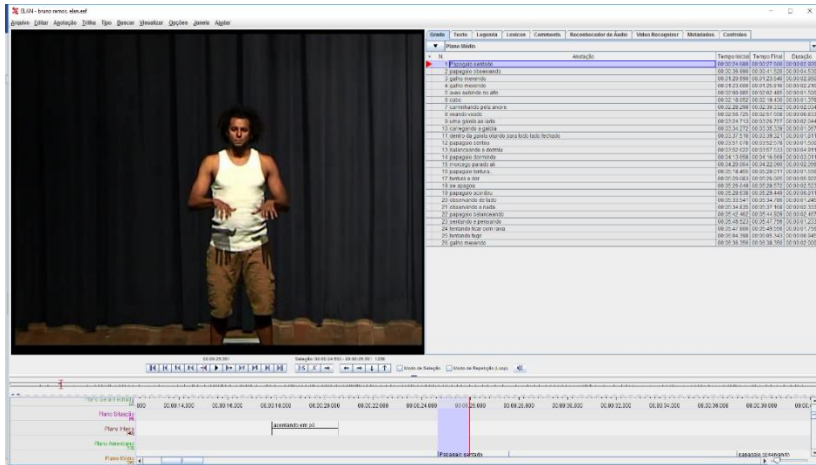
Figura 6.1.541: Plano Médio identificado em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Vemos a imagem acima apresentando a personagem humana com a expressão de brava e, com isso, imaginarmos que no contexto da Libras está em posição de frente à mesa de ping-pong e no fundo as arquibancadas.

Figura 6.1.55: Plano Médio identificado em Libras

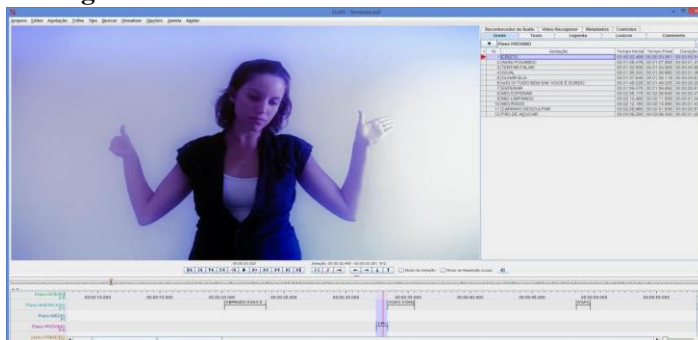


Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A figura acima representa o enquadramento de um papagaio triste e sentado na gaiola, porém foi o momento de desabafar sem sair da gaiola.

Plano próximo é o enquadramento que foca mais próximo do corpo, mais perto da cabeça até o peito. A Libras apresenta a mesma forma, utilizando o foco do peito até o rosto e geralmente usamos a percepção visual das ações do corpo sinalizando acima do peito.

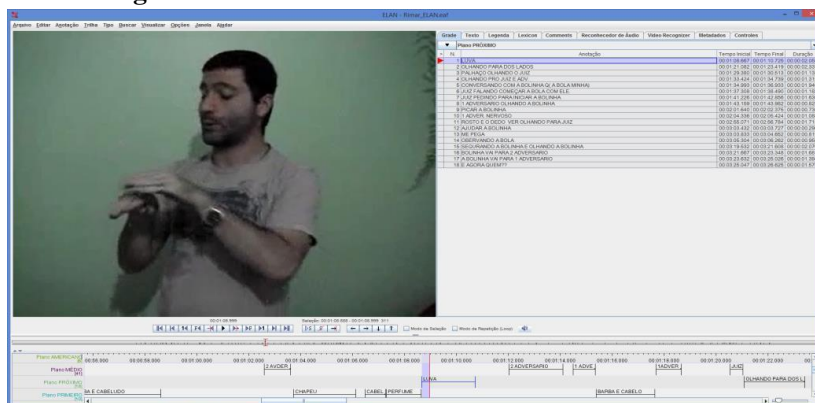
Figura 6.1.56: Plano Próximo identificado em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A Figura 6.1.56 apresenta o foco da imagem visual em que a personagem expressa a ação em Libras acima do peito até a cabeça.

Figura 6.1.57z: Plano Próximo identificado em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A figura acima apresenta a personagem usando a luva com a expressão facial feminina, com o plano próximo, acima do peito até a cabeça.

Figura 6.1.58: Plano Próximo identificado em Libras

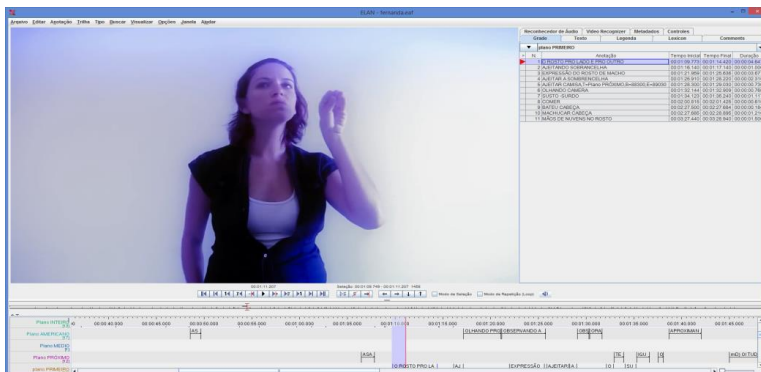


Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Na Figura 6.1.58, pode-se perceber o enquadramento mais proximidade em relação à ação do movimento das asas do papagaio, em que se mostra as penas dele.

Plano Primeiro é o enquadramento que mostra a personagem de forma bem próxima ao rosto, preenchendo o tamanho da tela com o rosto. Na Libras, é uma expressão e movimento da ação mostradas no rosto.

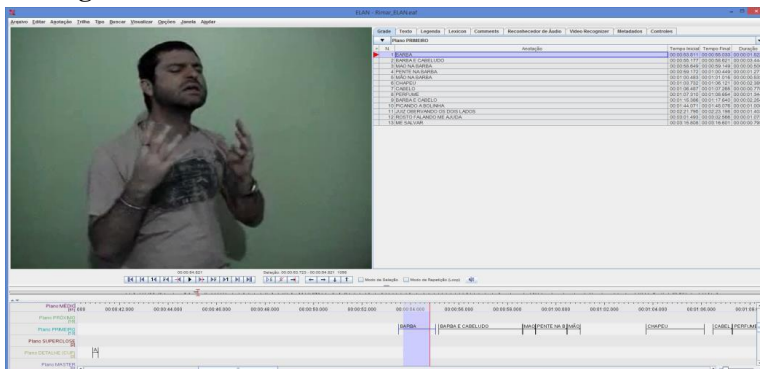
Figura 6.1.59: Plano Primeiro identificado em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A imagem acima mostra a ação do rosto observando e procurando alguma coisa. A imagem do rosto pode ser embutida na tela e a forma da mão ser substituída pelo rosto da autora, porém a mão e o braço mostra a antropomorfização do bico e o corpo do pássaro.

Figura 6.1.603: Plano Primeiro identificado em Libras

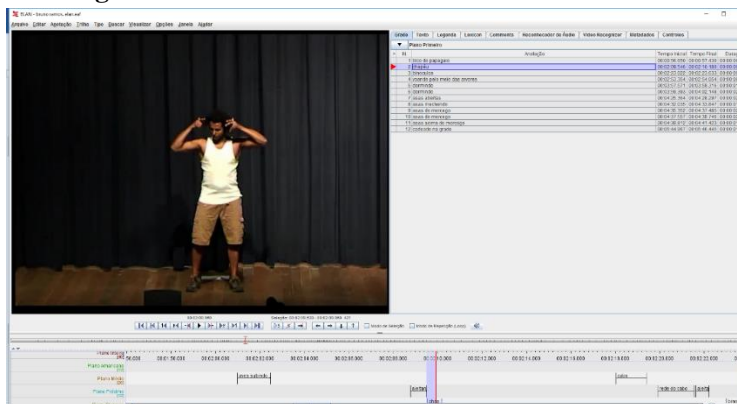


Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Na Figura 6.1.60, percebemos que o autor apresenta a característica do rosto, porém ali aparece a barba. Pela minha visão,

representa imagem maior, utilizando a expressão facial para se referir ao tamanho da barba.

Figura 6.1.61: Plano Primeiro identificado em Libras

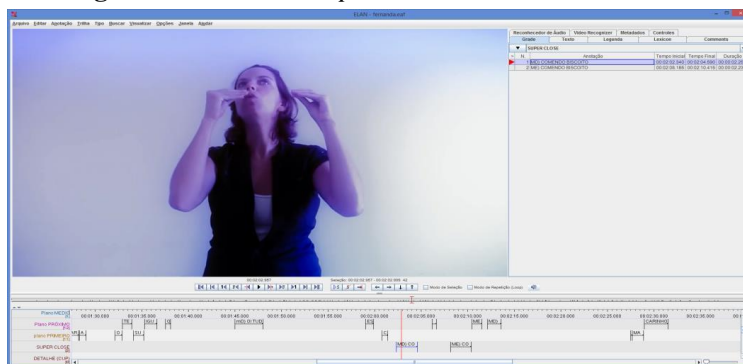


Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Na figura acima, identifica-se a expressão do chapéu, em que percebemos que dá a atenção ao caçador ajustando-o na cabeça, porém é possível referir-se o tamanho da tela focada no chapéu.

Plano *Super close* é o enquadramento com mais foco no rosto, porém as imagens aparecem mais do queixo até a testa.

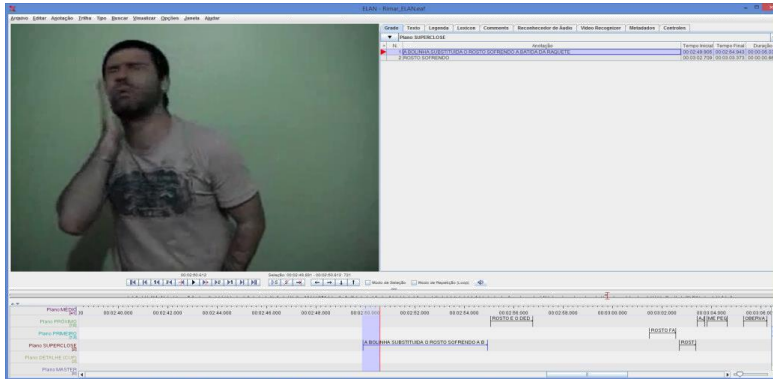
Figura 6.1.62: Plano *Super close* identificado em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Na imagem, mostra-se o foco mais no rosto e na boca, em que ela mastiga o biscoito recebido pelo outro pássaro, mostrando assim do queixo à testa.

Figura 6.1.63: Plano *Super close* identificado em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Na imagem acima, percebemos o enquadramento mais perto do rosto, no qual o autor sinaliza com o antropomorfismo o sofrimento da bolinha com a batida. Geralmente, essa imaginação visual mostra o rosto bem próximo da tela.

Figura 6.1.64: Plano *Super close* identificado em Libras

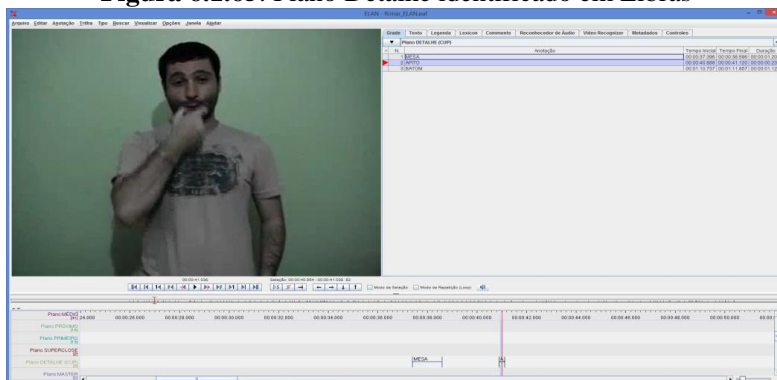


Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A Figura 6.1.64 representa a forma do bico do papagaio, a qual imaginamos a relação mais próxima do bico da personagem por causa da expressão facial de raiva.

Plano Detalhe é o enquadramento que evidencia com mais o foco de um objeto ou personagem mais perto da tela. A Libras pode apresentar o objeto específico, que seja considerada um objeto detalhe, ou especificando o uso mais próximo da personagem. Não foi possível encontrar esse tipo de plano no filme *Voo sobre o Rio*.

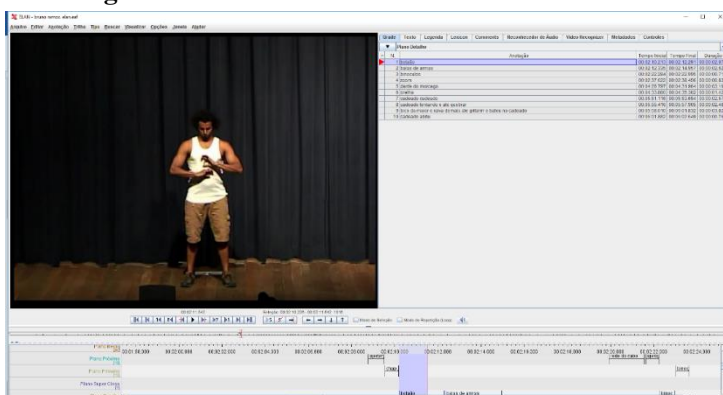
Figura 6.1.65: Plano Detalhe identificado em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Na imagem acima, representa-se o enquadramento específico no apito do árbitro, que o personagem mostra na ação do jogo.

Figura 6.1.66: Plano Detalhe identificado em Libras

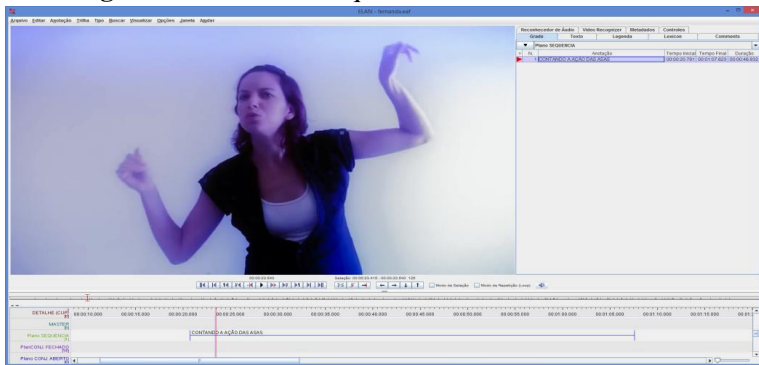


Fonte: Desenvolvido pelo autor.

No Plano Máster é a câmera fixa, que acompanha o giro em torno das personagens. Logo após, podemos continuar mudando do local da câmera para filmar as cenas das personagens. Nesses três vídeos analisados, não foi encontrado esse tipo de plano.

Plano Sequência é o enquadramento que mostra diversos tipos de cenas acompanhando os personagens e também nas ações do ambiente, sem corte e sem edição, porém a câmera possui os movimentos de vários ângulos e dimensões. A Libras também possui os movimentos e ângulos, pois a câmera está fixa e as narrativas visuais acompanham as personagens e as ações. Apesar de o vídeo de Rimar Segala não apresentar esse tipo de Plano Sequência, nos demais vídeos encontramos pequenas cenas que mostram os movimentos e ângulos, sem cortes e sem edições.

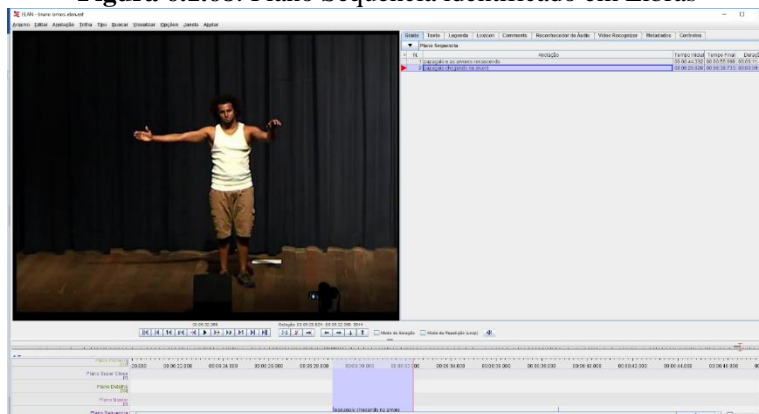
Figura 6.1.67: Plano Sequência identificado em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Na Figura 6.1.67, representam-se as cenas em que o personagem movimentava as dimensões e ângulos, em que nessas ações voa até o local se movimentava explorando a Avenida de Copacabana, o Pão de açúcar, o Cristo Redentor e continua voando.

Figura 6.1.68: Plano Sequência identificado em Libras

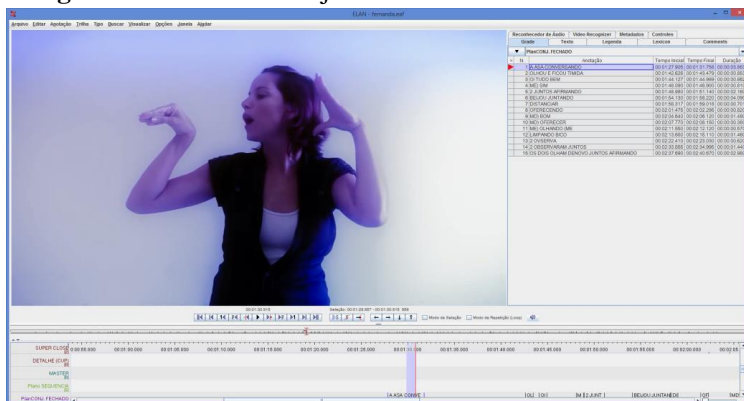


Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Percebemos que neste vídeo acima está representada a cena em que o papagaio estava voando no alto, voa mais longe e, de repente, voa até o galho da árvore, pois o braço antropomorfiza o galho da árvore se balançando quando o papagaio sentou.

Plano Conjunto Fechado é o enquadramento usado nas cenas com menos de três personagens. A Libras apresenta a mesma forma, só que no momento, as vezes, apresenta a forma da configuração de mão utilizada por dois personagens.

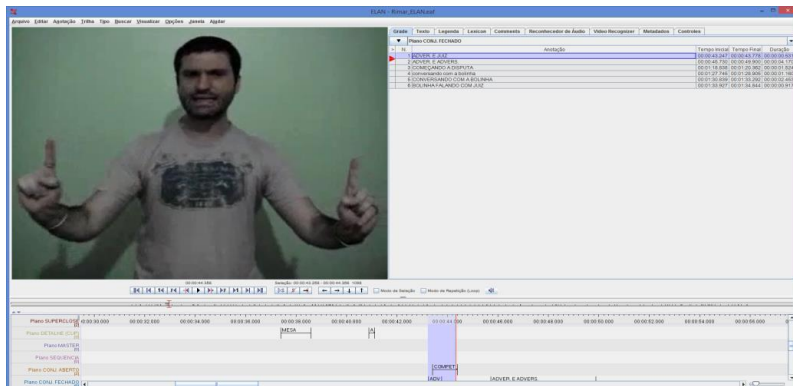
Figura 6.1.69: Plano Conjunto Fechado identificado em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Essa imagem acima, representa os pássaros dialogando, situação em que surge um teste de voz para confirmar se o outro pássaro é surdo.

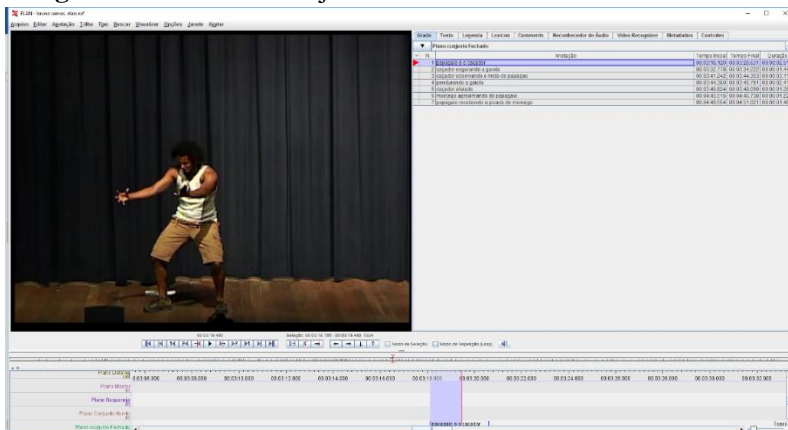
Figura 6.1.70: Plano Conjunto Fechado identificado em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Na figura acima, representa-se dois personagens disputando o torneio do ping-pong e o juiz no meio.

Figura 6.1.71: Plano Conjunto Fechado identificado em Libras

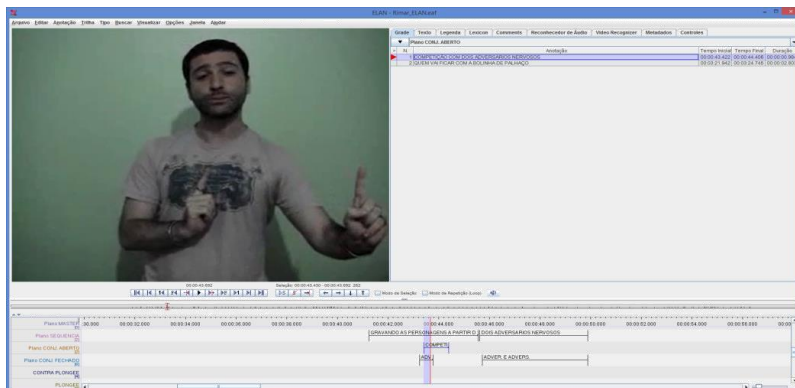


Fonte: Desenvolvido pelo autor.

No vídeo *O Papagaio Rei*, representa o enquadramento de dois personagens, situação em que se mostra o caçador tentando pegar o papagaio.

Plano Conjunto Aberto é o enquadramento de cenas utilizando mais de quatro personagens. A Libras também usa essa forma de representação, compondo o cenário onde as personagens se encontram por complementação. Dessa forma, imaginativamente, o espectador constrói a cena. Nos vídeos *Voo sobre o Rio* e *O Papagaio Rei* não possuem esse tipo de plano.

Figura 6.1.72: Plano Conjunto Aberto identificado em Libras

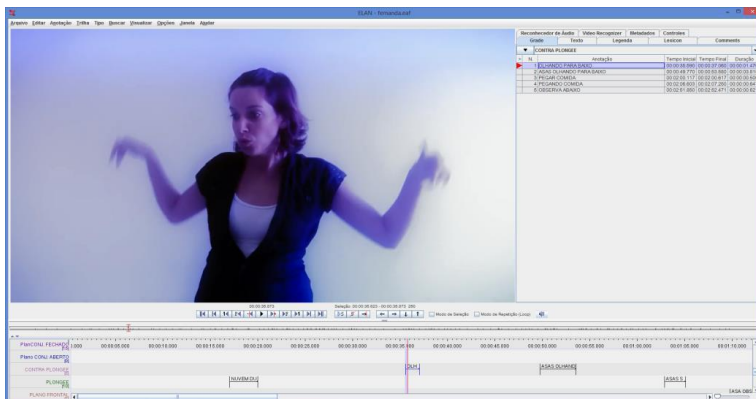


Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Nas imagens acima, podemos perceber, num mesmo cenário, uma narrativa que mostra os quatro personagens, dois adversários, um juiz, a bolinha e as pessoas da arquibancada.

Contra *Plongée* é o enquadramento de cenas inclinadas, filmando os personagens de baixo para cima. Em Libras, quando o ator olha de cima para baixo, neste caso imaginamos a câmera visualizando de baixo para cima.

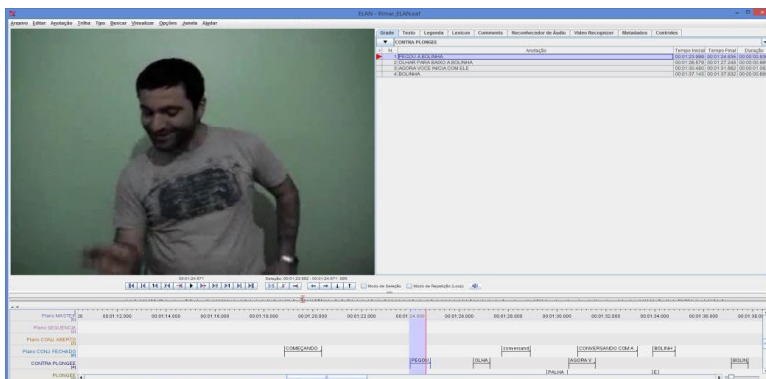
Figura 6.1.73: Plano Contra *Plongée* identificado em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Na Figura 6.1.73, representa-se a personagem que observa a situação com o olhar para baixo, como se a câmera fosse utilizada de baixo para cima.

Figura 6.1.74: Plano Contra *Plongée* identificado em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A imagem acima mostra a personagem que foi pegar a bolinha e, neste momento, imaginamos que o espectador esteja no lugar da bolinha vendo o juiz conversando com ela.

Figura 6.1.75: Plano Contra *Plongée* identificado em Libras

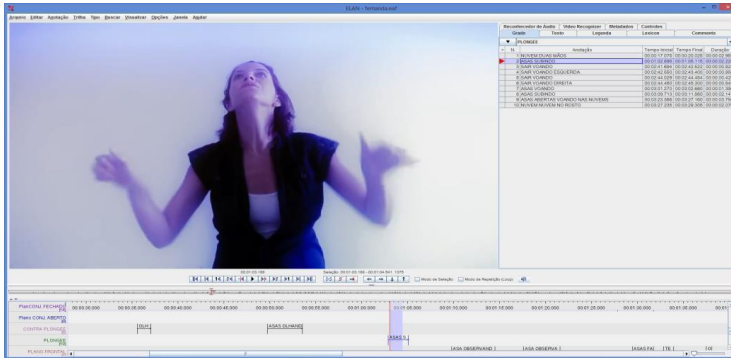


Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Na figura acima, o papagaio vê a situação que acontece lá embaixo, em que nas cenas anterior o caçador estava olhando para cima. O espectador, portanto, está no lugar do caçador, visto que o papagaio nos olha de cima para baixo.

Plongée é o enquadramento de cena em que os personagens ou objetos são inclinados de cima para baixo. A Libras apresenta os personagens de um ângulo superior, olhando para cima e nós vemos os personagens de cima para baixo, imaginando que a câmera estaria posicionada sobre o personagem.

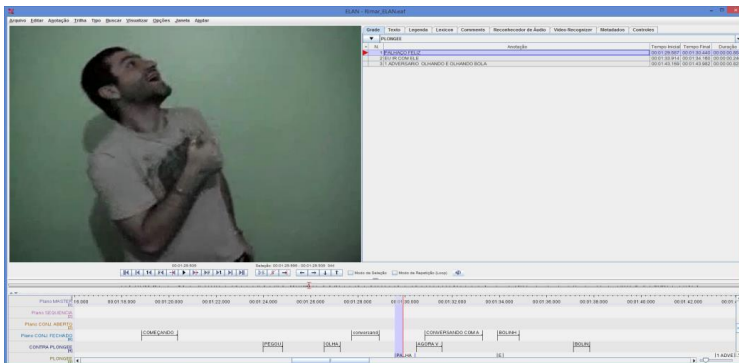
Figura 6.1.76: Plano *Plongée* identificado em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A figura acima representa o pássaro no alto observando para baixo onde acontece o local do ambiente.

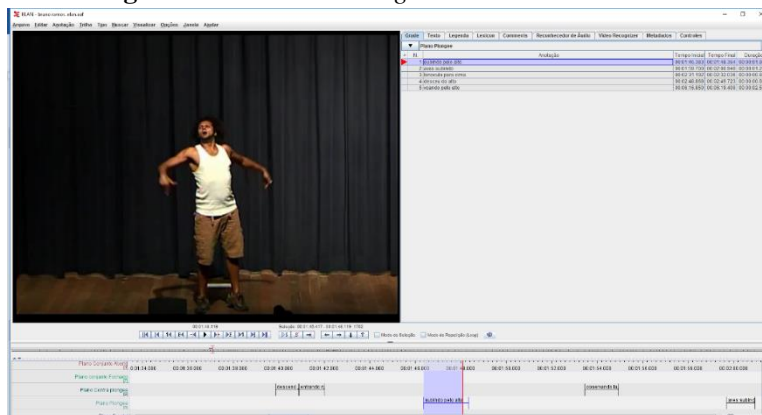
Figura 6.1.77: Plano *Plongée* identificado em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Na figura acima, o vídeo de Rimar Segala representa a personagem da bolinha olhando para cima afirmando positivamente para o juiz que a observa de cima para baixo.

Figura 6.1.78: Plano *Plongée* identificado em Libras

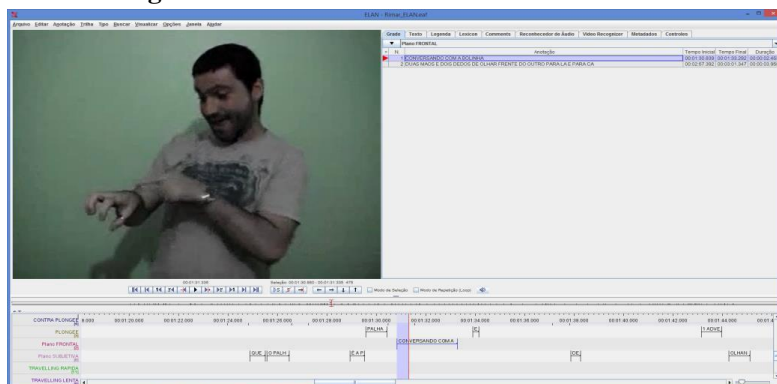


Fonte: Desenvolvido pelo autor.

O vídeo de Bruno Ramos apresenta os movimentos de pássaros voando para cima, mas para nós imaginarmos o movimento do voo de baixo para cima.

Plano Frontal é o enquadramento de cenas em que a câmera fixa está filmando as personagens de lado. Em Libras percebemos que alguns movimentos de braço e de corpo utilizam a representação desse plano, com a personagem de lado, porém o vídeo da autora Fernanda Machado não apresentou cenas com o Plano Frontal.

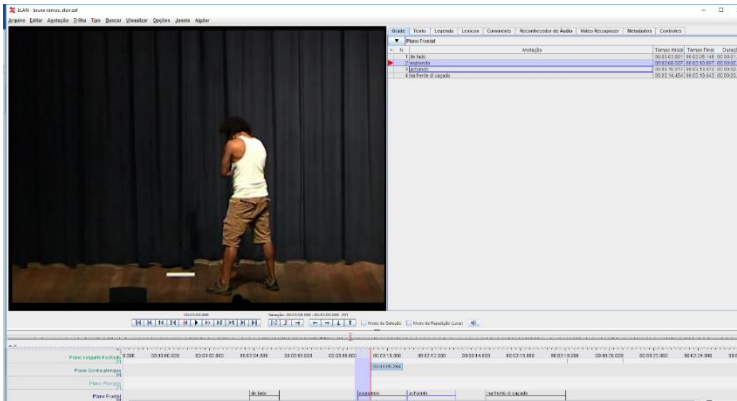
Figura 6.1.79: Plano Frontal identificado em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A figura acima mostra o juiz dialogando com a bolinha, com a câmera de lado.

Figura 6.1.80: Plano Frontal identificado em Libras

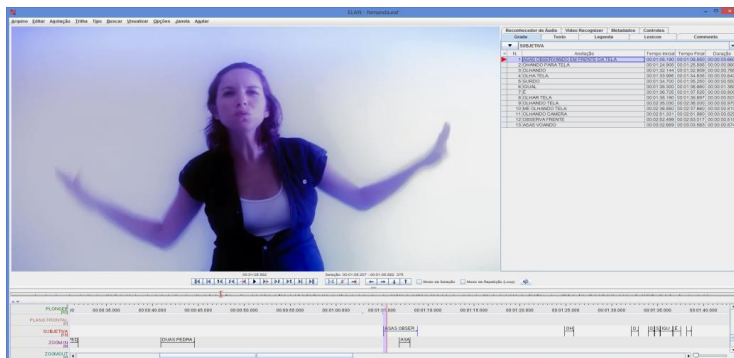


Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A figura acima representa o caçador de costas, escondido atrás das árvores e planejando a pegar o papagaio, com a câmera de lado.

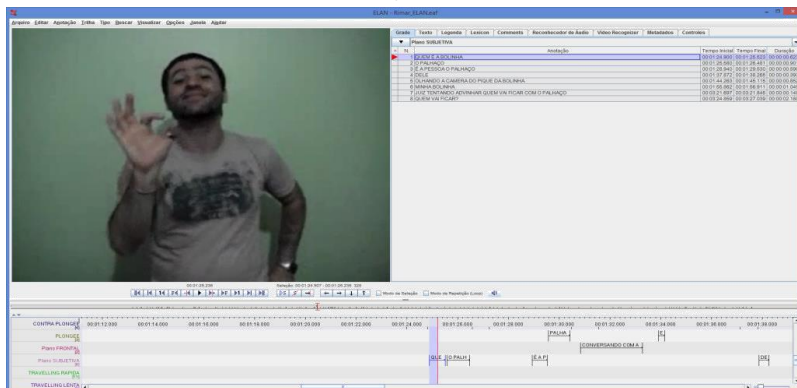
Plano Subjetivo é o enquadramento de cenas em que as personagens ficam de frente para a câmera olhando para nós. A Libras possui a mesma cena, em que os personagens olham para câmera.

Figura 6.1.81: Plano Subjetivo identificado em Libras



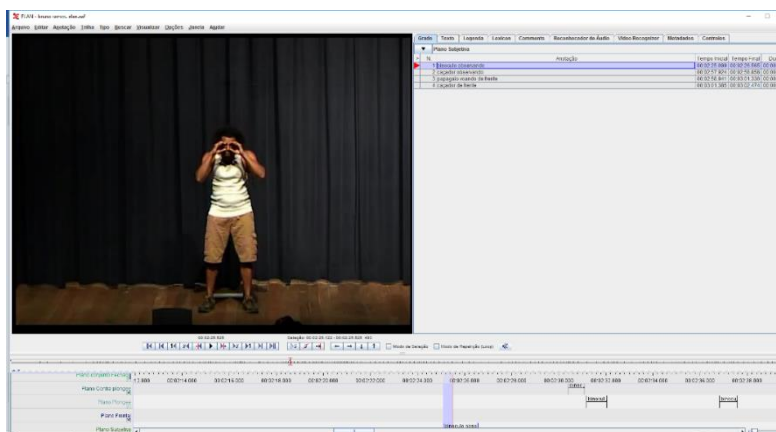
Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A figura acima representa a autora antropomorfizando o pássaro e olhando de frente para a câmera.

Figura 6.1.82: Plano Subjetivo identificado em Libras

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A figura acima representa a personagem do juiz perguntando para tela da câmera, usando o diálogo com os espectadores.

Figura 6.1.83: Plano Subjetivo identificado em Libras

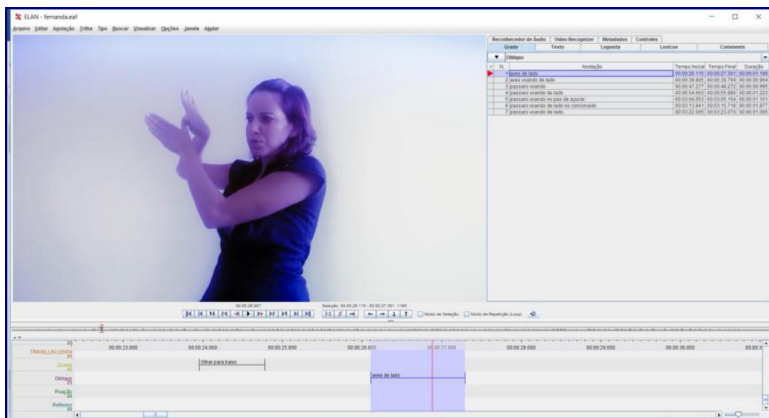
Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A figura acima representa o caçador que utiliza o binóculo para observar o pássaro na frente da tela.

O Plano Oblíquo é quando as cenas apresentam as personagens inclinadas ou um enquadramento desequilibrado, pois as cenas podem ser apresentar alguns objetos ou personagens de ponta da cabeça. A Libras

apresenta os movimentos de mãos inclinados que foca mais o espaço da expressão visual. Esse plano não foi identificado no vídeo do autor Rimar Segala.

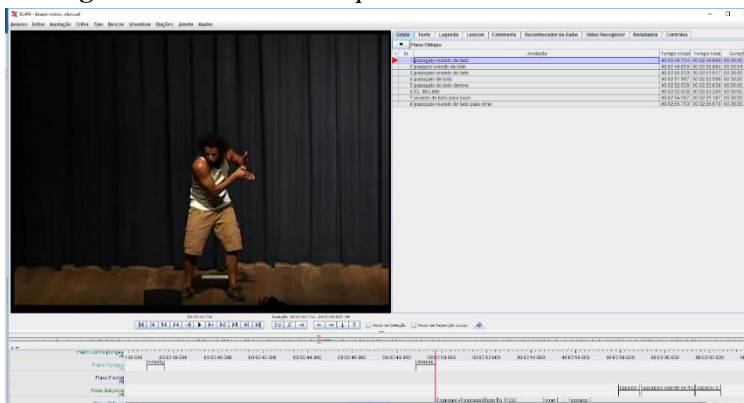
Figura 6.1.84: Plano Oblíquo identificado em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A figura acima representa o plano oblíquo, em que as cenas mostram o pássaro da forma inclinada.

Figura 6.1.85: Plano Oblíquo identificado em Libras

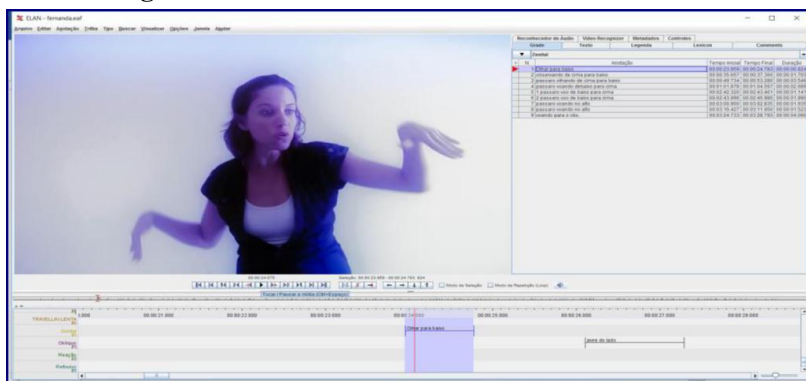


Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A figura do vídeo do autor Bruno Ramos representa o pássaro inclinado, isso é, a personagem voando de lado.

O Plano Zenital é o enquadramento que apresenta os planos onde a câmara visualiza a cena perpendicularmente de cima para baixo ou de baixo para cima, na modalidade Contra Zenital. A Libras representa as expressões dos planos zenitais quando a personagem possui o olhar perpendicular de cima para baixo e ou de baixo para cima.

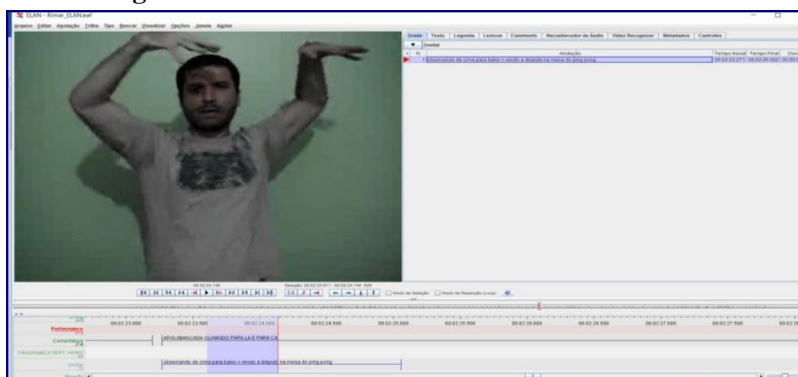
Figura 6.1.86: Plano Zenital identificado em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Na Figura 6.1.86, representa-se o enquadramento como se a câmara estivesse posicionada de cima para baixo, observando o pássaro voando de baixo para cima.

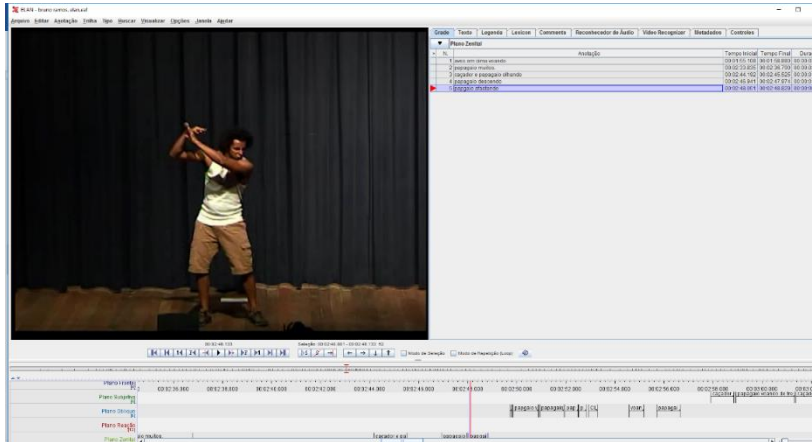
Figura 6.1.87: Plano Zenital identificado em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A figura acima, representa as mãos de cima para baixo, isso é a forma dos movimentos de olhar, em que as arquibancadas assistem competição da bolinha de ping-pong.

Figura 6.1.88: Plano Zenital identificado em Libras

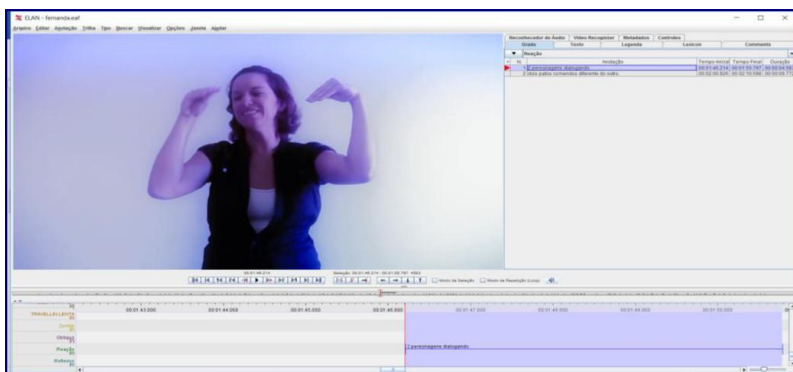


Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A figura acima, representa o autor antropomorfiza o olhar para baixo com as asas do pássaro ainda no alto.

O Plano Reação é o enquadramento das cenas em sequência que apresentam os personagens dialogando, pois as sequências acompanham as imagens entre duas personagens.

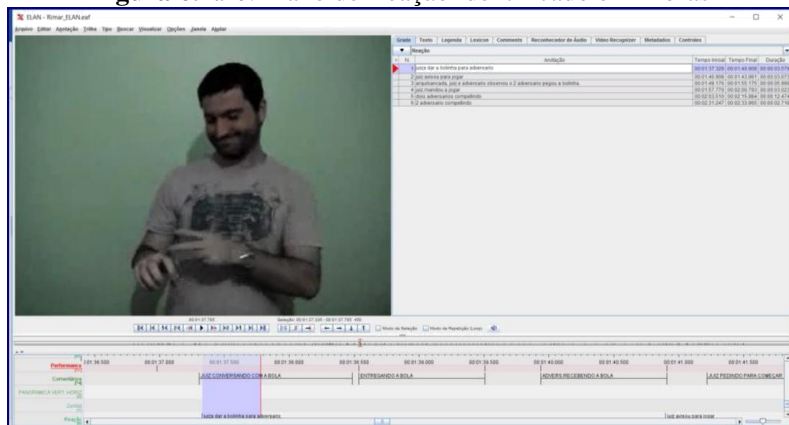
Figura 6.1.89: Plano de Reação identificado em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A figura acima representa a expressão de dois braços antropomorfizando o casal pássaros com a sequência de diálogo.

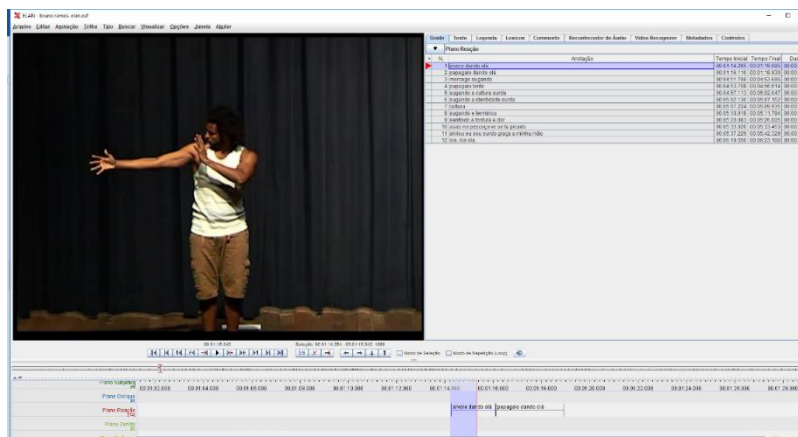
Figura 6.1.90: Plano de Reação identificado em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A figura acima representa que, antes de iniciar a competição, os personagens começam a dialogar. Para isso, o autor troca de papel dos personagens, identificando a diferença de cada um.

Figura 6.1.91: Plano de Reação identificado em Libras

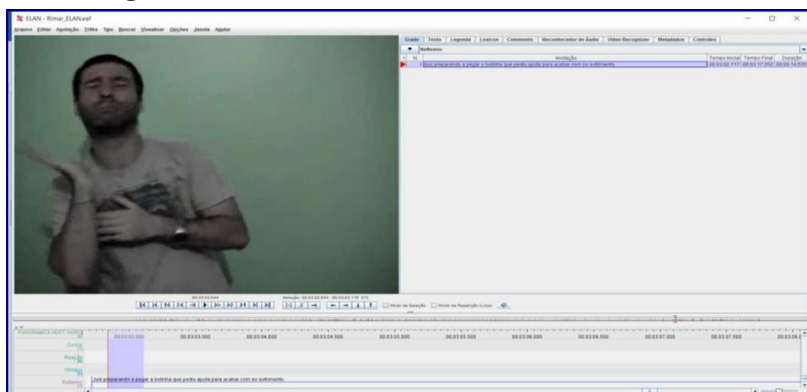


Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A figura acima representa a árvore dialogando com o pássaro no local em que estava sentado, no galho da árvore.

O Plano Reflexivo é o enquadramento de cenas que apresenta as personagens como os espectadores estivessem dentro do filme. Nesse plano, possuem diversas seqüências observadas pelo espectador dentro das cenas. A Libras possui o Plano Reflexivo, apresentando a antropomorfização de objetos e personagens que observam pela câmera em direção ao espectador. No vídeo da autora Fernanda Machado não foi identificado esse tipo de plano.

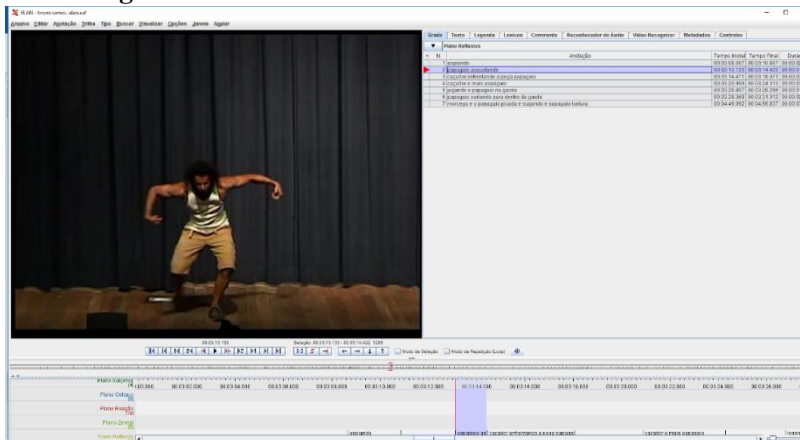
Figura 6.1.92: Plano Reflexivo identificado em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A figura acima representa a seqüência das personagens antropomorfizando o olhar para os espectadores, como se esses estivessem dentro das cenas.

Figura 6.1.93: Plano Reflexivo identificado em Libras



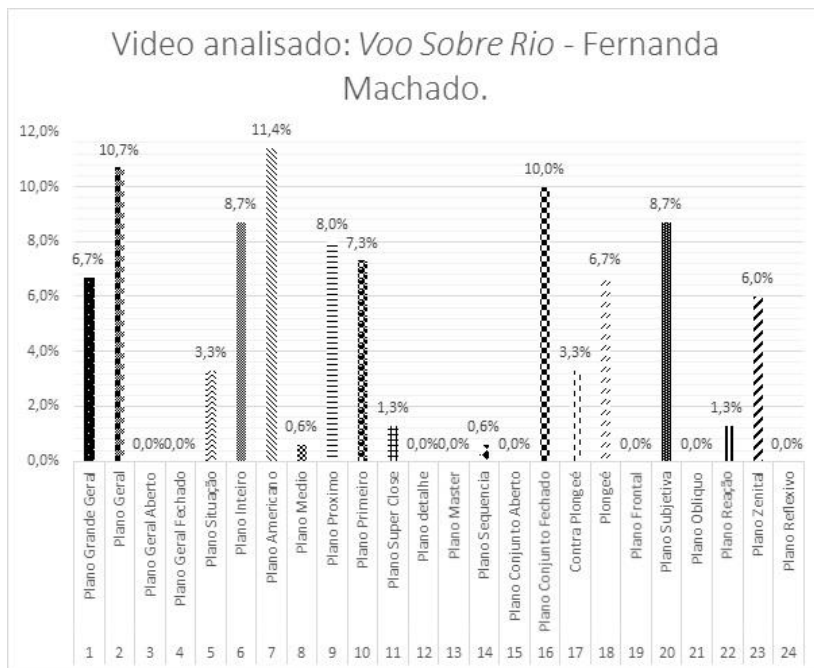
Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A figura acima representa o olhar para a tela, através de que compreendemos que o autor está antropomorfizando o personagem do pássaro na frente do espectador.

Todos os vídeos analisados acima apresentam diferentes exemplos dos planos. A maioria desses planos da linguagem cinematográfica não são encontrados nas narrativas em Libras, apesar de que as narrativas são expressões imagéticas visuais espaciais que buscam muitos resultados parecidos com a linguagem cinematográfica. Porém, todas as narrativas em Libras possuem planos porque o instrumento delas é a língua visual espacial da comunidade surda. Portanto, meu objetivo era verificar se havia planos da linguagem cinematográficas nas narrativas em Libras, o que se mostrou verdadeiro. A partir disso, apresento gráficos que mostram as diferenças na existência dos tipos de planos da linguagem cinematográfica.

Apresentamos abaixo os Gráficos com os usos dos tipos dos planos da linguagem cinematográfica presentes no vídeo de Fernanda Machado, *Voo sobre o Rio*:

Figura 6.1.94: Gráfico sobre o vídeo em Libras *Voo sobre o Rio*

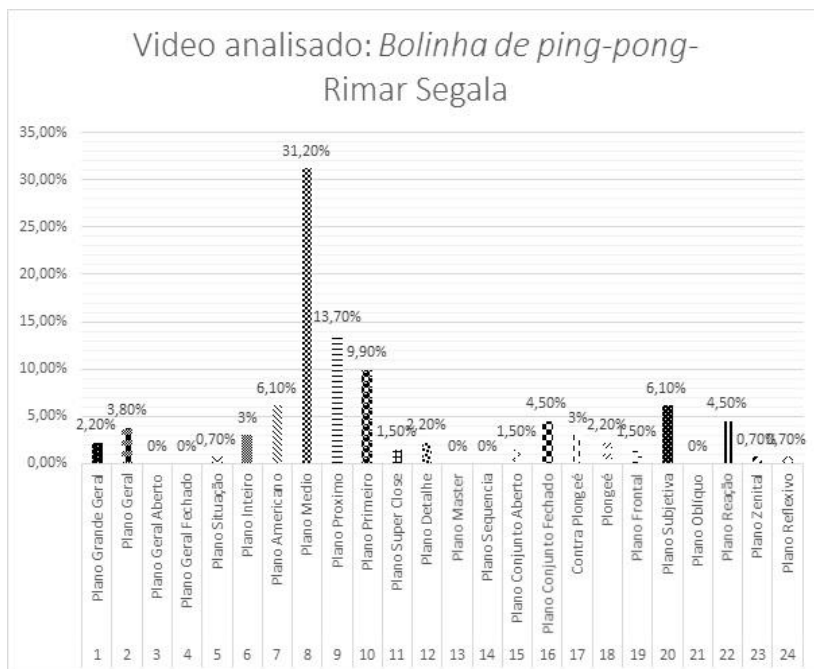


Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Vemos que esse vídeo apresenta uma minoria de planos que não foram usados na narrativa, porém a narrativa demonstra várias repetições dos planos da linguagem cinematográfica e a mesma expressão do movimento visual das asas. A narrativa *Voo sobre o Rio* possui mais o uso do antropomorfismo do pássaro, pois o pássaro é uma personagem que interage com outro pássaro com a mesma configuração do bico. Percebemos que há diferença de dois braços que apresentam duas personagens diferentes, uma fêmea e um macho. Essa narrativa é uma poesia que mostra uma história romântica, que também mostra a Cidade Maravilhosa e o namoro entre dois pássaros.

Apresento abaixo o gráfico de uso dos tipos dos planos da linguagem cinematográfica em Libras presentes no vídeo do autor Rimar Segala, *Bolinha de ping-pong*.

Figura 6.1.95: Gráfico sobre o vídeo em Libras *Bolinha de ping-pong*

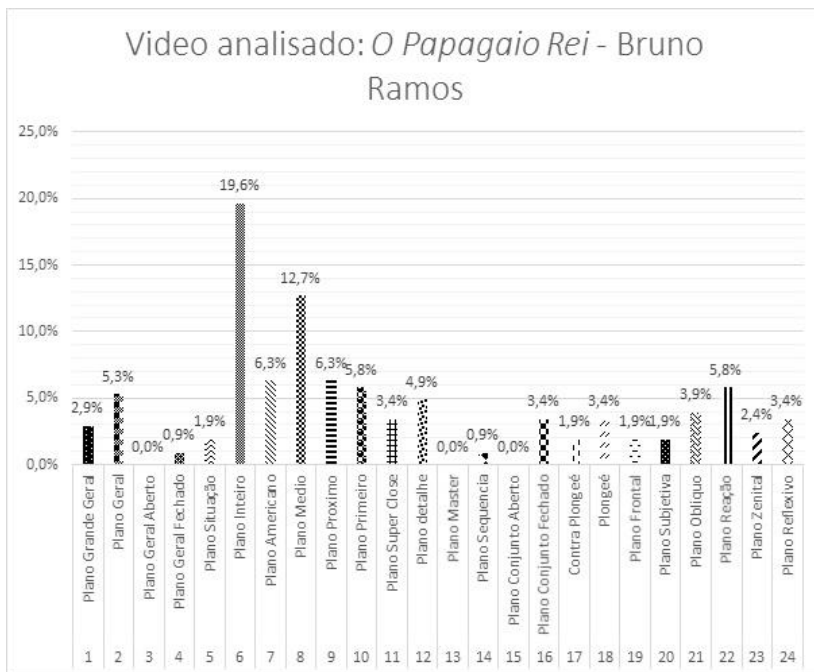


Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A linguagem cinematográfica do vídeo apresentou vários usos de planos da linguagem cinematográfica. Esse vídeo apresentou um maior número de usos de um tipo específico de plano, o plano médio, pois apresentava o personagem da cabeça até a cintura. Essa narrativa apresentou quatro personagens no vídeo: um árbitro, o adversário, o segundo adversário e a bolinha.

No último gráfico, iremos mostrar abaixo as informações dos planos da Libras utilizados na expressão visual específica do vídeo do autor Bruno Ramos *O Papagaio Rei*.

Figura 6.1.96: Gráfico sobre o vídeo em Libras *O Papagaio Rei*



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

No gráfico acima, podemos perceber que a narrativa apresentou uso de muitos planos. O Plano Inteiro foi o número de maior uso nesse vídeo, pois apresentava os personagens com o corpo inteiro. Essa narrativa apresentou três personagens nos vídeos: um caçador, papagaio, o terceiro, um morcego.

O gráfico mostra muitos usos de planos de linguagem cinematográfica através da expressão visual. As narrativas apresentaram uso de quase todos planos, porém o meu objetivo foi alcançado com a identificação dos usos dos planos da linguagem cinematográfica dentro desses vídeos em Libras.

Vejamos agora o gráfico dos maiores usos de planos da linguagem cinematográficas nos vídeos das três narrativas em Libras:

Figura 6.1.97: Os planos mais usados nos 3 vídeos narrativas em Libras



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Vemos que o plano Conjunto Fechado teve o maior número de recorrência nos três vídeos, porque esse plano apresenta o contexto do diálogo nas personagens das cenas e cada narrativa apresenta diálogos entre os personagens. Percebe-se com isso que as quantidades de planos da linguagem cinematográfica aqui encontrados espelham os usos que também podem ser encontrados em outras narrativas, apesar de que os valores podem variar. Além disso, não foram encontrados os usos dos planos Plano Geral Aberto e Plano Master, mas podem ser encontrados em outras narrativas.

A seguir, são apresentadas as conclusões deste trabalho.

7. CONCLUSÃO

Nesse trabalho foi abordado um tema relevantes nas pesquisas da área de Estudos da Tradução, mais especificamente, nos estudos das Línguas de Sinais. Os Planos Cinematográficos em Libras, seguem a ótica da intersemiótica.

O decorrer das experiências da pesquisa foi um momento agradável, pois foi começando o conhecimento de uma bibliografia consistente, entrei em contato com um autor falando, acompanhamos novamente o outro livro, assim por diante, e, com isso, de que o trabalho vem acolhendo os novos conhecimentos e novas oportunidades de experiências. Percebemos que algumas informações muito interessantes e profundas sobre a minha área, as Línguas de Sinais, fortaleceram o meu aprendizado muito mais do que antes. As áreas da linguagem cinematográfica também nos deram uma forma de perceber o mundo visual muito semelhantes à Língua de Sinais. Apesar disso, as maiores dificuldades enfrentadas foram a falta de poder dialogar sobre as leituras de maneira mais profunda em meu próprio idioma.

Cumpridos os objetivos da pesquisa através de leituras bibliográficas e análises dos dados, na análise quantitativa percebemos a existência e a frequência dos usos de planos da linguagem cinematográfica muito além do que as descobertas em outras pesquisas do gênero.

Ao longo deste trabalho, pude notar que claramente que as narrativas que envolvem os usos dos planos na expressão em Libras, por suas semelhanças com a estrutura de um filme. Porém, para saber se a percepção dessas estratégias é conscientizada pelos expectadores preciso realizar outros estudos.

Os surdos têm as suas emoções despertadas através de suas experiências visuais desenvolvidas na percepção imagética e têm, culturalmente, o prazer e a necessidade de contar suas histórias em Libras, como no uso do espaço visual e utilizando os movimentos com uso de planos da linguagem cinematográfica, portanto, percebe-se que é muito coerente que suas narrativas expressem a riqueza da percepção visual como ferramenta em prol do objetivo de transmitir suas subjetividades.

Apresentamos como os tipos de planos da linguagem cinematográfica nas seguintes categorias: 1) Plano Grande Geral, 2) Plano Geral, 3) Plano Geral Aberto, 4) Plano Geral Fechado, 5) Plano Situação,

6) Plano Inteiro, 7) Plano Americano, 8) Plano Médio, 9) Plano Próximo, 10) Plano Primeiro, 11) Plano *Super close*, 12) Plano Detalhe, 13) Plano Master, 14) Plano Sequência, 15) Plano Conjunto Aberto, 16) Plano Conjunto Fechado, 17) Contra *Plongée*, 18) *Plongée*, 19) Plano Frontal, 20) Plano Subjetivo, 21) Plano Oblíquo, 22) Plano Zenital, 23) Plano Reação e 24) Plano Reflexivo.

Percebemos que as narrativas em Libras, além do apresentado em pesquisas anteriores, não contêm somente um plano ou só cinco planos, pois até aqui identificamos outros tipos de planos das linguagens cinematográficas nos vídeos das narrativas em Libras, pois lhes são expressões visuais imagéticas próprias. Através disso, a sinalização dos espaços visuais, expressões faciais e corporais e movimentos estão incorporados no modo de ver o mundo do Ser Surdo.

Portanto, os planos são usados nos seus diversos tipos para enquadrar as cenas, imagens, ambientes e espaços cinéticos também em Libras, que apresenta o uso dos planos como o uso da expressão sinalizada. Assim, a comunidade surda consegue recriar imaginativamente e sensibilizar-se com a expressão sinalizada visual e espacialmente através do filme.

Os planos da linguagem cinematográfica podem ser pensados como enquadramentos de câmera que visualizam as cenas para sensibilizar aos espectadores. Da mesma forma, em Libras também causa a mesma sensação de visualizar a expressão visual imagética. Por isso, identificamos a possibilidade de haver outros planos nos vídeos das narrativas em Libras e apresentamos os resultados, demonstrando acima a forma como são utilizados os planos da linguagem cinematográfica na utilização da expressão imagética em Libras.

Até aqui identificamos 484 usos dos planos da linguagem cinematográfica nas narrativas analisadas. Acreditamos que em outras narrativas em Libras, como as expressões visuais sinalizadas, devem também ter o uso dos tipos de planos, pois precisam mobilizar as expressões imagéticas através dos espaços para os espectadores perceberem a sensibilização visual, o que é agradável ao visualizar e aprender aspectos da forma de sinalizar nos espaços, como classificadores e antropomorfismos.

Nas tabelas apresentadas comprova-se a frequência com que alguns dos tipos de planos citados aparecem. Na narrativa em Libras da autora Fernanda Machado *Voo sobre o Rio* foram encontrados: Plano Grande Geral, Plano Geral, Plano Situação, Plano Inteiro, Plano Americano, Plano Médio, Plano Próximo, Plano Primeiro, Plano *Super*

close, Plano Sequência, Plano Conjunto Fechado, Contra *Plongée*, *Plongée*, Plano Subjetivo, Plano Oblíquo, Plano Reação e Plano Zenital.

Já no vídeo da narrativa de Rimar Segala *Bolinha de ping-pong*, apareceram também os planos: Plano Grande Geral, Plano Geral, Plano Situação, Plano Inteiro, Plano Americano, Plano Médio, Plano Próximo, Plano Primeiro, Plano *Super close*, Plano Detalhe, Plano Conjunto Aberto, Plano Conjunto Fechado, Contra *Plongée*, *Plongée*, Plano Frontal, Plano Subjetivo, Plano Reação, Plano Zenital e Plano Reflexivo.

O último vídeo analisado, *O Papagaio Rei*, do autor Bruno Ramos, mostra os seguintes planos: Plano Grande Geral, Plano Geral, Plano Geral Fechado, Plano Situação, Plano Inteiro, Plano Americano, Plano Médio, Plano Próximo, Plano Primeiro, Plano *Super close*, Plano Detalhe, Plano Sequência, Plano Conjunto Fechado, Contra *Plongée*, *Plongée*, Plano Frontal, Plano Subjetivo, Plano Oblíquo, Plano Reação, Plano Zenital e Plano Reflexivo.

Nas três narrativas **não** se encontrou os seguintes planos: Plano Geral Aberto e Plano Master, porque apresentam um enquadramento diferente que talvez a Libras não expressou pela própria característica da expressão sinalizada, mas isso é uma investigação futura. Portanto, em Libras, seria necessário e fundamental que o autor surdo possa contar as narrativas para o seu receptor através dos planos da linguagem cinematográfica.

Observamos que, diferentemente do cinema onde existem mais tipos de câmeras que focam diversos planos, a necessidade básica para as expressões em Libras não é um enquadramento usando uma câmera fixa, com um espaço para expressão do sinalizante, que consiste em um palmo acima da cabeça, lateral com braços semi-abertos e do tronco até o quadril, e sim uma multiplicidade de câmeras, possibilitando uma variedade de enquadramentos, pois a criatividade do autor e sua riqueza imaginativa ao usar as estratégias da sua língua já contém os elementos necessários a tal proeza.

Para finalizar, concluímos que as produções narrativas que se utilizam das ferramentas da linguagem cinematográfica em Libras atraem os receptores surdos, pois os autores surdos que contam as suas narrativas conseguem se expressar e representar diversos tipos de personagens usando o antropomorfismo, classificadores, diálogos entre os personagens de forma mais eficiente e transmitir com mais clareza e de modo artístico as suas experiências. Por isso, esse conhecimento desenvolvido a partir das características visuais da Língua de Sinais pode contribuir para a ampliação do uso dessas técnicas para desenvolvimento de estratégias para a educação à distância, para a criação de mecanismos

mais adequados às histórias infantis, além de poder ser usado para diversificar as estratégias de usos nas narrativas de adultos surdos, contribuindo para divulgação da comunidade e cultura surda.

8. REFERÊNCIAS

ALCOFORADO, Doralice Fernandes Xavier. **Do Folclore à cultura popular**. Revista Boitatá. Universidade Estadual de Londrina, Londrina - PR, 2008 p. 176 - 179.

AUMONT, Jacques *et al.* **A estética do filme**. Tradução Marina Appenzeller. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2009.

ANDRADE, Betty Lopes. **A tradução de obras literárias em língua brasileira de sinais – antropomorfismo em foco**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

BAHAN, B. *Face-to-Face Tradition in the American Deaf Community: Dynamics of the Teller, the Tale, and the Audience*. In: BAUMAN, D. L., NELSON, J. L. e ROSE, H. M. *Signing the Body Poetic: Essays on American Sign Language Literature*. 1. ed. Los Angeles: UC PRESS, 2006, cap. 2, p. 21-50.

BAUMAN, Dirksen. **Getting out of Line: Toward a visual and Cinematic poetics of ASL**. In: BAUMAN, Dirksen; NELSON, Jennifer; ROSE, Heidi (Ed.) *Signing the Body Poetic*. Oakland, CA: University of California Press, 2006.

BERNADET, Jean-Claude. **O que é cinema**. Primeiros passos. v. 10. SP: Brasiliense, 1980.

BISOL, Cláudia. *Tibi e Joca: uma história de dois mundos*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.

CAMPELLO, Ana Regina. **A Pedagogia visual na educação dos surdos**. Tese (Doutorado em Educação). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

DINIZ, Thaís Flores Nogueira. **Tradução intersemiótica: do texto para a tela**. *Cadernos de tradução*, nº 3. Florianópolis: UFSC, 1998.

FELICIO, Márcia D. **O surdo e a contação de histórias – análise da interpretação simultânea do conto “sinais no metrô”**. (Dissertação) Mestrado em Estudos da Tradução. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

GIL, Antonio C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HESSEL, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir Becker. *Cinderela Surda*. Canoas: ULBRA, 2003.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Produções culturais de surdos**: análise da literatura surda. Cadernos de Educação. Pelotas: 2010.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Literatura Surda**. ETD. Educação Temática Digital, v. 7, 2006.

KLAMT, Marilyn M. Tradução comentada do poema em língua brasileira de sinais “Voo sobre rio”. *Belas Infieis*, v. 3, n. 2, p. 107-123, 2014.

KLEIN, Madalena.; ROSA, Fabiano Souto. **O que sinalizam os professores surdos sobre literatura surda em livros digitais**. *Cultura Surda na contemporaneidade negociações, intercorrências e provocações*. Canoas - RS: ULBRA, 2011. p. 91-112.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix - USP, 2007.

NATHAN LERNER, M.; FEIGEL, D. *The heart of the hydrogen jukebox*. New York: Rochester Institute of Technology. 2009. DVD.

NOGUEIRA, Luís. **Planificação e Montagem**. *Manuais de Cinema III*. Covilhã: LabCom, 2010.

MACHADO, F. de A. **Simetria na Poética Visual na Língua de Sinais**. (Dissertação) Mestrado em Estudos da Tradução. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012

MOURÃO, Cláudio H. N. **Literatura Surda: Produções Culturais em Línguas de Sinais**. (Dissertação) Mestrado em Educação. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

PIMENTA, Nelson. **A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da Libras.** (Dissertação) Mestrado em Estudos da Tradução. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

PIMENTA, Nelson. **Seis Fábulas de Esopo em LSB.** v. 1. Rio de Janeiro: Editora LSB Vídeo, 2002. Livro digital em DVD.

QUADROS, Ronice Muller de; SUTTON-SPENCE, Rachel. **Poesia em Libras: traços da identidade surda.** In: QUADROS, R. M. de (Org.). Estudos Surdos I. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2006, p. 110-165.

RODRIGUES, Chris. **O cinema e a Produção: para quem gosta, faz ou quer fazer.** 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

ROSA, Fabiano Souto; KLEIN, Madalena. Literatura Surda: Marcas Surdas Compartilhadas. In: XI Encontro de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.

ROSA, Fabiano Souto ; KARNOPP, Lodenir Becker. *Patinho Surdo.* Canoas: Ed. ULBRA, 2005.

ROSA, Fabiano Souto ; KARNOPP, Lodenir Becker. *Adão e Eva.* Canoas: Ed. ULBRA, 2005.

ROSSI, CLÓVIS, KNAPP, WOLFGANG; BERNARDET, JEAN-CLAUDE. **O que é Jornalismo, editora, cinema.** Col. Primeiros Passos. v. 10. São Paulo: Brasiliense, 1980.

SCHALLENBERGUER, Augusto. **Ciberhumor nas comunidades surdas.** Mestrado em Educação. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

SKLIAR, Carlos (Org.) **A Surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre, Mediação, 2005.

SILVEIRA, Carolina Hessel; **Literatura Surda: Análise da circulação de piadas clássicas em Língua de sinais.** Tese (Doutorado em

Educação). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

SILVEIRA, Carolina Hessel; ROSA, Fabiano Souto; KARNOPP, Lodenir Becker. *Rapunzel Surda*. Canoas: ULBRA, 2003.

SUTTON-SPENCE, Rachel; NAPOLI, Donna Jo. **Anthropomorphism in Sign Languages: A Look at Poetry and Storytelling with a Focus on British Sign Language**. *Sign Language Studies*, v. 10, n. 4, Summer 2010, p. 442-475. Gallaudet University Press.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC. 2008.

VASCONCELLOS, Maria Lúcia. **Estudos da Tradução**. Curso de licenciatura em Letras Libras. Florianópolis: UFSC, 2008.

WULF, Alyssa.; DUDIS, Paul; **Body Partitioning in ASL Metaphorical Blends**. *Sign Language Studies*, v.5, n.3, Springer 2005, p.317-322. Gallaudet University Press.

8.1 - SITES, VÍDEOS E IMAGENS

AKATON. Câmera Cotidiana Circuito. Sala de Aula – Classificação do Plano. Goiás. Disponível: <http://cameracotidiana.com.br/saladeaula/site/wp-content/uploads/2013/07/planos-1.jpg>

AKATON. Câmera Cotidiana Circuito. Sala de Aula – 3 Elementos narrativos do cinema. Goiás. Disponível: <http://cameracotidiana.com.br/saladeaula/tema/plano-sequencia/>

BEF. Murray, Shot types – extreme close -up – XCU . Disponível: <https://befbtecwhoop.files.wordpress.com/2014/10/tips-to-get-perfect-eyebrows-for-eye-makeup.jpg> . 2014.

BRANDANI, Walter. [Walterbrandani.it](http://walterbrandani.it) - La Famiglia Bélier. Disponível: <http://walterbrandani.it/wp->

content/uploads/2015/04/belier.jpg <http://www.fondosgratis.mx/imagenIt em/8968/1024/na arhetlicht.jpg> 2015.

CAHU vídeo .Blog de Cahu – Filmes que retratam o câncer. Disponível: <http://blogdacahu.files.wordpress.com/2014/10/minhavidasemmim.jpg> 2014.

CAMPOS Magna. Blog Critica Cultural – Filme como estrelas na Terra. Disponível: http://cienciaecriticacultural.blogspot.com.br/2012_11_01_archive.html 2012.

Correio do Povo - Stallone anuncia último filme de Rambo este ano. Disponível: <http://www.correiodopovo.com.br/ArteAgenda/545577/Stallone-anuncia-ultimo-filme-de-Rambo-este-ano> 2015.

Editora Arara Azul. Materiais bilíngues Português/ Libras. Disponível: (<http://www.editora-araraazul.com.br/>), Copyright 2014.

Ehow; Jungle themed; Publicado no <https://br.pinterest.com/pin/216665432044506466/> acesso 2016.

KANTOR. Benjamin. The Cinematography of ‘Breaking Bad’ – Part 1 – Lighting . Disponível: http://cinevenger.com/wp-content/uploads/2012/10/303_9.02.39_sm.jpg . 2012.

LEAL, Emerson. **Arte e foco – projeto cinema mudo**. Tijucas – SC 2012. Disponível: <http://arteemerson.blogspot.com.br/2012/10/projeto-cinema-mudo.html>. Acesso: 24/10/2012.

LIGHTROOM Brasil. Movimentos de Câmera – Introdução . Disponível: <http://www.lightroom.com.br/wp-content/uploads/2012/01/PLONGEE.jpg> 2012.

LIPKA Tiago, Blog do Shitchat – DRIVE. Disponível: <https://blogdoshitchat.files.wordpress.com/2013/05/drive5.jpg?w=584> 2013.

ORIENTE , Fernando. Tudo vai bem – 38º Mostra Internacional de cinema em São Paulo: Dicas e apostasy. Disponível: <https://tudovai Bem.files.wordpress.com/2014/10/acima-das-nuvens.jpg> 2014.

MACHADO, Fernanda Araújo. **Poesia – Voo sobre o Rio**. Isurdo. Disponível: <http://www.isurdo.com.br/Voo-sobre-o-rio/> Acesso: 2015.

MENDONÇA, Lucas. Cinema.com Rapadura - Personagem de Stellan Skarsgård retornará em Os Vingadores 2. Disponível: <http://imagens.cinemascomrapadura.com.br/2014/08/20140817-3078-copia.jpg> 2014.

MEDEIROS André F. Música Pave –Biting Elbows -Bad Motherfucker. Disponível: <http://musicapave.com/wp-content/uploads/biting-elbows-bad-motherfucker.jpg> 2013.

RAMOS, Bruno. **Os Craques do Libras - Festival de Folclore Sinalizado**. Repositório Institucional UFSC. 2015. Disponível: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/130150>

RODRIGUES, Alan. **O Patinho Surdo "LIBRAS"**. 2013. Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=hkbG_1YA-24

SAMPAIO, Alexandre. Blog Facetas do Cinema – Planos e Ângulos de Gravação. Disponível: <http://facetasdocinema.blogspot.com.br/2012/11/planos-e-angulos-de-gravacao.html>

Maxdesign VideoMarks tips and techniques O que é Plano Geral? Disponível: <http://www.maxdesign.com.br/transmissaoaovivopelainternet/wp-content/uploads/2014/10/plano-m%C3%A9dio-em-movimento.jpg> 2012.

SCHALLENBERGER, Augusto. **O Motoqueiro Surdo**. Literatura Surda. Disponível: <http://www.literaturasurda.com.br/musicvideo.php?vid=3992f68b5>

SEGALA, Rimar Ramalho. **Bolinha de ping-pong**. 2009. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqIjo>

SILVEIRA, Raphael. Dicas para fotos do celular como um profissional. Disponível: <https://pontodeouro.files.wordpress.com/2014/08/as-maiores-decepcoes-do-cinema-o-corvo.jpg>; 2014.

SIQUEIRA, Roberto. Cinema e debates - Tempos modernos (1936). Disponível: <https://cinemaedebate.com/2009/11/23/tempos-modernos-1936/> .2010.

SOLODZ, Cinema Blog. Publicado nesse site: Disponível: <http://www.cinemaniablog.com/post/7842/rio-impresionantes-primeros-dos-minutos-del-film-de-blue-sky> do ano 2011.

SWEETEN, Julia. Hooked on Houses - Jason Bateman's House in "The Change-Up". Disponível: <http://hookedonhouses.net/wp-content/uploads/2012/01/The-celadon-kitchen-in-The-Change-Up-movie.jpg> . 2012.

Vivo mais saudável. Veja como aparar a barba sem fazer feio. Disponível: <http://vivomaisaudavel.com.br/beleza/para-eles/veja-como-aparar-a-barba-sem-fazer-feio/> 25/10/2016.

Youtube, filme o Rio. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=hMA20PY35-A>; Acesso:2015.

Wikipédia: Tênis de Mesa; Disponível: http://www.wikiwand.com/pt/T%C3%AAnis_de_mesa Acesso 2015.